

NEVIL GORSKI

DE ALUNO A REITOR

O LEGADO DE NEVIL GORSKI





Centro Universitário Adventista de São Paulo

Fundado em 1915 – www.unasp.edu.br

Missão: Educar no contexto dos valores bíblico-cristãos para o viver pleno e a excelência no servir.

Visão: Ser um centro universitário reconhecido através da excelência dos serviços prestados, dos seus elevados padrões éticos e da qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

Administração da entidade
mantenedora

Presidente: Domingos José de Souza
Secretário: Udolcy Zukowski
Tesoureiro: Élnio Álvares de Freitas

Administração geral do
Unasp

Reitor: Euler Pereira Bahia
Pró-Reitora Acadêmica: Tânia Denise Kuntz
Pró-Reitor Administrativo: Élnio Álvares de Freitas
Secretário Geral: Marcelo Franca Alves
Diretor do Campus SP: Hélio Carnassale
Diretor do Campus EC: José Paulo Martini

Faculdade Adventista de
Teologia

Diretor: Emilson dos Reis

Faculdade Adventista de
Hortolândia

Diretor da Faculdade: Euler Pereira Bahia
Diretor Acadêmico: Ilson Tércio Caetano

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Editor:
Renato Groger

Editor Associado:
Rodrigo Follis

Conselho Editorial:
José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Eliseu de Souza,
Emilson dos Reis, Wilson Paroschi, Amin A. Rodor

A Unaspres está sediada no Unasp, Engenheiro Coelho.

NEVIL GORSKI

DE ALUNO A REITOR

O LEGADO DE NEVIL GORSKI

1ª EDIÇÃO
2011



UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 11 – Unasp
Engenheiro Coelho-SP 13.165-000
(19) 3858-9055

www.unaspres.unasp.edu.br

Editoração: Renato Groger, Rodrigo Follis
Programação visual e capa: Flávio Luís
Revisão: Thiago Basílio, Juliana Castro
Normalização: Giulia Pradela

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

1ª edição – 2011
3.000 exemplares

Todos os direitos em língua portuguesa reservados para a Unaspres. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Todo o texto, incluindo as citações, foi adaptado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

Processamento e restauração de imagens: Prof. Elder Hosokawa, com apoio de alunos e professores do Curso de Licenciatura em História — Unasp

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gorski, Nevil

De aluno a reitor : o legado de Nevil Gorski / Nevil Gorski. — 1. Ed. — Engenheiro Coelho, SP : Unaspres - Imprensa Universitária Adventista, 2011.

ISBN 978-85-89504-33-1

1. Adventistas - Educação 2. Centro Universitário Adventista de São Paulo - História
3. Educadores - Brasil - Autobiografia 4. Gorski, Nevil I. Título.

11-11366

CDD-370.9281

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação adventistas : Educadores
brasileiros : Biografia e obra 370.9281

Sumário

.....

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Apresentação..... | 7 |
| Prefácio..... | 13 |
| Dedicatória..... | 15 |
| Introdução..... | 17 |
| Influências do lar..... | 21 |
| Vida de estudante..... | 31 |
| Vida familiar..... | 49 |
| Vida profissional..... | 67 |
| Viagens..... | 109 |
| Homenagens e reconhecimentos..... | 147 |
| Vida de aposentado..... | 153 |
| Epílogo..... | 155 |

A p r e s e n t a ç ã o

Conheci o casal Gorski-Gnutzmann em inícios de 1983, quando cheguei para trabalhar na Divisão Sul-Americana, em Brasília. Naquela época, o pastor Nevil era o diretor de Educação e a Noemi trabalhava como recepcionista e telefonista.

Desde que os vi, senti que eram pessoas diferentes. Diferentes no trato, diferentes em viver sua religiosidade, diferentes ao enfrentar os problemas da vida. Eles pareciam estar sempre bem e tendo tudo sob controle. Isto, de certa forma, me intrigava porque eu sabia que as coisas para eles não eram tão fáceis assim.

Com o tempo, fiquei mais chegada e, sem perceber, passei a estar com eles dentro de sua casa, e eles dentro do meu coração.

Na vida do pastor Gorski, a lógica parece que não funciona. Como amostra, mencionarei apenas algumas contradições, como também alguns depoimentos de pessoas que o conheceram muito bem.

Sendo estudante, entrou numa das mais prestigiadas universidades do país, a Universidade de São Paulo (USP), e sem ter cursado os dois anos pré-universitários exigidos na época, normalmente feitos pelos candidatos à universidade, foi classificado no exame vestibular.

Um outro fato interessante é que, desde criança, sempre quis ser pastor; no entanto, as circunstâncias o levaram a graduar-se como professor. Porém, mesmo não tendo sido teólogo, foi consagrado pastor e chegou não só a lecionar arqueologia para os teologandos, mas a ser um dos diretores do curso de Teologia.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Ao conhecer sua história, o leitor perceberá que ele não teve muitos títulos acadêmicos; não obstante, chegou a ser o primeiro reitor da maior instituição do ensino superior que a Igreja Adventista tem no Brasil.

O pastor Gorski nasceu em Itararé, uma pequena cidade do interior de São Paulo, e o seu maior sonho era estudar no CAB. Começou, então, com apenas 12 anos de idade, a vender pão de madrugada nas ruas da cidade para poder custear o seu primeiro ano de internato. Desse modo, São Paulo se converteu na cidade que o abrigou por um maior número de anos. E sem ser oriundo de lá, foi homenageado pelo município, recebendo uma condecoração como cidadão paulistano.

Um dos seus professores prediletos foi o pastor Siegfried Júlio Schwantes. Quando perguntei a ele sobre o que mais lembrava do seu aluno, apesar de estar com mais de 90 anos de idade, o pastor Schwantes disse: “Através da bruma de um passado longínquo, me recordo de Nevil como um dos alunos que se destacavam por sua dedicação e seriedade. Ele fazia parte de uma trinca de alunos conhecidos por sua devoção aos estudos e conduta cristã. Seria fácil prever que o Nevil se distinguiria como uma das figuras mais brilhantes no campo da educação cristã.”

8

Decidi, então, ir para o outro extremo e perguntar a um dos seus alunos, o conhecido professor Roberto César de Azevedo que me disse: “Quando conheci o professor Nevil, ele era o meu professor de matemática. Uma mente brilhante, um excelente mestre! Com o decorrer do tempo, o professor Nevil acabou influenciando para que eu atuasse na vice-direção do nível colegial e fundamental, e isto alargou minha perspectiva profissional. Ele era hábil para iniciar carreiras e descobrir talentos. Outra dimensão do professor Nevil era seu cuidado em analisar os dados estatísticos e, a partir deles, planejar para o futuro. Não é qualquer um que tem estas qualidades juntas. Destacamos também sua paciência diante das crises e sua longevidade. Eu brincava com ele dizendo que estava planejando sua aposentadoria para só depois dos 100 anos de vida.”

Só mais um depoimento, agora o de um colega, o professor Euler Pereira Bahia, a quem ele entregou a reitoria do Unasp quando iniciou o seu processo de aposentadoria. Ele me disse, com inegável admiração pelo seu companheiro de trabalho: “Não há como se aproximar do círculo de convivência do Pr. Nevil e não se permitir ser influenciado, quer através de sua personalidade cativante, quer pela sua admirável simplicidade, ou mesmo pela generosidade de seu espírito. Sabe equilibrar a agilidade de pensamento de um visionário com a sensibilidade própria da alma de um autêntico educador.”

Sua paixão pela educação é tão intensa que chega a beirar os limites de uma santa obsessão. No convívio mais próximo que tive com ele observei que respira e transpira educação, ao ponto de não perceber o tempo passar; tal é a maneira deleitosa como ele aborda, desde as dificuldades até os planos e projetos, sempre presentes na vida de um administrador escolar. Tive o privilégio de algumas vezes viajar em sua companhia. Jamais me esquecerei dos detalhados relatos de experiências vividas, nas múltiplas funções que desempenhou. Cada fato dividido era uma lição de amor e de consagração à causa da educação adventista.

Poucas vezes o vi indignado. Quando isto aconteceu, foi devido a alguma resistência enfrentada quando pretendia ajudar a alguém vítima de alguma injustiça ou de uma circunstância probante, quando ele enxergava possibilidades de solução.

Compartilhamos muitos momentos ao sonhar juntos com o futuro radiante reservado à educação adventista, talvez em parte pela afinidade de formação, já que somos matemáticos. Entretanto, me sinto um privilegiado por ter aprendido muito de sua sabedoria, mansidão e idealismo: marcas que o colocam entre os grandes luminares da história da educação adventista!”

Isto é apenas uma pincelada da personalidade cuja história você encontrará nas páginas deste livro. Mas permita-me também falar sobre outra pessoa que não pode estar ausente e a quem o Pr. Nevil deve muito do que chegou a ser.

Dizem que sempre por trás de um grande homem há uma grande mulher. E, neste caso, essa regra se cumpre à risca. Excelente esposa e mãe, a Noemi é a advogada de defesa de todas as causas, até das perdidas. Sempre tem uma resposta ou uma solução original para qualquer problema que se possa ter. Mulher valente e corajosa, sempre enxergando o lado positivo das coisas, enfrenta qualquer desafio sem se importar com as dificuldades ou com o cansaço que isso possa lhe trazer. Por outro lado, possui um senso de humor que raramente se encontra em pessoas de sua idade. Essas características fazem dela uma mulher cativante com quem a gente pode passar horas batendo papo sem se cansar. Mas o que ela tem de melhor e maior é o coração. Ninguém bate à sua porta sem entrar ou voltar com aquilo de que precisava. Como casal, eles se complementam perfeitamente. A frase “feitos um para o outro” é absolutamente verdadeira; são os eternos namorados, aqueles de mãos dadas e beijos carinhosos a qualquer hora do dia.

Lembro-me de quando se mudaram de Brasília para São Paulo. Fiquei com um grande vazio. Sentia saudades daqueles olhos azul-celeste que só sabem olhar com amor. Sendo assim, comecei a visitá-los em São Paulo, mas sempre devia telefonar com antecedência para saber se haveria vaga no “Hotel Gorski”; como costumávamos chamá-lo, porque geralmente estava lotado.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Quando recebi o chamado para vir trabalhar no Unasp de São Paulo, na época IAE, aceitei feliz. Esses anos de uma convivência mais próxima fazem parte das lembranças mais lindas e doces de minha vida, ao ponto de chegar a adotá-los como meus pais do coração!

Lembro com saudades dos cultos da sexta-feira, dos deliciosos almoços aos sábados, com sorvete Ki-Gorski (feito em casa) de sobremesa. As pizzadas aos sábados à noite com uma tremenda bacia cheia de salada de frutas, num ambiente também cheio de garotos, de risadas, de bom humor; uma contínua e contagiante festa. Os meninos do internato iam chegando aos poucos; acho que o ambiente era mais aconchegante que o dormitório porque mesmo sem convite, eles chegavam lá.

Era sempre assim, a casa cheia de crianças e jovens, cheia de parentes e amigos, cheia de alegria e de sol. Cheia de amor. Por isso, amar aos Gorski não é difícil. Aliás, difícil mesmo é não gostar deles! Mas uma das coisas que sempre chamaram minha atenção era como eles faziam para alimentar tanta gente. Com o tempo, descobri que a resposta é uma só: a presença constante de Deus em suas vidas.

Quanto mais convivía com eles mais nítida aparecia em minha mente a ideia de escrever um livro sobre a vida do pastor. Ao ouvir suas experiências passadas, ao ver sua verdadeira paixão pela educação cristã, o seu empenho e seus sacrifícios para que mais jovens pudessem ter acesso a ela; ao ver como ele voltava com os olhos brilhando de felicidade após cada formatura, pensei que não seria justo esconder a história de um homem que jamais deixará de ensinar com palavras, ensinar com o exemplo, com seu passado, com sua vida.

Dos Gorski aprendi a humildade do serviço. Deles aprendi a arte de se doar sem medir esforços nem sacrifícios para ver os outros crescerem. Eles me ensinaram a arte da generosidade, de ter a porta da casa e do coração sempre aberta para mais alguém entrar. Com seu exemplo aprendi o real significado de ter a Deus em minha vida.

Colaborar com a edição e apresentação deste livro para mim tem sido mais que uma honra, tem sido um privilégio. Acredito que as palavras que melhor definem o pastor Nevil são as de Augusto Cury, no seu livro *O Mestre dos Mestres*¹: “Um bom mestre transmite conhecimentos com dedicação, porém um excelente mestre estimula a arte de pensar. Um bom mestre procura seus alunos porque quer educá-los, porém um excelente mestre os inspira para usarem

¹ CURY, A. **O Mestre dos mestres**: Jesus, o maior educador da história. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. (Col. Análise da inteligência de Cristo).

Apresentação

a inteligência e por isso é buscado por eles. Um bom mestre é valorizado e lembrado durante o tempo de colégio, enquanto um excelente mestre jamais é esquecido, marcando para sempre a história de seus alunos.”

Caro leitor, eu o convido a ler este livro. Através de suas páginas você poderá rir, chorar, refletir e, principalmente, aprender a viver. Tenho a certeza de que, após lê-lo, você ficará, em primeiro lugar, com sua fé renovada e a confiança de que tem um Deus que sempre, sob qualquer circunstância, estará cuidando de você. E, em segundo lugar, perceberá, que, se permitir que esse mesmo Deus esteja no comando de sua vida, poderá também contar uma história de êxito, no mínimo, parecida com a deste abençoado homem de Deus!

Da filha do coração,
Maria Cristina Fernández
(Diretora do Colégio Adventista de Concepción, Chile)

Prefácio

As lembranças do Pr. Nevil Gorski constituem um peculiar registro histórico que remonta ao século 19. Seus antepassados polaco-germânicos adentraram o Brasil na época da monarquia de D. Pedro II. Nasceu antes da era Vargas em Itararé, uma pequena cidade na fronteira de São Paulo com o Paraná. Testemunhou as revoluções de 1930 e 1932. Embora fosse um menino na época, guardou na memória informações que valem como fonte histórica.

Sua terra natal repleta de araucárias, nos Campos Gerais, era cortada por trilhos de uma ferrovia que interligava as regiões sul e sudeste do Brasil. Por ali circulavam viajantes ilustres, madeira de lei, charque e outras riquezas. Por essa época, a aviação ainda era incipiente no país, a navegação morosa e as estradas asfaltadas eram quase inexistentes.

Ainda em sua infância, Gorski viveu a ditadura do Estado Novo e, quando jovem, testemunhou a abertura política. Acompanhou a redemocratização do país, no século 20 e, ao assumir a reitoria do Unasp, na virada do milênio, experimentou os desafios e incertezas do início do século 21.

Como foi forjado espiritualmente e academicamente este líder educacional?

Até os dezoito anos, foi educado e influenciado por professores cristãos que o prepararam para enfrentar o questionamento de sua fé na exigente Universidade de São Paulo dos tempos da Missão Francesa, ainda hoje a melhor universidade pública da América Latina.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Para o historiador e jornalista norte-americano Henry Brooks Adams (1838-1918), “um professor influi para a eternidade; é impossível dizer até onde vai sua influência”. Gorski, além de professor, desempenhou funções administrativas. Seu magistério ocorreu numa das mais tradicionais instituições de ensino da capital paulista, onde foi aluno, professor, diretor e reitor. Por quinze anos, liderou a educação adventista na América do Sul. Multiplicou ainda mais sua influência no processo de fundação de instituições educacionais em países como Argentina, Brasil, Chile e Peru. Embora enfrentasse o constante desafio de preservar os valores cristãos num contexto de acirrada competição no ensino público-privado, manteve-se firme aos princípios. Sua atuação foi decisiva para a expansão do ensino superior adventista.

Conheci seus pais aos onze anos, como filho de pastor, em Itararé. Na época, meu pai me chamou, dizendo: “Venha visitar o pai do meu professor.” Recordo-me do seu “Willes”, um líder octogenário, ancião da única Igreja Adventista daquela cidade. Era alto, bem humorado e um cristão envolvido com sua comunidade. Foi exemplo de fé empreendedora dos pioneiros, fundando uma escola paroquial local que recebeu o seu nome. Sua mãe, Cornélia, era baixinha e laboriosa. Tinha uma conversa agradável e uma fé vigorosa. Dos filhos que tiveram, quatro tornaram-se pastores, entre eles Nevil. Tive o privilégio de tê-lo como diretor, reitor e amigo.

14

O pastor Nevil Gorski herdou dos pais sua dedicação a Deus. Na escassez de líderes educacionais arrojados, foi escolhido para “tal tempo” nos momentos cruciais de desenvolvimento da educação adventista na América do Sul.

Este livro registra a epopeia da criação do Centro Universitário Adventista de São Paulo, que, com pouco mais de dez anos, beira os quinze mil estudantes.

A educadora Ellen G. White (2001, p.177) escreveu: “Sob a liderança de homens sábios, prudentes, tementes a Deus, devem os estudantes ser ensinados. Cada ramo da obra deve ser dirigido do modo mais completo e sistemático que a longa experiência e a sabedoria nos capacitem a planejar e executar.”¹

Tais palavras se aplicam ao ministério evangelístico educacional do pastor Nevil, como atestam as páginas desta autobiografia. Ao longo de mais de sessenta anos de trabalho, não foi um líder intolerante, amargurado pelos sofrimentos que enfrentou. Aberto ao diálogo, num espírito desarmado, construiu e empreendeu sempre. Entregou seus maiores desafios aos cuidados de Deus. Viveu e realizou com uma coragem permanente e acesa.

Unicamente Deus poderá mensurar seu labor em prol da educação cristã.

Prof. Elder Hosokawa (Coordenador do curso de Licenciatura em História — Unasp)

¹ WHITE, E. G. **Conselhos sobre educação**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

D e d i c a t ó r i a

A Deus, em primeiro lugar, pelas bênçãos e orientações recebidas;
À minha querida e dedicada esposa, presente em todos os momentos;
Aos filhos e netos, pelas alegrias proporcionadas;
Aos colegas de trabalho, amigos e ex-alunos dedico este humilde trabalho
pelas contribuições que representaram no desempenho das funções que exerci
no ministério educacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Nevil Gorski

Introdução

Ao observarem a minha vida dedicada por longos anos à causa da educação adventista como professor, pastor e administrador, inúmeras pessoas me desafiaram a colocar em livro os fatos e as experiências vividas, que demonstram o quanto Deus foi bondoso para comigo e com a sua obra. Sempre resisti a tais sugestões, pois, como professor de Matemática, nunca tive inclinação para as letras.

Depois de minha jubilação oficial pela igreja, ocorrida em primeiro de março de 2001, tendo completado 57 anos ininterruptos de trabalho como educador, por solicitação do presidente do Conselho Deliberativo do Unasp, continuei prestando serviços em caráter de tempo parcial, por mais três anos, isto é, até completar o meu mandato legal como secretário do Conselho Deliberativo. Durante esse período, as sugestões anteriores se tornaram mais frequentes, considerando especialmente que isso seria uma forma de contribuir com informações básicas sobre a história e desenvolvimento da educação superior adventista em nosso país.

Como após a minha saída do trabalho o tempo se tornou mais favorável, e uma alma generosa se dispôs gentilmente a ocupar-se da organização e redação, decidi fornecer dados e relatar ocorrências com o pensamento de que, se isso viesse a prosperar, fosse para a glória de Deus, especialmente no sentido de incentivar os jovens a confiar na providência divina em seus planos para o futuro. À Cris, meu profundo agradecimento pelas horas que gastou ajudando-me na concretização desse propósito.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Em setembro de 1999, recebi um convite da Casa Publicadora Brasileira (CPB) para dirigir uma semana de oração aos seus funcionários e obreiros. Quando comecei a preparar meus sermões, depois de orar, me senti impelido a compartilhar o meu testemunho pessoal sobre o que Deus havia feito por mim e pela educação adventista durante toda a minha vida ao serviço da causa do Senhor.

Os cultos eram de manhã e, no período da tarde, acompanhado pelo pastor Natanael Batista, responsável pelas atividades espirituais da CPB, visitávamos os servidores de cada departamento e orávamos com eles. Foram momentos de muita alegria nesse convívio cristão.

No encerramento dessa semana tão abençoada, foi-me oferecido um quadro contendo, na forma de poesia, um resumo dos temas apresentados cada dia. A composição, de autoria da professora Grace Deana, encontra-se reproduzida logo a seguir, sob o título *Deus em minha vida*.

Depois de haver fornecido informações sobre a minha vida para o preparo deste livro, concluí, com absoluta certeza, que tudo o que realizei ou aconteceu comigo foi resultado da presença e do poder de *Deus em minha vida*.

Deus em minha vida

18

Desde os tempos de criança
Nos cuidados paternais,
Aprendendo as primeiras letras
E depois, nas lides educacionais,
Eu vi *Deus em minha vida!*

Tantos foram os desafios,
Mas tantas graças alcançadas...
E nos momentos de incerteza,
nas decisões tomadas,
Eu também vi *Deus em minha vida!*

Deu-me o Senhor muitas alegrias
Nestes anos já vividos.
E nas demonstrações de amor e de carinho,
nos atos de bondade recebidos,
Eu vi a bênção de *Deus em minha vida!*

Vêm os percalços da existência,
Tristezas, dores, jamais imaginadas.
E ao passar pelo vale das sombras,
Nas provações enfrentadas,
Senti *Deus em minha vida!*

Que recompensa nos dá o Senhor
Com as messes da seara, já colhidas!
E ao levar os jovens a Jesus,
Na alegria por almas redimidas,
Eu vi, com júbilo, *Deus em minha vida!*

Pastor Nevil:
A vida de um homem de fé
Quanta inspiração e exemplo contém.
Nossa gratidão pelas mensagens recebidas,
Pois nos dão a certeza também
De ver *Deus em nossa vida!*

“Versos dedicados ao Pr. Nevil Gorski, pela inspiração e exemplo de vida que trouxe aos servidores da CPB, com o tema da semana de oração: Deus em minha vida! — Grace Deana”.

Influências do lar

Acredito ser oportuno iniciar este livro com as palavras da mensageira do Senhor, Ellen White (2008, p.17)¹:

Todo lar cristão deve ter regulamentos; e os pais, em palavras e comportamento de um para com o outro, devem dar aos filhos um exemplo precioso e vivo do que desejam que eles sejam. A pureza da linguagem e a verdadeira cortesia cristã devem ser constantemente praticadas. Ensinai as crianças e os jovens a se respeitarem a si mesmos, a serem leais para com Deus, leais aos princípios; ensinai-os a respeitar e obedecer à lei de Deus. Esses princípios lhes regerão a vida e serão guiados em suas relações com os demais. Eles criarão uma atmosfera pura, cuja influência encorajará as almas débeis no caminho ascendente que conduz à santidade e ao Céu. Seja cada lição de molde a elevar e enobrecer o caráter, e os registros feitos nos livros do céu serão de tal natureza que vos não envergonhareis de contemplá-los no juízo. As crianças que recebem esta espécie de instrução [...] estarão aptas a ocupar lugares de responsabilidade e, por preceito e exemplo, estarão constantemente ajudando outros a procederem

1 WHITE, E. G. **O lar adventista**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

retamente [...]. Deus deseja que nossas famílias sejam símbolos da família do céu. Conservem pais e filhos em mente este fato cada dia, mantendo entre si relações de membros da família de Deus.

Minhas origens

Minha origem étnica envolve três países europeus: Polônia, Alemanha e Portugal. Meus avós paternos, João Cassemiro Gorski e Valéria Leocádia emigraram da Polônia. Ele, um verdadeiro amante de aventuras, no terceiro quarto do século 19 viajou para os Estados Unidos, tentando fugir do serviço militar em sua terra natal. Estando lá, ouviu que a América do Sul oferecia boas perspectivas para o futuro; fez as malas e viajou para Santiago do Chile. Mas também não ficou lá; cruzou logo os Andes, chegando a Buenos Aires, na Argentina. Ali teve boas notícias do Brasil e, sem pensar duas vezes, tomou um barco com destino a Paranaguá; dali viajou até Curitiba, a fim de juntar-se a uma colônia polonesa lá estabelecida, onde conseguiu trabalho como marceneiro, pondo, assim, fim a suas aventuras.

Mais ou menos pela mesma época, a família de Valéria desembarcava no Rio de Janeiro, fazendo parte de um grupo de imigrantes. Enquanto aguardavam indicação do itinerário que deviam seguir, ficaram hospedados num local providenciado pelas autoridades.

22

Como nesse tempo os imigrantes europeus eram muito bem-vindos, o próprio imperador costumava visitá-los na hospedaria. Numa dessas visitas, Dom Pedro II agradeceu-se da jovem Valéria e ofereceu-lhe trabalho temporário como ama de alguma criança da família real.

Passado o tempo necessário para todos os trâmites burocráticos, o grupo de poloneses recebeu autorização para viajar até Curitiba, a fim de juntar-se à colônia polonesa. Não demorou muito para que João e Valéria se encontrassem e, depois de um pequeno período de namoro, se casassem.

Em 22 de abril de 1891, nasceu-lhes o primeiro filho, ao qual deram o nome de Guilherme Luiz, que viria a ser o meu pai.

Meu avô João, procurando sempre novas oportunidades de trabalho, mudou-se para a cidade de Castro, onde meu pai Guilherme, pela primeira vez, aos dezessete anos de idade, ouviu algo sobre o evangelho ao assistir a reuniões evangelísticas da Igreja Presbiteriana.

Quanto aos meus avós maternos, sei apenas que ele, Rodolpho Zimmermann, era filho de alemães que haviam se estabelecido em Santa Catarina; e ela, Fortunata, era filha de portugueses estabelecidos em Porto Feliz, SP. Rodolpho e Fortunata se casaram e fixaram residência em Castro, no Paraná, onde em 16

de setembro de 1895, nasceu a que seria minha mãe — Cornélia Zimmermann. Em Castro, meu avô Rodolpho estabeleceu-se abrindo uma padaria.

Por volta da virada do século, estas duas famílias, sem conhecimento uma da outra, mudaram-se para Itararé, no estado de São Paulo.

Meu avô João Gorski, sendo católico, mantinha certa amizade com o líder católico de Castro, o qual, por sua vez, era amigo do pároco da Igreja Matriz de Itararé, que se encontrava em construção. Sentindo a necessidade de um marceneiro habilidoso para construir o nicho para a imagem da Nossa Senhora da Conceição em sua igreja, não encontrando profissional capaz na própria cidade, recorreu ao seu amigo de Castro. Este não hesitou em indicar o meu avô para a construção da referida obra de arte.

Depois de analisar a proposta recebida e considerando o fato de que se referia a um trabalho numa cidade nova e em franco desenvolvimento, decidi mudar-se para Itararé, onde estabeleceu a sua oficina de marcenaria.

Por outro lado, mais ou menos ao mesmo tempo, Rodolpho, vendo-se desprestigiado na cidade por haver-se associado a um movimento evangélico, ouvindo também boas notícias sobre Itararé, tomou igualmente a decisão de mudar-se para lá, onde, como padeiro, estabeleceria a sua padaria.

Trabalhando a serviço da marcenaria do seu pai, Guilherme, frequentemente passava pela padaria do senhor Rodolpho, tornando-se um assíduo cliente.

Além dos pães, sentiu-se logo atraído pelos olhares simpáticos da filha do dono, uma linda mocinha de olhos azuis. Certa vez, ao entrar na padaria, Guilherme observou na parede de madeira um pequeno orifício deixado por um nó de pinho, e nele um olho azul a observá-lo. A partir daí, as passagens pela padaria do senhor Rodolpho foram se tornando cada vez mais frequentes e mais demoradas.

Percebendo, depois de algum tempo, que o namoro dos dois jovens parecia seguro e que o moço, além de esbelto e simpático, era trabalhador, o senhor Rodolpho resolveu ter uma conversa com ambos. Os dois revelaram que as intenções eram sérias, porém Guilherme confessou que, no momento, não estava preparado financeiramente para assumir um casamento. Como o avô da noiva estava se preparando para uma viagem prolongada, revelou-lhes então o seu desejo de que o casamento ocorresse antes da viagem. Diante desta insistência, o senhor Rodolpho propôs ao futuro genro emprestar-lhe o dinheiro para a cerimônia.

Embora a proposta tenha sido feita no dia primeiro de abril, Guilherme acreditou e aceitou encantado. Foram, então, tomadas as providências legais, feitos os acertos entre as duas famílias, e Guilherme, tomando um terno emprestado para a cerimônia, casou-se com Cornélia doze dias depois, em 12 de abril de 1916.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

O relacionamento entre ambos foi grandemente facilitado pelas convicções religiosas que tinham, pois haviam aceitado a Cristo como salvador e se tornado membros da Igreja Adventista do sétimo Dia, que estava florescendo na cidade. Minha mãe, Cornélia, e possivelmente outros membros da família, foram batizados em 1911 pelo pastor Jacó Kroecker, e meu pai Guilherme, em 1915, pelo pastor John Lipke, que na época atuava como presidente da Igreja Adventista em São Paulo, pastor da igreja de Santo Amaro e diretor do recém-fundado Seminário Adventista (hoje Unasp). Com a morte prematura do meu avô, meu pai não só assumiu as responsabilidades da marcenaria, mas também as responsabilidades da manutenção de minha avó Valéria.

Os recém-casados se estabeleceram nas dependências construídas como um anexo à oficina de marcenaria, na rua Sete de Setembro, nº 10. Foi esse o local em que meus irmãos e eu crescemos e brincamos em meio ao barulho da serra de fita, do martelo, da furadeira e do torno. Sou o terceiro de nove irmãos: Nair, a primeira, depois veio Geny, eu, Jair, Guilherme Filho, Eli, Darcy, Rodolpho e Derly, o caçula.

Nós, os filhos, devíamos ajudar na marcenaria, principalmente em trabalhos de limpeza e serviços que não oferecessem perigo; porém, dentre todos os trabalhos, havia um de que eu gostava especialmente: colaborar na elaboração de urnas funerárias. Como não havia funerária na cidade, era na marcenaria do meu pai que se fabricavam os caixões. Feitos sempre por encomenda, havia que trabalhar depressa. O que eu mais gostava era de arrumar a parte de revestimento externo. Eram colocados panos especiais e bonitos, e eu prendia o pano com taxinhas. Gostava de fazer isso porque era um serviço rápido para o qual eu tinha habilidade. Lembro que meu pai sempre dizia: os melhores pagadores do serviço feito são os que encomendam as urnas funerárias; porque existia a crendice de que, se os parentes não pagassem, o defunto voltaria a incomodá-los. Coisas do povo!

Nasci em meio aos rumores da revolução de 1924, no dia 11 de junho. O nome Nevil, um tanto raro, foi escolhido por minha mãe, que o encontrou ao ler um jornal da época. Segundo uma pesquisa feita pelo The Historical Research Center, em 1996, o nome Nevil é de origem francesa, significa “da vila nova”. Aprecia a própria sorte. Se arrisca tantas vezes quantas sejam necessárias. Leva uma vida sacrificada pelos outros. Mantém sua fé mesmo nos momentos difíceis. Caminha de cabeça erguida. Sua vida é harmoniosa e equilibrada. Sensível para com os sentimentos dos demais.” Não sei até onde isto é verdade, mas aqueles que me conhecem afirmam que há algumas coincidências.

A primeira escola

Embora fosse considerado um menino saudável e bastante tranquilo, fiz “minhas artes” como toda criança. Aos quatro anos de idade, estando a brincar

no quintal de minha casa, tropecei e caí com o dedo indicador da mão direita sobre um caco de vidro, cortando um nervo do dedo. O corte impediu o crescimento completo do dedo e também a flexão da última falange. A recuperação do ferimento foi rápida, mas as piores consequências só foram sentidas em 1945, como relatarei mais adiante.

Com sete anos de idade, fui matriculado no grupo escolar Tomé Teixeira. Poucos dias após haverem se iniciado as classes, me ocorreu outro acidente que me afastou das aulas por muitas semanas. Ao tentar imitar os empregados em uma das máquinas da oficina do meu pai, tive dois dedos da mão esquerda dilacerados por uma engrenagem. Desta vez, a recuperação foi mais lenta, porém, graças à habilidade nos curativos feitos pelo farmacêutico, os dedos não perderam a articulação. Até hoje tenho o indicador da mão direita mais curto e o da esquerda, torto.

Como disse, este incidente me fez perder várias semanas de aulas, portanto quando voltei estava bastante atrasado no processo de alfabetização. Eu avançava lentamente, pois precisava de uma atenção mais personalizada. Nessa altura dos acontecimentos, teve início a revolução constitucionalista de 1932 e, como resultado, as escolas foram fechadas. Portanto, mais uma vez, minha alfabetização foi interrompida.

Desapontado com as frustrações do primeiro semestre e reconhecendo que uma escola pública não oferecia a melhor educação para os filhos, meu pai pensou numa escola adventista. A escola paroquial que havia funcionado antes tinha sido descontinuada; assim sendo, o meu pai resolveu pagar a uma senhora da igreja para responsabilizar-se pela minha alfabetização. A partir daí comecei a visitar diariamente a casa da irmã Isalina Giancotti, até tornar-me suficientemente bom na leitura.

Novamente meu pai teve que decidir entre enviar o filho ao grupo escolar ou deixá-lo sem estudar. Como em 1933 todas as economias haviam sido usadas para enviar a minha irmã Nair como aluna interna ao Colégio Adventista, hoje Unasp, meu pai elaborou outro plano para mim. Convenceu uma jovem que havia estudado um ano no colégio a ensinar algumas crianças da igreja. Conversou com os seus pais sobre a parte financeira e fabricou em sua oficina as carteiras necessárias.

Com fé, coragem e oração, os planos foram concretizados e, em 1934, na sala de visitas da casa da jovem Elisa Crivellaro, funcionou a “escola adventista”, mesmo sem aprovação oficial. As matérias ensinadas eram: História Sagrada, Leitura, Redação e Aritmética.

Com minha irmã estudando em São Paulo, as cartas e notícias que chegavam despertavam em mim o desejo de estudar no colégio. Quando ela chegava

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

de férias todos íamos à estação ferroviária aguardá-la no trem que chegava às três e meia da manhã. O resto do dia era ocupado em ouvir as notícias, e eu devorava com avidez a revista *O colegial*, que ela trazia.

Em 1935, acompanhei o meu pai em uma viagem de negócios a São Paulo. Fiquei impressionado com a grandiosidade da cidade que, naquele tempo, tinha cerca de um milhão de habitantes. Subir ao prédio Martinelli, o mais alto do Brasil, com os seus 25 andares, foi uma emoção inesquecível. Descer a Santos de trem e conhecer o mar foi motivo de muitas conversas com os amigos. No entanto, a maior e mais importante novidade foi a visita ao colégio adventista onde estudava minha irmã. Essa visita solidificou o meu desejo de um dia voltar para estudar.

Como meu pai não tinha recursos para custear meus futuros estudos, minha mãe incentivou-me a ganhar meu próprio dinheiro que ela iria colocando na Caixa Econômica Federal. Com este fim, dos onze aos treze anos de idade o meu trabalho foi vender pão na rua a partir das seis horas da manhã, e vender pastéis aos domingos em eventos como corrida de cavalos, jogos de futebol ou alguma festividade que reunisse muita gente. Também ia à estação da estrada de ferro na chegada dos trens provenientes de São Paulo ou Paraná e carregava as malas dos passageiros, embora para certos trens isto requeresse que me levantasse às três horas da manhã.

26

Felizmente, minhas obrigações laborais não impediam que, como todo menino, também pudesse brincar. Meus principais brinquedos eram: bolinha de gude, jogar pião fabricado pelo meu pai no torno da sua carpintaria, brincar com carrinhos de madeira também fabricados na oficina, pique-pega e andar de bicicleta.

Ao completar doze anos, meu pai percebeu que seria necessário um diploma do ensino primário para prosseguir meus estudos, como era meu desejo. Conversei, então, com o diretor do grupo escolar e fui matriculado no segundo semestre do último ano do ensino primário, que na época era de quatro anos. Pela primeira vez tive que enfrentar o estudo de Geografia, História do Brasil e Ciências.

Como também havia aulas aos sábados, o meu pai expôs a situação ao diretor. Ele entendeu as razões e sugeriu que cada sábado, ao ir para a igreja, eu passasse pela escola e cumprimentasse a professora. E assim o fiz. Cada sábado eu passava para cumprimentar a professora Aracy de Oliveira Melo antes de seguir para a igreja. Quanto aos meus estudos, procurei fazer a minha parte, conseguindo aprovação com média 96.

Na data da festa de encerramento do ano e entrega dos diplomas, por coincidência, estava na cidade o pastor Domingos Peixoto da Silva, professor do Colégio Adventista, fazendo propaganda do mesmo. Tendo ele assistido à minha festa de formatura, conversou bastante comigo e com meu pai sobre a

minha ida para o colégio. Não obstante, isto não foi possível, pois já estava programado que, no próximo ano, era a vez de minha irmã Geny.

Sabendo do meu desejo de estudar, uma tia que tinha um armazém ofereceu-me o trabalho de balconista, o que aceitei na hora. Ela me dava o sábado livre e um salário de 60 mil réis por mês. Durante as noites, eu estudava o livro *Preparo para o exame de admissão ao ginásio*, que era exigido na época e que minha irmã Nair tinha trazido para mim. Para aproveitar os domingos, comprei uma bicicleta usada, que era algo não muito comum na época, mas muito cobiçada pelos meninos da minha idade. Além de alimentar o meu desejo de posse, eu alugava a bicicleta por hora e assim entrava mais algum recurso para o meu projeto de estudar.

Ao findar-se o ano, as minhas economias já eram suficientes para pagar o primeiro ano de estudos como aluno interno no colégio. As outras despesas necessárias para enfrentar um ano de internato foram providenciadas por minha mãe que, além dos trabalhos normais da casa, fazia “pé de moleque” para vender, especialmente às crianças, que gostavam muito. Também fazia bordados à máquina. Procurei compensar as bênçãos que recebi pelos esforços que ela fez em meu favor, sendo aquilo que ela sempre almejou para mim: um pastor.

A herança dos meus pais

27

A Igreja Adventista de Itararé foi uma das primeiras organizadas no estado de São Paulo, as famílias Zimmermann e Gorski constam entre os pioneiros.

Pouco tempo depois do batismo dos meus pais, houve no Paraná um racha na igreja, com reflexos em Itararé. Liderados por Jorge Wichral, que não aceitava os escritos de Ellen G. White como sendo inspirados, formou-se o bloco dos “wichralistas”, em oposição com os “whitistas”. Com plena convicção da verdade, meu pai e minha mãe permaneceram firmes na igreja.

Tive a felicidade de nascer num lar cristão, adventista do sétimo dia. Desde os primeiros meses fui conduzido à classe da escola sabatina. Com o exemplo dos meus pais, adquiri o hábito de estudar diariamente a lição. Venho daquele tempo em que a Associação enviava trimestralmente o chamado “cartão de honra” a cada membro que tivesse o estudo diário completo durante o trimestre. Com o quarto cartão de honra no mesmo ano, o membro recebia uma fita marca página de seda, como presente. Lembro-me bem de meu pai haver recebido a sua vigésima fita. Se não recebeu mais foi porque o costume deixou de ser seguido.

Com mais de 90 anos de idade, meu pai tinha dificuldades com o estudo da lição devido a problemas de visão. Para facilitar-lhe a leitura, tirávamos

fotocópias em papel ofício e lhas enviávamos pelo correio. Tão feliz estava em poder continuar estudando que, ao visitá-lo em certa ocasião, fez questão de me mostrar as lições com muitas anotações e afirmou: “já estou com tudo respondido até o fim do trimestre”. Muitas vezes eu o vi transformando em púlpito a sua banca de carpinteiro ou alguma máquina em que estivesse trabalhando, interrompendo o seu trabalho para falar da verdade a algum cliente.

Nós, os filhos homens, fomos ensinados a deixar a oficina bem limpa antes que chegasse o pôr do sol na sexta-feira. O pó das máquinas devia ser removido, o chão varrido e o lixo retirado. Feito isso, era a vez de varrer a rua de terra em frente à oficina. Enquanto isso, as minhas irmãs ajudavam a minha mãe nos trabalhos da casa.

Papai era cuidadoso ao nos ensinar quanto ao trabalho: tudo deve ser bem feito; ao oferecer ou dar alguma ferramenta para outra pessoa esta deve ser passada dando-lhe o cabo; quando tiver que fazer peças de madeira iguais, faça uma como modelo e as demais tomando sempre a modelo como base, evitando assim multiplicar possíveis erros; ao lavar as mãos, estando o sabonete pequeno, lembre-se de que ele sempre pode ficar menor. Pequenos conselhos que foram sempre lembrados.

Tanto quanto me recordo, meu pai sempre esteve envolvido com algum cargo na igreja: diácono, professor e diretor da escola sabatina, tesoureiro e ancião. O seu constante interesse pela educação das crianças e jovens da igreja, defendendo sempre a existência de uma escola adventista na cidade, foi reconhecido com o nome dado à escola de primeiro grau de Itararé: “Escola Adventista de Primeiro Grau Guilherme Gorski”.

Ao transformar-se em colégio de segundo grau posteriormente, a escola passou a chamar-se Colégio Adventista de Itararé.

A preocupação com os eventos da igreja sempre foi muito importante para ele. Em 1940, por ocasião da inauguração de um novo templo, estando eu no internato, mandou dinheiro e uma ordem para que eu viajasse e estivesse presente.

Até chegarem à idade bem avançada, meus pais continuaram fazendo questão de ir à igreja. O exemplo de fidelidade que deixaram foi tão marcante na comunidade, que por muito tempo a Igreja Adventista era conhecida na cidade como a igreja do “seu Willes”, como o povo o chamava.

Certo domingo cheguei para visitá-lo por volta das 19h30; na ocasião ele devia estar com noventa anos. Quando parei o carro em frente da casa, vi que ele estava saindo. Ao descer para cumprimentá-lo, recebeu-me com alegria e disse-me: “vamos para o culto?” E assim o fizemos. Um exemplo que perdura para toda a vida!

Da minha mãe tenho sempre a lembrança de sua preocupação conosco quanto à vida espiritual: estudo da lição da escola sabatina, leitura do ano bíblico, assistência às reuniões, sapatos e roupas limpas para o sábado. Lembro que no período

em que devia levantar cedo para vender pão, ela sempre deixava sobre a mesa da cozinha algo para o meu desjejum e a Bíblia aberta para a leitura da meditação matinal. Quando o tempo permitia, eu procurava ler também o ano bíblico. Nunca me esqueci de um verso de Salmo 75:2, como um incentivo para fazer sempre o que é correto: “Quando eu ocupar o lugar determinado julgarei retamente.”

Suas orações intercessoras em favor dos filhos e pessoas enfermas ou necessitadas também marcaram minhas lembranças. Percebendo que ela sempre orava em favor de um filho ausente, um dos meus irmãos lhe perguntou: “Qual é o seu filho predileto?” Sem pensar muito, ela respondeu: “E aquele que está mais longe de casa”. Esta resposta tinha sem dúvida um duplo sentido.

Quando minha irmã Geny era menina, contraiu tifo e esteve muito mal. Depois de muitas orações, ela foi curada. Em 1974, esta mesma irmã teve que ser internada em São Paulo. Ao ser submetida a uma cirurgia, verificou-se que o seu caso não tinha solução. O câncer havia tomado todo o seu abdômen. Sabendo disso, minha mãe, já idosa, viajou até São Paulo para estar ao lado da filha. Pelas suas orações, colocou-a nas mãos do Senhor. Pouco depois minha irmã descansou. Ao retirar-se do quarto, minha mãe exclamou:

— Quando ela era menina, estava para morrer, porém Deus a curou. Deu-me ela por mais de quarenta anos. Louvado seja o Senhor!

Embora eu tenha deixado a minha casa com 13 anos de idade para ir ao colégio, tive muitas oportunidades de sentir quão hospitaleiros eram os meus pais. Na grande mesa da cozinha, onde tomávamos as refeições, sempre havia lugar para mais um que chegasse inesperadamente. Os irmãos da igreja que moravam no sítio e, ocasionalmente vinham à cidade, sempre chegavam à nossa casa, onde eram recebidos com alegria.

Lembro-me de uma vez em que houve algumas reuniões especiais durante o final de semana. A oficina do meu pai tornou-se o dormitório masculino para os irmãos que vieram do sítio. Serragem de madeira foi espalhada pelo chão e coberta com um grande encerado de caminhão. Transformou-se numa grande cama macia para muitas pessoas. Não lembro como foi resolvido o problema de sanitário, mas como na época o banheiro era uma casinha lá fora no quintal, creio que o problema não foi de difícil solução.

Essas e outras atitudes dos meus pais fizeram com que se tornassem conhecidos como pessoas cristãs, íntegras e felizes. Como filho sou-lhes imensamente agradecido pela herança deixada.

Agora ambos descansam no Senhor. Minha mãe faleceu em 1989, com 95 anos. O meu pai, em 1990, com quase cem anos. Com gratidão a Deus, procuro ainda hoje, seguir o exemplo de vida que me deixaram.

Vida de estudante

Apesar de ser considerado um autor cujos escritos são caracterizados pelo tom cético, o francês Jacques Anatole François Thibault, mais conhecido como Anatole France, tem um lindo pensamento que, acredito, se encaixa em minha vida. Ele escreveu:

Sim, o sonho! Sim, a quimera! Sim, a ilusão! Sem os sonhos, sem as quimeras, sem as ilusões, a vida não tem sentido e não oferece interesse. A utopia é o princípio de todo progresso. Sem as utopias de outrora, os homens viveriam ainda miseráveis e nus nas cavernas. Foram os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade [...]. Dos sonhos generosos, nascem as realidades benéficas (informação verbal)¹.

O sonho tornou-se realidade

Depois de uma longa espera, o dia tão almejado chegou. Em 20 de janeiro de 1938 parti para São Paulo. Acompanhado pela minha irmã Nair, tomamos o trem noturno para a capital. Foram onze horas de viagem para percorrer os 408

¹ Comentário proferido por Anatole France em discurso para Maison des Étudiants em 20 de maio de 1910.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

quilômetros que separam Itararé de São Paulo. Já na cidade, após termos preenchido toda a documentação relacionada com a matrícula, Nair me levou ao bairro do Brás para comprar o meu primeiro terno de calça comprida, momento histórico para mim. Ao vesti-lo, a mim mesmo parecia dizer-me: “Agora você não é mais um menino, é um moço de calça comprida!”

Não conhecia ninguém. Colegas de quarto, colegas de classe, professores, todos eram desconhecidos! Embora me sentisse feliz por estar no lugar com o qual eu havia sonhado, sentia uma imensa saudade de casa. Muitas vezes tive vontade de chorar, e algumas vezes o fiz, porém, quando estava deitado para que ninguém o notasse.

Ao assistir às classes do então chamado curso de admissão, uma espécie de vestibular para ingressar ao curso ginásial, que tinha duração de cinco anos, senti-me completamente desorientado. Comecei a perceber a falta de um estudo bem estruturado.

Eu era consciente de que minha base não era sólida, mas para completar, recebi o “estímulo” de uma colega de classe que, ao encontrar-me, perguntou:

— Você veio também para fazer o exame? — Ao responder-lhe, disse que sim. Ela retrucou:

— E você acha que vai passar? Nós estamos aqui há três semanas e estamos achando difícil e você que acabou de chegar...

32

Em vez de me desanimar, esse curto diálogo despertou em mim duas reações positivas: a primeira foi a necessidade de orar mais pelo meu sucesso e a segunda, estudar com mais dedicação do que havia feito antes.

Finalmente, chegou o dia do exame! O primeiro foi o exame escrito de Português. No sistema de ponto sorteado, a professora Ruth Guimarães colocou na frente da sala uma figura e mandou que fosse feita uma redação baseada na mesma. Havia também algumas perguntas de gramática para serem respondidas. Passado algum tempo, eu já estava pronto para entregar a prova. Ao deixar a folha sobre a mesa, olhei mais de perto a figura. Fiquei apavorado! Havia feito uma redação sobre cachorros correndo atrás de umas crianças, mas não eram cachorros, e sim gansos!

Eu tinha problemas de vista e até então não havia me dado conta. Quando fui ao oftalmologista constatei que eu era perfeito em termos de defeitos visuais, pois possuía todos: miopia no olho esquerdo, hipermetropia no direito e astigmatismo nos dois! De uns anos para cá, a perfeição se completou, pois agora tenho também a presbiopia, que é natural na minha idade. Quanto à troca de gansos por cães, felizmente a professora considerou a questão do português e não levou em conta o engano cometido.

Com os exames escrito e oral de matemática não tive maiores problemas. Os exames de geografia, ciências e história eram só orais. Fiquei preocupado porque minha vivência com as três era bem reduzida, mas história era a menos familiar.

No dia dos exames orais, os alunos foram reunidos no salão de atos onde estavam as bancas examinadoras de todas as disciplinas. Cada aluno era chamado, sorteava o seu tema, discorria e respondia a perguntas sobre o mesmo.

Antes de chegar a minha vez para o exame de história, perguntei a um dos colegas que voltava da banca:

— Sobre o que você teve que falar?

Ao que ele respondeu:

— Inconfidência Mineira.

Embora seja um episódio importante e muito conhecido em nossa história, eu não sabia nada a respeito. Tomei o livro, procurei o capítulo sobre o assunto e li com muita atenção. Alguns minutos se passaram quando chegou a minha vez. O ponto sorteado foi: Inconfidência Mineira! Na minha fé simples, de um menino de treze anos, agradei a Deus pela providencial coincidência.

Ao serem publicados os resultados, na lista de nomes em ordem alfabética, meu nome vinha justamente antes do nome da menina que havia vaticinado minha reprovação. Ambos tínhamos sido aprovados com a mesma média de notas!

Professores que influenciaram minha vida

Ao começar o ano letivo, passei pelo trauma de enfrentar um professor diferente para cada disciplina. Cada um dava as suas lições esquecendo-se de que havia seis ou oito que faziam o mesmo. Foi um ano realmente difícil devido não só à falta de base, mas também ao estresse causado pelas muitas disciplinas com professores diferentes.

Matemática era a matéria de que eu mais gostava. O meu professor era o Dr. Renato Emir Oberg, que também lecionava história, que para mim era a matéria mais difícil. A ele devo o privilégio de ter sido instruído nas doutrinas principais da Igreja Adventista. Posteriormente, como veremos mais tarde, tornou-se também o responsável humano pela definição do meu futuro profissional.

Quando me entregou o formulário para o batismo senti dúvida se devia ou não preenchê-lo, pois havia ouvido muitas vezes que as pessoas não deviam ser batizadas muito jovens. Como intimamente eu sentia o desejo de batizar-me, resolvi colocar o assunto nas mãos de Deus. Sozinho em meu quarto orei ao Senhor pedindo que me desse um sinal. Como obtive uma resposta favorável, no dia 19 de novembro de 1938, fui batizado pelo preceptor e pastor Juan Meyer, na antiga represa do colégio.

O pastor Juan Meyer, vindo da Argentina para atuar como preceptor, deixou em mim três marcas inesquecíveis. A primeira delas ocorreu logo que cheguei ao colégio. Meu único colega de quarto e eu morávamos bem próximos da casa do preceptor. Certo dia, enquanto brincávamos no quarto, numa espécie de luta,

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

fizemos tanto ruído que chegou até sua casa. Ficamos estarecidos quando o ouvimos bater à nossa porta. Depois de algumas palavras de repreensão e conselho, olhando para a parede onde havíamos colocado uma bandeira do Brasil, disse: “Com o barulho que estavam fazendo, vocês não estavam honrando a bandeira do vosso país”. Dito isto, tirou a bandeira e foi embora. Nunca mais esqueci a lição!

Vários anos depois de haver voltado para Argentina, foi novamente chamado como preceptor, quando eu já estava concluindo o ensino médio. Lembro-me até hoje de quando ele me convidou, juntamente com mais dois colegas, à sua casa, para oferecer-nos uma salada de frutas com sorvete! Isso não era muito comum naquele tempo.

Muitos anos depois, estando a serviço do Departamento de Educação da Divisão Sul-Americana, passei pela cidade de Santa Fé, na Argentina, para participar de uma avaliação de abertura de um colégio secundário. Alguém bateu à porta onde estávamos reunidos e a pessoa que foi atender me informou que havia alguém que desejava falar comigo. Pedi licença e saí. Que grata surpresa! Era o pastor Juan Meyer, que me abraçando, disse:

— Soube que você estaria aqui hoje e vim para dar-lhe o meu abraço.

Que demonstração de amizade! Embora conversássemos apenas alguns minutos, foi o suficiente para lembrar alguém que me repreendeu com amor, me batizou e se tornou meu colega e amigo. Espero revê-lo na pátria celestial.

O segundo ano de internato começou com duas novidades: o estudo de inglês e um novo professor, que exerceria uma grande influência em minha vida: Siegfried Júlio Schwantes. Ele foi meu professor até o segundo ano colegial, tendo lecionado matemática, física, química e, posteriormente, latim. Possuindo ampla cultura e revelando equilíbrio e segurança ao ensinar, tornou-se uma inspiração para os alunos.

Ter sido aluno do pastor Jerônimo G. Garcia como professor de Bíblia, religião ou história sagrada foi um raro privilégio. Tínhamos nele não só um professor, mas um amigo e conselheiro. Suas experiências e maneira de ser ficaram bem gravadas em nossa mente.

O pastor João Linhares com suas características de firmeza e justiça, colocadas em prática com cristianismo e bondade, tornou-se muito útil a mim e minha noiva no preparo para o nosso casamento. Dentre as professoras que tive, Albertina Simon e Ruth Oberg Guimarães ficaram na minha mente como verdadeiras mães em virtude do carinho e bondade que revelavam no trato com os alunos.

Pouco antes da formatura do ginásio, em 1942, houve uma reforma do ensino que aumentou de cinco para sete anos o ensino secundário, ficando dividido em dois ciclos: primeiro ciclo, o ginásial, com quatro anos e, segundo ciclo, o colegial, de três anos. Como tinha me formado na 5ª série, no ano seguinte

tive que optar entre ingressar no curso de Teologia, de acordo com as normas vigentes, ou matricular-me no 2º colegial, pois a quinta série do ginásio correspondia à primeira série do colegial. Acabei escolhendo a segunda opção.

Ao concluir o curso ginásial de cinco anos nossa classe havia sido reduzida de quarenta alunos para treze. Entre os meus colegas formandos estavam: Enoch de Oliveira, Honório Perdomo, Orlando R. Ritter e Ruth Apolinário Michiles.

Embora o meu interesse fosse tornar-me um pastor, observando que os teologandos eram todos mais maduros do que eu, resolvi ingressar no colegial pensando ter um melhor preparo. Não sabia, contudo, que ao proceder desta maneira estava me preparando para um serviço para o qual o Senhor me chamaria logo no ano seguinte.

Assumindo responsabilidades

Na minha época de estudante havia uma prática muito boa no colégio. Cada aluno interno devia participar diariamente, durante duas horas, de alguma atividade num dos departamentos de serviço. Eram as chamadas “horas educativas”, realmente úteis como terapia ocupacional para jovens.

O meu primeiro trabalho foi no setor de “engenharia sanitária”, isto é, devia lavar os banheiros no residencial masculino. Como me saí muito bem, fui “promovido” para desempenhar a mesma função no prédio de aulas, com o acréscimo de realizar a faxina em duas salas. O meu instrutor foi o próprio diretor, pastor Domingos Peixoto da Silva, que me ensinou como deveria ser feito o trabalho. Felizmente nunca veio fazer qualquer observação, porque sempre procurei fazer o melhor, sem faltar um dia sequer com minhas obrigações.

Mais tarde compreendi que estava fazendo aquilo que Ellen G. White (2007b), escrevendo aos jovens, aconselhou: “Mantenham sempre diante de vocês o pensamento de que aquilo que merece ser feito, merece ser bem feito”². O pensamento de fazermos sempre o melhor no cumprimento de nossos deveres também foi ensinado por Salomão, que em Provérbios 22:29, nos diz: “Viste a um homem diligente na sua obra? Perante reis será posto e nunca perante os de baixa sorte.” Esta verdade nos foi comunicada por Adolfo Bergold, que gerenciava a agricultura do colégio.

Ainda no primeiro ano, para enfrentar minhas despesas pessoais, aceitei o convite de um colega japonês que havia pegado uma empreitada para cortar eucaliptos do colégio. Os “700 réis” (equivalentes a 70 centavos hoje) que eu recebia por essas horas extras eram muito bem-vindos.

Nos dois anos seguintes, a meu pedido, trabalhei na marcenaria do colégio, por já possuir alguma prática na oficina de meu pai. Além de cumprir as horas

² WHITE, E. G. **Mensagens aos jovens**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

exigidas, fui autorizado a fazer horas extras, recebendo alguns trocados que ajudavam na minha manutenção. Foi um período em que me envolvi na produção de cadeiras preguiçosas e tampas de privada de madeira para os vasos sanitários, serrando, lixando, envernizando, pintando e montando peças, que eram depois vendidas no mercado pelo colégio.

Em 1942, recebi a incumbência de preparar suco de uva de forma artesanal para entregar às casas comerciais. Também embalava mel para o mesmo fim. O suco de uva havia sido legalmente registrado com o nome de Suco de Uva Excelsior. Como “chefe” desse setor, talvez tenha sido o primeiro “chefe de expedição” da empresa que no futuro viria a ser a fábrica Superbom. A propósito, o nome Superbom veio de uma visita feita pelo diretor do colégio, pastor Domingos Peixoto, que era natural de São Borja, RS, ao seu conterrâneo Getúlio Vargas, então presidente da República. Tendo-lhe oferecido algumas garrafas do suco de uva Excelsior, ao experimentar o produto oferecido, o presidente exclamou: isto é “SUPERBOM”! Assim surgiu o nome fantasia que permanece até hoje.

Como chefe de expedição, minhas responsabilidades compreendiam: limpar manualmente cada garrafa com pano úmido, colar os rótulos um a um nas garrafas, colocar sobre a tampa uma cápsula dourada, sobre cada cápsula um selo longo comprobatório de imposto pago, e embrulhar cada garrafa com papel de seda. Após esse ritual, as garrafas eram colocadas em caixas de madeira, com trinta unidades cada, que o caminhão do colégio levava em sua ida semanal à cidade.

No final do ano, fui chamado para uma entrevista com o corpo docente. Devia dar explicações sobre o fato de ter sido visto conversando com minha namorada em frente ao prédio escolar. Como castigo, tive que cumprir a única penalidade que recebi durante os seis anos de internato: abandonar meu cargo de “chefe de expedição” dos produtos Excelsior.

Mandaram-me para o Departamento de Agricultura. Ali devia capinar o pomar e regar as mudas de eucalipto. Porém, logo percebi que a punição se havia transformado numa bênção; como essa responsabilidade podia ser desempenhada na forma de empreitada, eu podia fazer mais horas que o exigido. Acabei ganhando pelas horas extras e, ainda, tendo mais tempo para a prática de esportes, algo de que eu gostava muito!

Do pomar à sala de aula

Iniciei o ano 1943 como auxiliar do professor de Biologia. Com essa atividade eu cumpria a minha obrigação de dar à instituição duas horas de trabalho educativo por dia. Entretanto trabalhei como auxiliar por pouco tempo, pois algo ocorreu na escola que mudaria o rumo das minhas atividades.

Havia no colégio um grêmio estudantil liderado por alunos de teologia, único curso superior oferecido na época. Por alguma razão da qual não tenho lembrança, o corpo docente vetou uma atividade programada pelo grêmio e, como os alunos não conseguiram reverter a medida, decidiram protestar fazendo o enterro simbólico da agremiação. Após o almoço de uma sexta-feira chuvosa, os alunos do residencial masculino foram convocados para a dita cerimônia. Reuniram-se em frente do edifício escolar, onde teve início uma marcha fúnebre até o estábulo, onde o “caixão” do grêmio (uma caixa de sapatos) seria jogado no tanque de “Chocolate”, assim chamado porque continha a água residual da lavagem do estábulo, que tinha a cor de chocolate.

O solene discurso, feito pelo aluno considerado o mais erudito entre eles, foi encerrado com as enfáticas palavras: “E o que era esterco, *estercorum est*”. Dito isto, o “caixão” foi lançado no tanque. A cerimônia foi conduzida com a ordem e seriedade que a ocasião exigia, mas assim mesmo teve que ser acompanhada pelo preceptor. No domingo, bem cedo, correu a notícia de que o corpo docente estava reunido. Logo fomos informados de que a diretoria do grêmio tinha sido desfeita e os alunos que tinham atividades de responsabilidade, depostos. Na segunda-feira foi minha vez: fui chamado para comparecer à diretoria. Logo imaginei que haveria alguma relação com os últimos acontecimentos. Que mais poderia ser? O diretor, o mesmo que me dispensara da expedição dos produtos Excelsior, começou perguntando: “você sabe o que ocorreu na sexta-feira, certo? Pois bem, prepare-se para começar o trabalho ainda hoje à noite. O professor do curso de admissão foi demitido pela sua participação nas últimas manifestações e você será o seu substituto.” Eu mal podia acreditar no que estava ouvindo. Tal responsabilidade estava recaindo sobre mim, um aluno do curso colegial! Sem pensar duas vezes, aceitei o desafio.

As aulas eram dadas à noite e os alunos eram todos jovens mais velhos do que eu e colegas de internato. Como eles não tinham recursos financeiros para manter-se, deviam trabalhar durante o dia para compensar o custo da pensão e dos estudos.

Chegavam à aula cansados e com sono, e isto me obrigava a me esforçar para tornar o ensino mais interessante, relacionando-o tanto quanto possível com a vida diária. Assim as aulas se tornavam alegres e conseguia conquistar a amizade e cooperação de toda a classe.

Com essa atividade acadêmica inesperada, acabei dando início a uma carreira de sessenta anos dedicados à educação cristã.

Lembranças do internato

A vida de internato está sempre cheia de novidades e está longe de ser monótona. Pelo menos no meu caso ela foi muito rica e útil em termos de relacionamentos sociais.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

No residencial masculino compartilhávamos o quarto com dois, três e até quatro companheiros. Tenho lembranças de bons amigos com os quais sempre aprendi alguma coisa. Alguns deles se tornaram obreiros úteis à causa do Senhor, como, por exemplo, Wilson Ávila, Jorge Walting, Pedro Apolinário, Ermano Bassi e Orlando Ritter.

O refeitório era amplo e com mesas de oito lugares; cinco rapazes e três moças. Dentre os componentes da mesa, o rapaz e a moça mais experientes eram designados para serem “o pai e a mãe” da mesa. Muitos pais e mães eram cobiçados pela amabilidade e cortesia com que tratavam a “família”.

Havia também dois rapazes indicados como copeiros. Assentavam-se à cabeceira da mesa e eram responsáveis por buscar a comida no balcão, onde era oferecida a repetição dos alimentos. Neste caso, também alguns eram preferidos pela sua agilidade como copeiros, pois não deixavam faltar comida na mesa.

Os lugares eram marcados e a cada seis semanas havia uma mudança geral dos componentes. Ao findar-se o período, era frequente observar algumas festas de despedida. Este sistema contribuía muito para fortalecer os laços de amizade entre os alunos. No meu caso, foi o refeitório que propiciou a oportunidade do primeiro contato com aquela que se tornaria minha esposa, como contarei mais adiante.

38

Outro momento muito aguardado pelos estudantes era a festa da amizade. Cada ano os alunos se revezavam em oferecer uma festa para o sexo oposto. Fazia-se de tudo para que a festa fosse uma surpresa agradável, incluindo cenários, vestuário, apresentações e, especialmente, o jantar. Os que não tinham namorado(a) tratavam de arrumar alguém como companheiro(a) para essa data tão especial.

Naqueles dias havia poucas possibilidades para o esporte. Quando muito, as moças praticavam vôlei. Já entre os rapazes, se praticava também o basquete, mas, em quadras de terra. O futebol não era permitido, mas os aficionados sempre davam um jeito de praticá-lo, mesmo às escondidas. Entre os anos 1941 e 1943 houve três equipes de vôlei e basquete que sempre disputavam entre si nos dias de atividades especiais. A equipe do Gorro Verde, equipe do Gorro Vermelho e equipe O Terror. No basquete, a Gorro Verde era imbatível, pelo menos em partidas de comemoração. Essa era minha equipe.

Éramos cinco e não tínhamos reservas: Darcí Michiles, Orlando Ritter, Derly Alves, Frederico Gerling e eu. Certa vez ganhamos um torneio depois de eu ter ido a pé a Santo Amaro, caminhando das 4h às 6h da manhã; participado, das 6h às 10h da instrução no Tiro de Guerra e voltado a pé, o que levou mais duas horas. O jogo começou às duas da tarde. Mesmo em tais circunstâncias, vencemos o torneio.

Como era de se esperar, as atividades espirituais foram sempre enaltecidas e valorizadas. É verdade que as portas do colégio sempre estiveram abertas para alunos de outras confissões religiosas, mas ao aceitarem os regulamentos eles sabiam que deviam respeitar os princípios religiosos que sempre permeavam as atividades da instituição.

Além dos cultos devocionais pela manhã e à noite, nos respectivos internatos, no currículo de cada curso estava previsto o estudo de uma disciplina chamada História Sagrada, onde os princípios bíblicos eram ensinados, e os alunos motivados a desenvolver em sua vida os valores morais, espirituais e princípios de vida saudável.

As semanas de ênfase espiritual, também conhecidas como semanas de oração, realizadas a cada semestre eram, assim como hoje, aguardadas com muita ansiedade, pois contavam com a participação de convidados especiais que compartilhavam mensagens e experiências que sempre resultavam interessantes e úteis. Como aluno, professor e administrador, assisti a mais de cem destas semanas especiais e dou o meu testemunho de que elas exerceram uma influência positiva e muito importante em minha vida espiritual, no meu lar e no meu trabalho.

Havia também outras semanas especiais sobre saúde, família, temperança, amizade, cortesia e outras temáticas, que sempre contribuíram para dar aos alunos um estilo de vida saudável e diferente.

Os cultos de sexta-feira à noite eram conhecidos como cultos de testemunhos. Os oradores em geral falavam pouco e deixavam tempo para que alunos, professores e outros assistentes dessem o seu testemunho apresentando a Deus agradecimento por bênçãos recebidas, fazendo algum pedido especial de oração, ou revelando ainda seu propósito de vida em função de algum desafio lançado pelo orador. A eternidade certamente haverá de revelar o grande número de boas decisões tomadas por centenas de jovens nos cultos de sexta-feira à noite e nas semanas de oração.

Reservista de 2ª categoria

Em 1942 chegou o tempo em que eu deveria servir ao exército. Felizmente funcionava em Santo Amaro um tiro de guerra, que oferecia a possibilidade de prestar o serviço militar sem deixar os estudos e sem ser incorporado ao quartel. Ao findar-se o ano, recebia-se um certificado de reservista de 2ª categoria.

Preferi essa opção e inscrevi-me. Devia me apresentar três vezes na semana. Aos domingos, das 6h às 10h da manhã, e às terças e quintas, das 20h às 22h. Portanto, não tinha dificuldades com o sábado.

O problema estava em como chegar até Santo Amaro, distante dez quilômetros do colégio. Naquele tempo, os horários de ônibus eram bem limitados.

A melhor solução era fazer o percurso a pé ou, se surgisse a possibilidade, pedir carona. Não obstante, a situação piorava porque éramos oito pessoas! Nesse caso, só mesmo algum caminhão vazio, o que era muito raro às quatro da manhã e depois das dez da noite. O assunto se tornava mais grave ainda porque nem sempre tínhamos dinheiro para pagar a passagem. Portanto, havia sempre alguns obrigados a fazer o percurso a pé na ida e na volta.

Tentávamos tornar a viagem o mais divertida possível. Às vezes tínhamos aposta de corrida; outras, aposta de pontaria, atirando pedras da estrada em postes de eletricidade ou, então, passar por cima do arco da ponte sobre o rio Pinheiros! Fazíamos o percurso em uma hora e meia. Ao voltarmos à noite, às vezes os colegas nos aguardavam com alguma brincadeira como: cama desarrumada, lençóis escondidos etc. Resolver esses problemas, cansados, à meia noite e no escuro, era bem menos interessante.

Por falar em serviço militar, grande parte do meu período de internato foi durante a segunda guerra mundial (1939–1945), ocasião em que houve falta de farinha de trigo, óleo, gasolina e outros bens. A falta de ração para o gado holandês significou a escassez do leite. O pão e o leite foram, então, substituídos por batata doce e chá de erva cidreira, produzidos no próprio colégio.

40 Angariando fundos para a Santa Casa?

No final do ano de 1939, me inscrevi como candidato para colportar na Missão Paraná, Santa Catarina, meu campo de origem na ocasião. Logo recebi uma carta do presidente da Missão, pastor Germano Ritter, informando-me que eu não tinha sido aceito porque era muito novo. Alegrei-me, contudo, pelo fato de haver merecido uma carta do presidente da Missão.

No ano seguinte, inscrevi-me novamente, mas agora para colportar na Associação Paulista. Fui aceito. O meu território seria a cidade de Avaré, SP, e o meu companheiro, Heráclito Meira, um jovem que trabalhava como balconista na Associação Paulista, tão inexperiente quanto eu. Mesmo assim, fomos relativamente bem. Depois de quase um mês de trabalho, eu tinha encomendas que me dariam para pagar quase um ano de estudos.

Na véspera da data marcada para as entregas, aconteceu o inesperado. O dono do hotel onde estávamos hospedados me contou que o padre da cidade, nas missas daquele domingo, havia alertado aos fiéis para não comprarem os livros que estavam sendo vendidos por dois estudantes, porque não eram aprovados pela Igreja Católica. Como resultado, conseguimos entregar apenas um terço das encomendas, tendo que vender os livros que sobraram, nas cidades de Piraju e Santa Cruz do Rio Pardo. Esta minha primeira experiência como

colportor foi logo interrompida, porque me comunicaram que o meu pai, em viagem a São Paulo, sofrera um acidente. Encurtei o meu tempo de trabalho e viajei para passar alguns dias em casa com os meus pais.

Nas férias seguintes, com outro companheiro, iniciamos o trabalho em Ituverava, SP. Depois de feita a maior parte das entregas, descansamos no sábado, pensando em concluir o trabalho na segunda-feira. Porém, logo após o almoço, nos informaram que um soldado estava à nossa procura. Estávamos sendo intimados a comparecer à delegacia de polícia. O delegado queria saber com ordem de quem estávamos angariando donativos para a Santa Casa! Por mais que lhe explicássemos a respeito do nosso trabalho, não aceitou as nossas explicações. Pelo contrário, deu-nos a ordem de abandonar a cidade no trem das quatro da tarde. Se ficássemos, seríamos procurados pela polícia.

Ao voltarmos para o hotel, nos encontramos com um dos hóspedes, que parecia ser um advogado. Tendo ele nos visto sair com o soldado, perguntou-nos o que havia acontecido. Após contar-lhe toda a história, ele nos aconselhou com veemência a não obedecer à intimação e a procurá-lo, caso tivéssemos qualquer problema. Passamos o resto da tarde lendo na praça da cidade. Se o soldado foi à estação não sei, mas o fato é que até hoje não fomos procurados.

Na segunda-feira, feitas as entregas restantes, seguimos para a cidade de Guará. Ao iniciarmos o trabalho, tomamos a decisão de não falar com o delegado de polícia, pois temíamos que tivesse recebido alguma informação do seu colega da cidade vizinha. Fomos visitando outras autoridades quando, ao passar por uma rua, olhando à esquerda, li uma placa: delegacia de polícia. Instintivamente, sem pensar, tomei o meu companheiro pelo braço e nos dirigimos para a delegacia. Para nossa surpresa, fomos muito bem recebidos pela recepcionista, que nos encaminhou para o delegado. Após a costumeira introdução, o delegado prontamente fez a encomenda do livro e, além disso, recomendou-nos várias pessoas que, ao serem visitadas também fizeram suas encomendas. Para nós foi uma demonstração palpável de que o Espírito Santo conduziu os nossos passos. Deus realmente não abandona os seus filhos.

Nas mesmas férias, fomos à cidade de Orlândia. Por maior que fosse o nosso esforço, pouco pudemos vender, porque a cidade enfrentava uma grande crise econômica. Devíamos viajar, então, para outra cidade. Porém, não tínhamos o dinheiro suficiente para pagar o hotel e as passagens. No sábado à noite, combinei com meu colega que ficasse orando enquanto eu oferecia um dos livros ao dono do hotel como parte do pagamento, para podermos viajar na manhã seguinte. Felizmente o dono do hotel adquiriu o livro.

Acertadas as contas, o dinheiro que sobrou não era suficiente para a passagem até Ribeirão Preto. Novamente oramos e decidimos viajar no dia seguinte, que era

domingo de carnaval, até a pequena localidade de Sales de Oliveira. Ali deixaríamos a bagagem na estação e com fé e confiança venderíamos à vista alguns livros e revistas. E assim o fizemos. Saímos separados e, ao nos encontrarmos, fazendo as contas constatamos que mais uma vez Deus não nos havia abandonado. Havíamos vendido o suficiente para pagar as passagens até Ribeirão Preto, pagar o pernoite no hotel e continuar viagem até Taquaritinga, o nosso destino final. Tendo dormido em Ribeirão Preto, ali passamos algumas horas agradáveis na companhia de quatro colegas colportores mais experientes: Itanel Ferraz, Mario Roque, Carlos Trezza e Aristeu Pelegrini.

Na última das três férias em que colportei, o meu colega foi Pedro Apolinário. Fomos para a cidade de Lins. O pastor Manoel Soares, diretor de colportagem da antiga União Sul-Brasileira, havia ido até lá para iniciar o trabalho conosco. Devíamos trabalhar com o livro *O conflito dos séculos*.

No primeiro dia, permaneci no hotel estudando o prospecto, enquanto o pastor Soares saiu com Pedro, que era mais experiente, para visitar algumas autoridades. Até o meio-dia não haviam conseguido nenhuma encomenda!

Considerando a situação, o pastor Soares comentou-nos que talvez não fosse prudente trabalhar com um livro grande, caro e de leitura pesada. Então decidiu que Pedro continuasse sozinho oferecendo *O Conflito* e nós dois ofereceríamos livros pequenos.

42

— Se você vender mais do que nós — disse ao Pedro — é porque Deus quer que vocês continuem trabalhando com *O conflito dos séculos*.

Mas ele protestou:

— Pastor, o senhor é o diretor de colportagem da União e eu um simples aluno, como pode-se esperar que eu venda mais do que vocês dois?

A sábia resposta foi:

— Para Deus isso não significa nada. Se for da vontade dele que vocês trabalhem com *O conflito*, você vai vender mais.

Após trabalharmos durante quatro horas, nos encontramos. Ambos havíamos vendido bem; porém Pedro havia nos superado. Assim sendo, continuamos com *O conflito dos séculos*, como era a nossa vontade, fortalecida com a confirmação de que era também a vontade de Deus. Aguardamos agora pelo dia em que poderemos encontrar as pessoas que tenham chegado ao conhecimento da verdade pela leitura desse precioso livro.

Acredito que minha experiência como colporteur durante esses três períodos de férias não poderia ser considerada como exitosa. No entanto, me deixou a firme convicção de que é um trabalho abençoado por Deus. Por esta razão, enquanto diretor do Colégio, sempre considerei uma obrigação orientar os alunos para esse trabalho, e apoiei os diretores de colportagem em sua missão de recrutar estudantes colportores.

Aluno da USP

Ao aproximar-se o final do ano letivo de 1943, quando estava terminando o segundo ano colegial, o professor Renato Emir Oberg elaborou um plano tendo em vista o preparo de professores para servirem ao colégio, o qual foi aprovado pela direção. Foram selecionados dez alunos dentre os que já haviam concluído o curso ginásial de cinco anos ou concluindo o segundo colegial e que, a seu ver, reuniam condições para enfrentarem o ensino superior numa universidade.

O colégio designaria uma área de estudos para cada um, ficaria responsável pelo quarto e alimentação, as despesas de viagem e eventuais gastos com estudos, além de certa quantia em dinheiro pelas aulas que cada um viesse a dar. Por sua parte, os alunos deveriam preparar-se para o vestibular. Dos dez alunos convidados, apenas quatro responderam afirmativamente: Artur Dassow, Orlando R. Ritter e eu, que cursávamos o segundo colegial, e Mario Roque, estudante de Teologia.

Até então, para ingressar na universidade, os alunos que haviam concluído o curso ginásial deviam realizar um curso pré-universitário oferecido pelas universidades. Nesse ano, porém, devido à reforma no ensino, esse curso foi extinto e, em substituição, foi criado o curso colegial. Como em 1944 não havia concluintes do pré-universitário, não havia também postulantes às universidades. Em tais condições, o Ministério da Educação autorizou aos alunos que tivessem concluído a 5ª série ginásial ou o 2º colegial a se inscrever para o exame vestibular. Para mim, que já havia tido um primário irregular, não foi novidade agora ter o colegial sem 1º e 3º anos.

Em dois de janeiro começamos a assistir a um curso intensivo de preparo oferecido pelo grêmio dos alunos da Universidade de São Paulo. Quanto aos cursos que deveríamos fazer, o colégio tinha disposto que Artur Dassow deveria fazer Biologia; Mario Roque, Matemática; Orlando Ritter, Física, e eu, Química.

O primeiro obstáculo apareceu no dia em que foram publicados os horários dos exames. Todos tínhamos algum exame no sábado, exceto Mário Roque. Imediatamente solicitamos uma entrevista com o secretário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, o qual nos deu a solução tradicional: pedir autorização ao pastor e fazer o exame. Argumentamos então que era uma questão pessoal e de consciência, mas foi tudo inútil. Por fim ele concordou que fizéssemos um requerimento passando os três para o curso de Matemática.

Para mim a solução era favorável porque matemática era a minha predileção; Orlando Ritter não tinha problemas porque quem se formava em matemática tinha o direito de lecionar física. Somente Dassow estava deslocado. Agradecidos a Deus por termos encontrado pelo menos uma solução parcial naquela sexta-feira movimentada, descansamos no sábado, aguardando os exames na semana seguinte.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Com a graça de Deus todos fomos classificados. Porém, logo após a publicação do resultado dos exames, Mario Roque, que havia viajado para o Rio Grande do Sul em virtude do seu casamento, devido a fortes chuvas e inundações, não regressou a tempo para a matrícula. Dos dez, passamos a ser três.

Ao começar o ano letivo, ficamos felizes porque nossas aulas eram das 14h às 18h, o que nos permitiria dar algumas aulas no colégio na parte da manhã. Um ônibus vindo de Itapeverica da Serra passava no colégio às 12h30 e na volta, tomávamos o último ônibus que partia de São Paulo às 18h30. Como o motorista era sempre o mesmo, até pequenos atrasos nossos eram tolerados por sermos passageiros regulares.

Nesse tempo, a Cidade Universitária ainda não havia sido construída e, como nosso curso envolvia aulas de matemática e física, estávamos obrigados a assistir às aulas em dois departamentos que ficavam em lugares diferentes. O Departamento de Matemática ficava na Rua Alfredo Ellis, no bairro Paraíso, e o de Física, na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, na Bela Vista. O intervalo entre uma aula e outra era o tempo mais ou menos justo para ir a pé ou de bonde entre os dois lugares.

De início nos surpreendemos com o nível do ensino e com os bons professores que tínhamos, quase todos com cursos de pós-graduação e aperfeiçoamento na Europa e, especialmente, na França. Com o tempo fomos nos dando conta de que alguns deles eram personalidades famosas e bem conhecidas internacionalmente nos meios científicos, tais como: Mario Schenberg, Omar Catunda, Benedito Castrucci, Edson Farah, Abrão de Moraes e Marcelo Damy de Souza Santos. Também tive aulas de matemática dadas em francês pelo Dr. Jean Dieudonné

Não demorou muito para termos um novo problema com relação ao sábado. O professor de Física marcou uma prova escrita para esse dia. Ao expormos a ele nossos motivos, respondeu mais ou menos como o secretário da faculdade, e concluiu dizendo: “você devem escolher: ou fazer a prova ou receber a nota zero”. Decidimos não fazer a prova.

Na terça-feira, ao nos encontrarmos com um dos nossos colegas, ele nos disse: — O professor Dami mandou dizer que vai dar a nossa prova na sexta-feira próxima.

Surpresos, perguntamos o que havia acontecido, ao que ele nos respondeu: — No sábado estive doente e não pude vir; quando falei com o professor, ele me mandou dar esse recado a vocês.

Agradecidos a Deus pela oportunidade concedida, fizemos a prova, agradecemos ao professor e ele nunca mais marcou provas aos sábados. Deus sempre tem um meio para resolver os problemas de seus filhos! Quando chegou o final do primeiro semestre, Artur Dassow concluiu o que já era esperado. Matemática não era o curso para ele. Cancelou sua matrícula, casou-se e viajou para

os Estados Unidos. Lá se formou em Biologia, e voltando ao Brasil, trabalhou como professor e, posteriormente, como administrador de alguns colégios.

Com o passar do tempo, fomos nos tornando mais conhecidos e conquistando a confiança tanto dos colegas como dos professores. Os problemas com o sábado praticamente deixaram de existir. Geralmente os próprios colegas e também os professores se lembravam dos dois “sabatistas”. Contudo, em certa ocasião, numa aula de sábado, um dos professores marcou uma prova para o sábado seguinte. Logo que ficamos sabendo fomos falar com ele e sem problemas marcou a nossa prova para a terça-feira seguinte. Quando chegamos para a prova, vimos que toda a classe foi chegando com o mesmo objetivo. Ao perguntarmos a razão, responderam que ao virem no sábado, o professor pediu para voltarem na terça e assim fazerem a prova com toda a classe.

Noutra oportunidade, o professor de Didática pediu a um dos seus assistentes que não nos conhecia, que desse para nós uma série de aulas sobre didática especial. No fim do curso, ele marcou a prova para o sábado. Como sempre fizemos, procuramos o professor; porém, ele permaneceu firme em sua decisão. Fomos, então, falar com o professor titular. Ele respondeu: “não se preocupem, eu faço uma prova oral com vocês sobre a matéria que ele deu”. Quando ele me passar a relação das notas eu coloco a nota da minha avaliação no lugar da nota que ele puser.

No último ano, nos deparamos com uma situação singular. Um dos nossos professores, sendo francês, não falava português, e as suas aulas eram dadas sem tradutor. Esperava-se que, quem estudou francês no ginásio entendesse o suficiente. Dentre a bibliografia fornecida, o livro que mais se adaptava ao que ele estava ensinando era um livro em alemão. Nenhum dos alunos da classe estava familiarizado com esse idioma. A solução foi encontrar alguém que soubesse alemão e que também entendesse matemática o suficiente para fazer a tradução da parte que nos interessava. Foi uma experiência muito complicada, mas necessária e útil.

Ao concluirmos o curso em 1948, Orlando e eu participamos da cerimônia de formatura realizada no Theatro Municipal de São Paulo. Sentimo-nos agradecidos a Deus e à diretoria do colégio pela oportunidade de concluirmos nosso preparo universitário para servirmos à obra de Deus. Somos gratos também a Deus, pelas muitas oportunidades que tivemos de dar testemunho da nossa fé.

Convocado para guerra

Houve um momento em que cheguei a pensar que dos dez selecionados para estudar na USP ficaria apenas um. O Brasil havia declarado guerra ao “Eixo” e tinha suas tropas combatendo ao lado dos aliados no norte da África e na Itália. Era a Força Expedicionária Brasileira (FEB), para a qual fui convocado.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

No primeiro domingo de 1945, ao sair do refeitório do colégio, Norton Hartwig, um colega militar que, sendo cabo, havia assumido o comando do tiro de guerra que eu havia concluído no ano anterior, me entregou um jornal do dia e disse-me: “veja a página tal”. Folhei rapidamente o jornal e cheguei à dita página que tinha como título “Relação de convocados para a FEB, apresentação no Quartel de Santana até o próximo sábado”. Uma olhada rápida àquelas duas páginas, com suas centenas de nomes levou-me a um nome já grifado a tinta por Norton: era o meu.

Os dias que se seguiram foram de muita angústia, aflição e oração. Em poucas horas, alunos, professores, minha família e até minha namorada que estava de férias, comentavam que o Nevil devia viajar para a Itália para incorporar-se à FEB. Minha mente fervilhava de perguntas: chegará lá o nosso navio ou será atingido por algum submarino? Se chegar lá, voltarei vivo? Como poderei evitar pegar em armas? Como guardar o sábado?

Com a cabeça mais fria e com a ajuda do colega Darci Michiles elaboramos um plano. Enviei um ofício ao quartel general pedindo a substituição da minha convocação por uma incorporação ao Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), argumentando que a minha presença na Pátria como alguém que já estava lecionando e preparando-se na universidade seria de mais valor. Meu requerimento foi protocolado no quartel general na terça-feira, na esperança de que até sexta saísse alguma resposta pelo jornal indicado.

Chegou a sexta-feira e nenhuma resposta. O sábado era o último dia para a apresentação, portanto, na sexta-feira bem cedo me apresentei no quartel de Santana para o exame médico. Entre os convocados, o desejo geral era ter algum problema físico para poder ser dispensado. Os exames eram feitos por médicos militares, em diferentes setores, segundo a especialidade de cada um. Ao andar pelos corredores, de um setor para outro, mais de uma vez brincaram comigo dizendo: “Bravo! Você está em boas condições para enfrentar os alemães, hein!”. Em vez de ser um elogio, aquelas palavras me deixavam cada vez mais preocupado.

Lá pelas onze da manhã, fui encaminhado para um grande pavilhão onde três ou quatro médicos examinavam minuciosamente os pés e as mãos. Ao entrar no pavilhão cada um devia tirar a camisa e os sapatos e aguardar a chamada. Cheguei a minha vez. O médico examinou os pés e as mãos e não encontrou nada de anormal. Anotou na minha ficha e mandou prosseguir. Voltando para o lugar onde havia deixado os sapatos e a camisa veio à minha mente a história do dedo que pelo corte recebido quando criança, não possuía a articulação da falange digital. Comentei o assunto com um colega e ele disse:

— Rapaz, você está com a faca e o queijo na mão e vai deixar passar essa oportunidade?

Voltei imediatamente para falar com o médico.

Ao aproximar-me da sua mesa, entrou no local um major médico que exercia a função de supervisor. Ao ver-me ali, sem estar sendo atendido, foi logo perguntando:

— Ei você aí, o que está fazendo?

Procurando ser cortês com ele, respondi:

— Major, eu já fiz o exame com o capitão, porém me esqueci de mostrar que tenho um dedo defeituoso.

Voltando-se ao capitão, ele disse:

— Capitão, como é que você deixa passar um defeito como esse?

Para não complicar a situação do capitão eu repliquei:

— Major, a culpa é minha, fui eu que não me lembrei de mostrar.

E o major continuou:

— Capitão, examine outra vez a mão desse moço.

O capitão pacientemente tomou a minha mão e foi fazendo perguntas. Verificando que o indicador era ligeiramente menor que o outro, foi ordenando:

— Feche a mão, abra, feche o dedo, abra... E, anotando tudo na minha ficha, mandou-me prosseguir. Lá pela uma da tarde eu estava concluindo todos os exames. Todos os que não haviam sido dispensados por alguma razão especial, eram encaminhados a uma sala onde outro capitão médico fazia uma análise final examinando a ficha no seu conjunto. Sua responsabilidade era apenas colocar num pequeno quadrado à direita superior da ficha, uma de duas letras: A (Apto) ou I (Incapaz).

Ao examinar a minha ficha, deparou-se com as informações sobre o meu dedo. Após fazer diversas perguntas, não querendo assumir a responsabilidade disse:

— Aguarde um pouco, o major vai decidir.

Passados alguns minutos, chegou o major, o mesmo que já havia me encontrado antes. O capitão, voltando-se para ele, disse:

— Major, esse moço tem esse problema no indicador direito, que devo fazer com ele?

Agora foi a vez de o major fazer as mesmas perguntas que já me haviam feito e concluiu:

— Bem, para o que é necessário, dá, não é? Ele se referia ao fato de que o dedo estaria em condições de puxar o gatilho de um fuzil. Na realidade eu havia feito o exame de tiro ao alvo no Tiro de Guerra e havia passado, mas não tinha a mínima lembrança de qual tenha sido o dedo que utilizei.

No momento em que o major proferiu essa frase, entrou alguém na sala para falar com ele. Então o capitão tomou a minha ficha e colocou a lápis a letra

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

“A” no canto superior direito da ficha, significando que eu estava apto. Quando vi o que ele tinha escrito, perguntei desconsolado:

— Capitão, então estou dispensado por hoje?

Instantaneamente ele refletiu sobre o que me havia dito antes, tomou uma borracha e apagou a letra “A”, e disse:

— Eu falei a você que o major iria decidir, portanto vamos aguardar a sua palavra.

Como o major se demorava e ele não queria interrompê-lo, me mandou buscar parte dos meus pertences que estavam em outra sala. Ao voltar, fiz a minha última prece pedindo a Deus que se fosse de sua vontade, o major me dispensasse. Voltei à sala e o major estava terminando sua conversa. Imediatamente o capitão perguntou:

— Major, o que vamos fazer com o moço?

Após dar uma olhada para mim e perceber que eu estava de óculos, pediu a minha ficha para examinar e em seguida disse ao capitão:

— Olha, já que ele também tem problema na vista, mande-o para casa!

Respirei aliviado. Foi a mais linda frase que eu havia ouvido nos últimos dias. Com aquele corte, ocorrido há dezesseis anos, Deus já havia respondido a muitas orações.

48

Imediatamente o capitão colocou o “I” na minha ficha e acrescentou:

— Pode ir, volte amanhã para receber de volta o seu Certificado de Reservista.

Como o dia seguinte era sábado, não fui ao quartel. Apresentei-me na segunda-feira um tanto preocupado por não ter comparecido no sábado, mas ao entrar no pátio central, ouvi um anúncio que dizia: as seguintes pessoas devem comparecer à secretaria para receber a devolução do certificado de reservista. Entre elas, estava o meu nome.

O verso do certificado continha a seguinte observação: “Convocado para a Força Expedicionária Brasileira e dispensado por ter sido julgado incapaz.” Nunca me senti tão feliz e agradecido a Deus por ser incapaz.

Mesmo assim, como eu havia encaminhado um ofício ao quartel general pedindo incorporação ao CPOR, continuei buscando alguma resposta no jornal. Semanas depois, veio a lacônica resposta: “Arquive-se por ter sido considerado Incapaz.” Esta resposta foi outra bênção, pois se tivesse que prestar serviços no CPOR, certamente teria tido alguns conflitos com os estudos e o trabalho. Deus seja louvado por tantas bênçãos!

Vida familiar

O desenho de um coração tem sido considerado o símbolo gráfico universal para representar o amor. Os enamorados fazem entalhes nas árvores para gravar seus sentimentos na esperança de que o amor possa perdurar para sempre. No entanto, um pensamento posicionado na contra mão da ideia universal, parece ajustar-se mais à realidade do verdadeiro amor. Alguém desconhecido escreveu: “Desenhe um círculo, e não um coração em volta do nome da pessoa que você ama. Um coração pode se romper, mas um círculo é eterno”. Com certeza minha esposa e eu não desenhamos um círculo para representar o nosso amor, mas pela graça de Deus, estamos unidos há mais de 63 anos. Neste capítulo relato as bênçãos recebidas em nossa vida conjugal e familiar.

Atingido pelas flechas do cupido

Corria o ano de 1941. Estava tranquilamente almoçando no refeitório, quando uma loira alta, de olhos azuis, aproximou-se para falar comigo. Prontamente coloquei-me de pé para atendê-la. Naqueles dias, isto era uma demonstração de cortesia e respeito muito importante. Da moça eu sabia apenas que era uma aluna nova vinda do Amazonas, e que era filha de um missionário que havia trabalhado na África. Após cumprimentar-me, apresentou-se dizendo que o seu nome tinha as mesmas iniciais que o meu: NG, de Nevil Gorski e Noemi Gnutzmann. Contou-me que, ao receber a sua roupa de cama vinda

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

da lavanderia, notou a falta de dois lençóis. Reclamando com a responsável da lavanderia, esta lhe disse: “Deve ser um problema de iniciais, e recomendou-lhe que me procurasse para verificar.”

Ao confirmar que isto realmente havia acontecido, combinamos o local e a hora para a devolução. No momento da entrega dos lençóis, nossa conversa foi rápida, porém mais cordial e descontraída. Daí para frente, dava para ver que ambos tínhamos grande simpatia um pelo outro. Os olhares e cumprimentos foram-se tornando cada vez mais frequentes e amistosos, aproveitando sempre algum encontro ocasional para a troca de algumas palavras. Logo começamos a namorar.

Quando nosso namoro tornou-se conhecido, as coisas se complicaram para nós. Eu tinha na época 17 anos e ela apenas 13. Éramos considerados muito jovens para namorar e as regras do internato não favoreciam nossa comunicação. Podíamos brincar juntos nas brincadeiras coletivas como nos piqueniques e nas “horas sociais” nos fins de semana. Em certas brincadeiras a gente podia até ficar de mãos dadas. Mas as conversações mais demoradas só eram permitidas a alunos mais velhos e com autorização por escrito dos pais.

Sendo assim, as possibilidades de nos vermos se restringiam a algum encontro casual e rápido nos corredores do prédio escolar ou nas alamedas. Para compensar essas restrições, começamos a nos comunicar por meio de cartas e bilhetes. Estes eram enviados por “colegas correios” e dentro de algum livro ou revista. Como corríamos o risco de que a correspondência fosse apanhada, especialmente pela preceptora, que era muito zelosa pelas suas “filhas”, decidimos criar um alfabeto próprio para nossa comunicação.

Houve um tempo em que ela cumpria as horas educativas na lavanderia. Aí ela procurava passar minha roupa e, na sexta-feira, dia em que recebíamos a roupa limpa, era comum ser surpreendido com algum bilhetezinho no bolso do pijama.

Como já disse, comecei a lecionar no mesmo ano que ingressei na USP. Isto fez que o tempo para o namoro se tornasse mais escasso. Embora a essas alturas o nosso relacionamento fosse mais aceito, como professor eu devia dar o exemplo, o que me obrigava a ser mais cuidadoso.

Para evitar que rapazes e moças se encontrassem na cidade, o colégio havia disposto dias específicos para eles e para elas. Certo dia a Noemi foi fazer compras na cidade e, como eu ia e voltava todos os dias em razão de meus estudos universitários, voltamos juntos no mesmo ônibus. Como era de se esperar, sentamos no mesmo banco. Quando a preceptora soube disto, deu a ela três dias de trabalho adicional limpando as vidraças no dormitório.

Com o passar do tempo, o pai da Noemi enviou uma autorização para podermos conversar em casa de algum professor ou na preceptoria, uma hora

por semana! Os rapazes chamavam esse encontro de “hora do suco”. Visitamos a casa do pastor João Linhares muitas vezes. Também contamos com a boa disposição da preceptora, Dona Ruth V. Streithorst.

Arthur Dassow e Rubens Segre eram dois professores solteiros que estavam em condições idênticas porque também namoravam com alunas internas. Um dia combinamos de irmos os três com nossas namoradas até a represa de Santo Amaro. Para conseguir essa licença devíamos ir acompanhados de algum professor. Como o Rubens era muito amigo do Dr. Edgard B. Rodrigues, um dos professores da escola, ele e a esposa concordaram em ir conosco. Foi muito romântico vê-los acomodados, lendo jornal e livros, enquanto os três casais de namorados deslizavam pelas águas da represa nos barquinhos alugados.

Houve um tempo em que a Noemi fez suas horas educativas na cozinha. Como sempre procurou cumprir bem os seus deveres, ganhou a confiança da Dona Maria Talvik, uma senhora lituana que estava encarregada desse departamento. Sendo que eu voltava da cidade no último ônibus, sempre chegava depois da hora do jantar. Então dona Maria falava com seu característico sotaque estrangeiro: “Noemia, arruma meça prá Nevil, ele precisa zantar”. Eu retribuía essa atenção trazendo-lhe o jornal *A Gazeta* que ela gostava muito de ler. Às sextas-feiras o jantar era ainda mais cedo, mas ela não se esquecia de dizer: “Noemia, focê pode preparar bandeja para Nevil e levar para o quarto dele.” Na época eu morava quase em frente do refeitório, onde hoje funciona o ensino fundamental.

Certa ocasião, dona Maria queria fazer uma visita a uma amiga em Santos e nos convidou para irmos com ela. Assim que chegamos a Santos ela nos disse: “Agora vocês podem ir passear onde quiserem. Às quatro horas da tarde nos encontraremos aqui neste local.” Foi um dia inesquecível quando não só pudemos passear sozinhos e despreocupados, mas, por contar com a confiança e amizade de uma pessoa tão querida!

Noivado e casamento

Nosso namoro começara por aquele impulso juvenil despertado mediante o inesquecível diálogo dos lençóis. Os dias haviam transcorrido e, muito jovens como éramos, embora sempre tivéssemos nos dado bem, não havíamos pensado seriamente sobre o nosso relacionamento. A essa altura, creio que estávamos necessitando de uma espécie de sacudidura, para chegarmos ao ponto de saber se realmente cada um queria o outro, e se esta era a vontade de Deus. Por algum desentendimento sem muita importância, decidimos acabar com o namoro. Depois dessa decisão, cada um começou a sentir o vazio cujo preenchimento o outro representava, porém alimentando sempre o pensamento de que isso iria passar.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Num ambiente como o de um colégio de internato era inevitável que nos encontrássemos e nos cumprimentássemos frequentemente. Certo dia, o Pedro Apolinário, meu companheiro de quarto, disse à Noemi, sem que eu o soubesse: “Olha, Noemi, você jamais vai encontrar outro rapaz igual ao Nevil.” O que ele não lhe contou foi que a mesma coisa ele havia falado para mim a respeito dela.

Refletindo ambos nessas ponderações, nossos olhares continuaram a se cruzar. Acho que de fato eles traduziam os reais sentimentos do coração. A verdade é que, depois de ambos termos consultado ao Senhor, concordamos em reiniciar o namoro, mas agora já de uma forma mais séria e responsável. Decidimos ficar noivos. Escrevi, então, uma carta ao senhor Gnutzmann pedindo a filha em casamento. Com a resposta favorável, encomendamos as alianças. A “cerimônia” de noivado foi na preceptoria feminina, e comemorada com dois copos de suco, oferecidos pela preceptora.

O casamento ocorreu no dia 18 de janeiro de 1948. Noemi acabara de concluir o curso de Contador e eu estaria no último ano da universidade, porém com emprego garantido, embora ambos não tivéssemos recursos para despesas extras.

Depois de marcar a data do casamento, descobrimos que a Associação Paulista havia marcado o início da sua assembleia bienal no mesmo dia e local: o salão de atos do colégio. Ainda bem que não havia coincidência de horários. Depois dos entendimentos com a associação, ficamos responsáveis pela ornamentação do salão e o casamento se realizou às 19h com o auditório totalmente lotado devido à presença dos delegados à Assembleia, que começaria às 20h.

A cerimônia religiosa foi conduzida pelo pastor Jerônimo G. Garcia, e os padrinhos foram o pastor João Linhares e sua esposa Alcina. Infelizmente os pais de Noemi não puderam vir porque moravam no Amazonas e não era período de férias para eles. Nesse tempo, uma viagem dessa era muito difícil e custosa. Os meus pais também não puderam assistir porque o meu avô, pai de minha mãe, que morava com eles, estava muito mal, acabando por falecer enquanto estávamos em lua de mel.

O “atelier” da noiva estava bem próximo do local. Ela preparou-se para a cerimônia, em seu quarto no residencial feminino, ajudada pelas colegas e irmãs Enola e Alice que permaneciam na escola no período de férias.

A festa foi com bolo e sanduíches, feitos com muito carinho pela senhora Edith Berger, amiga da família e que era responsável pela lavanderia do colégio. O número de convidados estava de acordo com o tamanho da festa. Foram as duas irmãs de Noemi, algumas colegas do internato e dois dos meus amigos.

A lua de mel foi uma viagem a Serra Negra e Águas de Lindoia durante uma semana. A mesma foi financiada completamente com as moedas provenientes do troco que semanalmente eu passava à Noemi para ir colocando num cofre. De-

pois de três anos de economia, até que deu para alguma coisa. Foi assim que iniciamos nossa caminhada juntos. Ao escrever estas linhas, são mais de 63 anos de feliz convivência sob as bênçãos de nosso Pai Celeste.

A vida em família

Nossa primeira casa foi, a princípio, constituída de dois cômodos, que eram duas pequenas salas de aulas que nos foram cedidas pelo colégio e com uma cozinha e banheiro compartilhados com outro casal de professores, nas mesmas condições; morávamos onde hoje funciona a escola fundamental do Unasp-SP. Nossas poucas mobílias eram todas de segunda mão. Tínhamos fogão a lenha, lavávamos a roupa à mão e, para dar brilho no assoalho encerado, tínhamos que usar o escovão. No entanto éramos muito felizes com o pouco que tínhamos.

Antes de começar o ano letivo de 1949, recebi do diretor a notícia de que deveria me mudar para uma das casas novas construídas na rua que vai para o campo de piquenique. Era uma casa nova, mas pequena. Com o tempo teve que ser ampliada devido ao aumento da família. Ali nasceram os nossos três filhos.

Em 22 de março de 1951 nasceu nossa filha, a quem demos o nome de Dulce Léa, inspirados no nome de duas queridas amigas de Noemi, Dulce Cléa e Dirce Léa Albuquerque. Logo após o seu nascimento, recebemos a visita dos avós Gorski, que vieram especialmente para conhecer a neta. Na ocasião, os pais da Noemi estavam morando conosco temporariamente.

Após o nosso casamento, Noemi trabalhou na tesouraria do colégio para ajudar nas despesas, mas com a vinda dos filhos ela preferiu deixar o trabalho para se dedicar ao cuidado e educação deles.

Após dois anos da chegada da Dulce, no dia 23 de fevereiro de 1953, nasceu o nosso segundo filho. Era forte e robusto. Demos-lhe o nome de Elmar, recordando assim um grande amigo de minha infância. A irmãzinha ficou muito feliz com sua chegada e juntos cresceram rapidamente.

Passados mais dois anos, no dia 30 de maio de 1955, Deus nos abençoou com a chegada do nosso último filho, Rubem, o qual foi muito aguardado pela sua irmã e trouxe muita alegria ao nosso lar, agora com a família completa! Na época, as irmãs da Noemi e os meus irmãos moravam no internato e, sempre que podiam, tiravam uns minutos para visitar os “sobrinhos”, brincar com eles, dar um passeio, ajudar no banho ou dar a mamadeira. Eram sempre bem-vindos e muito esperados.

Desde pequenas as crianças acostumaram-se a participar dos cultos matutino e vespertino. Quando eu estava em viagem, era Noemi quem assumia o “sacerdócio”. À medida que foram crescendo, elas começaram a receber responsabilidades no planejamento e organização dos cultos, de acordo com uma esca-

la estabelecida. Eram momentos felizes para toda a família, inclusive para nosso cachorrinho fox paulista, o Bobby, que assim que ouvia a música, vinha à porta da sala e começava a arranhar indicando que desejava entrar. Ao abriremos a porta, entrava feliz e se deitava aos pés de alguém de sua escolha, permanecendo quieto durante todo o tempo. Acho que ele gostava da música.

Ao irmos à igreja aos sábados, especialmente quando os filhos ainda eram pequenos, procurávamos levar algo para eles escreverem, colorirem, ou um livro de pano com figuras bíblicas para ser folheado sem fazer ruído, preparados pela mãe. Ao ficarem um pouco maiores, eles tinham como tarefa anotar o número de vezes que o pregador pronunciava palavras como Jesus, Deus, Cristo etc. Assim prestavam bastante atenção e quando chegavam a casa, eles conferiam para ver se as contas coincidiam.

Todos tiveram uma infância muito feliz, pois não faltavam boas companhias nem bons locais para brincar ao ar livre, como no campo de piquenique ou no milharal plantado em frente da nossa casa. Para que eles não fossem muito longe, construí no quintal um escorregador de madeira, um balanço, uma barra para fazer ginástica e uma caixa de areia. Ali eles faziam a festa com a companhia dos amigos da vizinhança.

54

Com tantas oportunidades para gastar as energias, era comum entrarem pela porta da cozinha, em companhia de seis ou oito coleguinhas, cantando em coro: “queremos laranjas” ou “queremos suco!”. Era a vez da mamãe parar o que estava fazendo para atender toda essa clientela, que voltava feliz para continuar a brincar.

A educação fora do lar foi complementada pela participação nas atividades da igreja e pelo trabalho dos bons professores do colégio. Quando pastor recém-ordenado, tive o privilégio de batizar a Dulce e, posteriormente, o Elmar e o Rubem.

Dulce Léa completou seus estudos superiores no IAE, tendo-se formado no curso de Pedagogia. Elmar graduou-se em Engenharia de Alimentos pela Universidade de Campinas. Rubem graduou-se em Teologia pelo IAE e Matemática pela Universidade de Brasília. Hoje ambos exercem suas funções profissionais na cidade de São Paulo.

Deus também nos abençoou com a chegada de nove queridos netos, os quais nos têm dado muitas alegrias. São eles: Eduardo e Milene, filhos da Dulce; Ivan, Janaina e Bruno, filhos do Elmar; e Alexandre, Henrique, Rehana e João Guilherme, filhos do Rubem. Agradecemos a Deus por tanta felicidade.

Passando pelo vale da sombra da morte

O período compreendido entre os anos 1985 e 1990 foi de muita dor e tristeza para nossa família.

Poucos dias após ter regressado da Assembleia da Associação Geral, realizada em New Orleans, Estados Unidos, em 1985, recebi uma ligação telefônica do pastor Nelson Duarte, presidente da Missão Costa Norte. Inicialmente deu-me algumas boas notícias educacionais, mas continuando disse que tinha também uma notícia desagradável para me comunicar.

Minha sobrinha Nilce, ao ser submetida a uma pequena cirurgia, veio a falecer devido a um choque anafilático. Foi uma notícia muito triste para nós. Nilce, filha de minha irmã Geny, já falecida, era como nossa filha. Ela estudou e se formou no IAE, convivendo conosco como aluna bolsista. Casou-se com o teologando Arlindo Brandão. Já formados, foram trabalhar como missionários no Nordeste. Ele como pastor distrital em Codó (MA), e ela como professora. Cortou-me o coração ouvir do próprio esposo palavras de dor e confiança nas promessas divinas.

Arlindo continuou trabalhando como pastor distrital no Amazonas até falecer em 2011. Dos três filhos que ficaram, as duas maiores já se formaram no Unasp-SP. A mais velha, Dulce Helena, formada em Enfermagem, exerce a profissão no interior do Amazonas. Denise, formada em Fisioterapia, trabalha em São Paulo. Guilherme, o filho mais novo, estuda e trabalha em Joinville, Santa Catarina. Em meio às muitas desventuras, comuns a todos os seres humanos, as bênçãos de Deus não têm faltado para eles.

No ano seguinte, 1986, aconteceu a mais terrível prova pela qual minha esposa e eu passamos: a perda da nossa filha Dulce.

Relatarei mais detalhadamente na seção seguinte as bênçãos recebidas do Senhor, por ocasião desse acontecimento que nos causou tanta tristeza e dor.

No mês de outubro do mesmo ano, pouco tempo depois de ter regressado dos Estados Unidos após o falecimento de nossa filha, passei por um momento difícil. Estando hospedado no Hotel Nacional, no Rio de Janeiro, onde se realizava o concílio outonal da Associação Geral, tendo que dar explicações para tantas pessoas conhecidas e amigas a respeito do acidente, fui possuído de um profundo sentimento de dor e frustração.

Era sexta-feira à tarde e só pensava em casa, em minha esposa, nos dois netos sem mãe, enfim, a única vontade era de chorar. Só em meu quarto, resolvi tomar banho, preparando-me para o sábado. Ao vestir-me, colocando a camisa, senti que alguma coisa incomodava o meu braço na altura do cotovelo. Tirei a camisa e, procurando, dei com uma pequena etiqueta colada na camisa. Retirei-a e vi que havia algo escrito. Ao tentar ler, vi a seguinte frase: “amanhã será outro dia”. Tomei estas palavras como se fossem uma mensagem de Deus para mim e foi quando me lembrei de que as misericórdias do Senhor se renovam cada manhã e que as nuvens de hoje não devem ofuscar o brilho do próximo al-

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

vorecer. Renovei as minhas forças confiando em suas promessas, e aguardando o grande dia do encontro com Cristo e com os queridos.

Pouco mais de um ano havia se passado quando, em companhia da minha esposa e dos netos que ficaram morando temporariamente conosco, viajamos até São Paulo para passar alguns dias de férias com os familiares. No sábado à tarde telefonei para Brasília para saber como estavam os sogros, já idosos, que moravam conosco e haviam ficado em casa. Embora tivéssemos recebido a resposta de que estava tudo bem, à noite, o professor Oly Ferreira Pinto, diretor de Assuntos Estudantis do IAE, veio nos procurar. Trazia-nos a triste notícia do falecimento da minha sogra, dona Lucinda, ocorrido ao anoitecer.

Foi um segundo choque muito forte, especialmente para minha esposa. Deixamos as crianças na casa do nosso filho Rubem e tomamos o avião para Brasília. Felizmente todas as medidas necessárias haviam sido tomadas pela fiel Ana de Fátima que morava conosco para cuidar dos velhinhos, e foi auxiliada por queridos amigos: as senhoras Joyce Christman, Heloisa Bökenkamp e seu esposo Geraldo, Pr. José Bessa e sua esposa Nair, o ancião da igreja do Núcleo Bandeirante, Erasmo Neiva e muitos outros.

Cerca de um ano mais tarde, estando em Belo Horizonte, em viagem de trabalho, recebi de minha esposa uma ligação telefônica. Desta vez, tratava-se de minha mãe, que com 95 anos de idade, não estava passando bem. Como meu itinerário incluía uma visita ao nosso colégio em Lavras, naquele mesmo dia continuei a viagem, acompanhado dos diretores de educação da Missão Mineira e da União Este Brasileira, respectivamente os pastores Edir Wolff e Corino Pires.

Passei a noite na expectativa de alguma notícia desagradável, a qual se confirmou ao fazer logo cedo um telefonema a um dos meus irmãos. Gentilmente, o pastor Edir Wolff me levou até Hortolândia, onde meu irmão Derly tinha deixado o seu carro. Ele já havia viajado para Itararé com um amigo e eu deveria levar suas filhas. Prosseguimos viagem imediatamente, conseguindo chegar a Itararé pouco antes da cerimônia fúnebre. Foi emocionante contemplar a fisionomia tranquila daquela que, em vida, havia se desdobrado em educar os seus filhos. Sendo uma verdadeira mãe em Israel, no cumprimento dos seus deveres.

É comum ouvir-se que no caso de casais idosos e muito unidos, quando um vem a falecer o outro vai também. Isto aconteceu com os meus pais. Em 1990, ao regressar da assembleia da Associação Geral, passei alguns dias em São Paulo antes de regressar a Brasília. Estando meu pai com 99 anos e hospitalizado, aproveitei para passar duas noites com ele no hospital, mas infelizmente tive que regressar a Brasília porque devíamos arrumar nossa mudança para São Paulo. Porém, antes que isso acontecesse, foi-me comu-

nicado o seu falecimento. Por pouco não chegou aos 100 anos de idade, dos quais mais de 70 dedicou, de forma contínua, em desempenhar funções na igreja como professor e diretor na escola sabatina, diácono, tesoureiro e ancião. Tinha dormido em Cristo no último ano desse triste lustro que nos reservou tanto sofrimento e dor.

A ausência desses cinco familiares deixou-nos profunda tristeza. Por outro lado, fomos confortados com a alegria pelo que foram em vida e pela esperança que temos de poder revê-los na manhã gloriosa da ressurreição.

O dia em que o sol escureceu

A mais terrível prova pela qual minha esposa e eu passamos foi também a oportunidade para sentirmos o calor do Pai celeste e o seu amor inigualável, no apoio e consideração da parte de centenas de pessoas, que se colocaram ao nosso lado apoiando-nos com sua ajuda e orações.

No domingo 24 de agosto de 1986, em companhia de minha esposa, saímos de Brasília para uma viagem de trabalho. Devíamos percorrer de carro 700 quilômetros até Belo Horizonte, onde eu iniciaria minhas atividades, que findariam 20 dias depois, em Natal, Rio Grande do Norte. Passaríamos pelo Rio, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e Paraíba, visitando e avaliando escolas e colégios adventistas. Aos sábados devia visitar e pregar nas igrejas onde estivéssemos.

Já na estrada, por volta das 14h, passando em frente a um posto policial rodoviário, observei um policial alto e ereto, olhando firmemente para o nosso carro. Quando meus olhos se fixaram nos seus, ele repentinamente levantou a mão e fez sinal para que eu parasse. Estranhei a maneira como ele procedeu, mas como repetiu o sinal, reduzi a marcha, conduzi o carro até o acostamento, parei o veículo, desci e fui ao seu encontro.

Mais surpreso ainda fiquei quando ele disse:

— Sr. Gorski.

Antes que ele prosseguisse eu o interpelei:

— De onde o senhor me conhece?

— Eu não o conheço — disse-me ele.

O senhor está sendo procurado na estrada para ser informado que deve telefonar imediatamente para este número em Brasília, e passou-me o número de uma das casas de obreiros da Divisão Sul-Americana (DSA).

Perguntei, então, onde poderíamos encontrar o telefone mais próximo. Ele me informou que devíamos voltar 10 quilômetros até Três Marias, porque adiante o mais próximo estava a 72 quilômetros. Agradecemos e fizemos o retorno com o coração pulsando forte pela ansiedade de saber o porquê daquele

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

aviso. Seria algo com os pais da Noemi, que haviam ficado em casa, ou talvez com os meus, que eram ainda mais idosos?

Ao chamar, fui atendido pelo pastor José Bessa que foi logo perguntando:

— Vocês já estão sabendo do acidente?

— Acidente?! Qual? Onde?

— Na estrada, lá nos Estados Unidos — respondeu ele.

— Sua filha está inconsciente, José Carlos com perna quebrada, e sua neta na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). O neto está bem — sem dar muitos detalhes mais, porque certamente não os tinha, continuou:

— Sigam imediatamente para o aeroporto de Belo Horizonte, que alguém estará esperando por vocês lá, com mais informações.

Naquele momento não sabia com que palavras daria tal notícia à minha esposa. Tendo orado mentalmente, revesti-me de coragem e contei-lhe do acidente. Disse-lhe que nossa filha justamente naquela hora estava sendo submetida a uma cirurgia. Disse-lhe também que o grupo de nossos companheiros na DSA estaria reunido orando por ela. Mais tarde ficamos sabendo que era o seu esposo, e não ela, quem tinha sido operado.

Antes de prosseguir, oramos entregando as nossas vidas a Deus e pedindo a sua direção sobre os acidentados, como também sobre nós, nessa situação tão inesperada, em que, à semelhança de Abraão, teríamos que continuar avançando pela fé.

58

Devido ao atraso que tivemos, anoiteceu e ainda estávamos na estrada. A viagem parecia interminável! Quando chegamos ao aeroporto de Confins em Belo Horizonte, eram quase 21h. Nossa preocupação era se alguém ainda estaria à nossa espera. O estacionamento estava quase vazio. Ao nos aproximarmos da entrada do aeroporto, divisamos três casais que pareciam ansiosos. Ali estavam os pastores Darci Reis, presidente da Missão Mineira, Pedro Lima, tesoureiro, e Jurandir Gomes de Lima, diretor de Educação e suas respectivas esposas. Rapidamente nos cumprimentaram e nos informaram que o avião com destino ao Rio de Janeiro estava praticamente à nossa espera, sendo este o último voo do dia. Pegamos nossas malas, entreguei as chaves do carro a um deles, esquecendo-me de entregar os documentos, e corremos para o balcão. Dei um cheque para pagar as passagens, nos despedimos, e de forma direta fomos conduzidos ao avião, que, em seguida, fechou a porta para iniciar a decolagem.

A viagem até o Rio foi o primeiro período que tivemos para refletir sobre tudo o que estava ocorrendo e o que nos aguardava nas próximas horas. Entregamo-nos mais uma vez nas mãos do Todo Poderoso, decididos confiar em suas promessas. Às 22h, já estávamos chegando ao Rio e lá estava nosso filho Elmar, que viera de São Paulo, Humberto Melo, primo de Noemi, e o diretor de Publicações da União Este Brasileira, todos para nos dar orientações e assistência.

As passagens e reservas para Miami e Dallas já haviam sido providenciadas pela DSA. Também tinham-nos enviado uma ordem por escrito para retirarmos, em qualquer escritório da organização, a quantia de dinheiro que nos fosse necessária. Nossos passaportes e os respectivos vistos também estavam preparados. Tudo tinha sido trazido em mãos por um passageiro que, ao desembarcar no Rio pouco antes da nossa chegada, entregou a um daqueles que nos esperavam.

Tínhamos aproximadamente uma hora para retirar as passagens, comprar pelo menos alguns dólares com o dinheiro que dispúnhamos e embarcar. Começou assim a viagem que nos pareceu a mais longa de nossa vida: oito horas do Rio a Miami.

Em Miami devíamos fazer conexão para Dallas onde desembarcamos às 6h30. Lá estavam o pastor Moisés Nigri, ex-vice-presidente da Associação Geral e sua esposa, acompanhados do jovem Jorge Luiz, ex-colega de estudos de José Carlos, o meu genro. A presença do Pastor Nigri e senhora, nos comoveu profundamente. Embora fossem pessoas idosas e já aposentadas, se dispuseram a levantar-se de madrugada para aguardar nossa chegada e oferecer-nos conforto e a orientação de que precisávamos.

Após a saída e antes de levantar voo, o avião teve que voltar para trocar um pneu, o que tornou ainda mais demorada a viagem. Chegamos a Dallas aproximadamente ao meio dia, onde nos aguardava o Dr. Hampton Walker, ex-companheiro de trabalho no IAE. Ele tinha servido como diretor da Faculdade Adventista de Educação.

Do aeroporto até o hospital, ele colocou-nos a par de toda a situação: o acidente havia ocorrido no sábado, logo após o culto. Numa das capelas da Southwestern University, em Keene, Texas, reunia-se a Igreja dos Brasileiros, onde também assistiam pessoas como o Dr. Walker e outros americanos que haviam vivido e trabalhado no Brasil. Naquele sábado havia sido programado almoço conjunto na casa de um dos brasileiros.

José Carlos, Dulce e as crianças se dirigiram para o local de carona no carro da amiga Raquel Cardoso. Ao chegar à rua onde deveriam fazer uma conversão, o carro de Raquel foi atingido na parte de trás por uma caminhonete, que, por sua vez, jogou o carro contra outro veículo que vinha em sentido contrário.

Dr. Walker, que vinha logo a seguir, contemplou o trágico acidente e prestou os primeiros socorros. Os dois carros que se chocaram de frente ficaram praticamente destruídos; Raquel e sua filha ficaram com ferimentos leves, não chegando a ser hospitalizadas; o mesmo aconteceu com nosso neto Eduardo, de cinco anos. José Carlos, Dulce e Milene foram internados na UTI do hospital de Fort Worth. José Carlos teve várias fraturas; Dulce teve fratura na coluna e permaneceu em coma até falecer, sete dias depois. Nossa neta

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Milene, de dois anos de idade, teve fratura craniana; porém, graças ao bom atendimento, os ossos foram colocados no local sem consequências graves.

Embora o acidente tenha ocorrido no sábado, a notícia só nos foi transmitida no domingo, porque aguardavam informações médicas mais precisas e completas.

Chegando ao hospital nos deparamos com a dura realidade. A Dulce, com o seu semblante sereno e sem nenhum ferimento aparente, apenas respirava com auxílio de aparelhos. José Carlos estava com uma das pernas sob tensão, ambos os braços amarrados e a cabeça enfaixada, respirando ofegante e sem demonstrar qualquer conhecimento do que se passava. Milene estava na UTI pediátrica, plenamente consciente, com a cabeça raspada e toda enfaixada, chamando ora pela mãe ora pelo irmão. Quando tinha fome, ela sabia pedir *juice* (suco).

Ainda no hospital, o médico responsável pelo atendimento da Dulce colocou-nos a par da realidade, revelando-nos não abrigar nenhuma esperança. Dr. Walker fez ali uma fervorosa oração e então nos retiramos para a casa onde temporariamente eles residiam, a fim de refazer-nos depois da tão longa e penosa jornada.

Não demorou muito a chegar Urias Chagas, um jovem estudante do Brasil, trazendo o Eduardo que ficara a seus cuidados. Além do Urias, vários outros jovens brasileiros foram muito solícitos. Eduardo, nos impressionou porque, tendo acompanhado tudo o que havia ocorrido, conscientemente, apesar de sua pouca idade, demonstrava muita maturidade e revelava muita confiança em Deus e suas promessas.

A partir de nossa chegada, minha esposa, uma verdadeira fortaleza nessas situações, passou a atender com toda a dedicação e carinho as crianças, enquanto os pais de José Carlos lhe davam assistência no hospital. Aurora Lambeth, Raquel Cardoso e sua mãe Elza se revezavam com minha esposa em relação à Milene, enquanto hospitalizada, principalmente à noite, para que minha esposa pudesse repousar.

À medida que aqueles dias tenebrosos iam passando, fomos recebendo inúmeras manifestações de apoio e ânimo da parte de amigos e obreiros da Divisão Sul-Americana, da Associação Geral, do IAE e de outras instituições adventistas, sem contar as atenções recebidas de tantas pessoas conhecidas e desconhecidas que nos surpreendiam com cestas de frutas, flores, cartões, telefonemas e outras gentilezas. Em cada uma dessas atenções podíamos sentir o amor de Deus por nós.

Na sexta-feira seguinte, Milene teve alta do hospital; porém, continuava sob observação médica. Ela não conseguia andar. Nesse mesmo dia fomos chamados para uma entrevista com o médico da Dulce. Ele nos comunicou que os últimos exames feitos haviam revelado sua morte cerebral. Podem imaginar o que isso significou para nós, embora ele tenha dito também que fariam novos exames para comprovar tais resultados.

No sábado à tarde, um grupo de aproximadamente vinte pessoas, reuniu-se conosco numa das capelas do hospital para um culto de oração intercessória a favor dos acidentados e respectivas famílias, algo que muito nos confortou.

Na segunda-feira, após voltarmos do hospital, antes do anoitecer, recebemos uma ligação telefônica do hospital nos informando que o coração de nossa filha havia cessado de bater e além disso, nos solicitavam que retirássemos o seu corpo até às 22h. Solucionar um problema desses em si, já é coisa dura demais; porém, em terra estranha, a dor é maior.

A primeira coisa que devíamos fazer era contar ao neto o que havia acontecido. Tomei-o pela mão e convidei-o para um ligeiro passeio pelos arredores antes que o sol se pusesse. Ao passarmos próximo a uma pequena piscina do condomínio, ele se lembrou de como era agradável brincar com a mãe e a irmã naquele local. Aproveitei a oportunidade para lhe dizer que aqueles momentos agradáveis não poderiam mais se repetir, pois havíamos recebido a notícia de que o coração da mamãe havia parado de funcionar.

— Então ela morreu? Perguntou ele.

— Sim — respondi.

— Ela não vive mais.

Enquanto eu aguardava a sua reação em prantos, ele pensou por alguns segundos e, revelando compreensão da triste situação prosseguiu:

— Vovô, sabe o que a gente tem que fazer agora? Temos que trabalhar bastante para que Jesus volte logo e assim ela poderá viver outra vez.

Confesso que tive que conter minhas lágrimas diante de tal demonstração de fé de um menino de cinco anos. Pouco depois, brincando com a irmã, disse à vovó:

— Ainda bem que temos a nossa queridinha! — Referindo-se à irmã — Não, é vovó?

Diante das providências a tomar, tive que me valer de alguém que soubesse como proceder em terra estranha. Telefonei ao Dr. Walker, que prontamente veio me buscar e me levou até a funerária, local onde resolvemos tudo, felizmente sem muitas formalidades.

Com nosso coração carregado de dor e tristeza fomos dormir naquela noite, confortados pelas promessas de Deus e com a certeza de que a nossa filha havia dormido em paz.

Na quarta-feira tivemos que decidir onde a sepultaríamos e seu corpo estava exposto à visitação na funerária, como é o costume local. Tínhamos duas opções: Sepultá-la no cemitério particular do próprio colégio onde estávamos, o que sem dúvida era o mais simples; ou transportar o corpo para o Brasil, o que significava muitos trâmites legais e um alto custo financeiro.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Em conversação telefônica com o pastor Manoel Xavier, que atuava como diretor de Assuntos Estudantis no IAE, ele insistiu que removêssemos o corpo para São Paulo. Sem saber como proceder, veio-me à mente telefonar para o amigo Haroldo Seidl, que na época trabalhava para a Adra na Associação Geral.

Após conversarmos sobre o assunto, ele me disse que também não sabia o que devia ser feito, porém acrescentou:

— Vamos desligar o telefone e lhe chamo em 10 minutos.

Poucos minutos depois, o telefone tocou. Era Haroldo me dizendo:

— Conversei com o gerente da Varig em Nova York, que é meu conhecido. Ele pediu que você telefone para ele, que vai lhe dar todas as instruções de como proceder e, ainda mais, a Varig levará o corpo de sua filha gratuitamente de Nova York até São Paulo.

A resposta e orientações do gerente da Varig aliviaram a minha ansiedade e foram uma demonstração de como o Espírito Santo nos orienta em certas ocasiões, e de que Deus se utiliza até de pessoas desconhecidas para ajudar seus humildes filhos na hora da provação.

Antes que o corpo de Dulce fosse transportado para São Paulo, amigos nossos da universidade em Keene prepararam uma cerimônia fúnebre numa das capelas do campus universitário. Na cerimônia falou o pastor Botsford, pastor da igreja brasileira do campus e que também havia trabalhado como missionário no Brasil. Fomos acompanhados por muitas pessoas que se associaram à nossa dor.

Como Milene continuava sob observação médica, não pudemos acompanhar a Dulce na sua última viagem. Fomos, porém, confortados com a notícia de que centenas de pessoas se uniram à nossa dor, lotando o templo do IAE durante a cerimônia fúnebre. Os nossos amigos, pastores Rubens Lessa e Orlando Ritter falaram na cerimônia fúnebre. Muito devemos ao pastor Manoel Xavier, ao Dr. Wilson Rossi, ao sobrinho Edy e a muitos outros amigos anônimos e parentes que se envolveram física e economicamente nesse empreendimento.

Depois da partida da filha, Noemi e eu permanecemos em Keene por mais três semanas, enquanto Milene era submetida a vários exames e testes até receber autorização para viajar.

Nosso regresso, à semelhança da inesperada viagem de ida, se revestiu também de várias situações que comprovam a atuação do Espírito Santo e o amor de Deus em favor de seus filhos na hora da necessidade. Vou comentar apenas algumas que, com certeza, fortalecerão a fé dos leitores.

Antes de marcar as passagens de volta, Urias Chagas deu-me uma ideia. Como a passagem da Dulce não seria usada e José Carlos iria demorar a voltar, ele sugeriu que nós usássemos essas passagens e, ao chegar ao Brasil,

poderíamos solicitar à companhia aérea a devolução do valor das passagens não usadas. A meu pedido ele mesmo fez os contatos, conseguindo transferir as passagens e os pais de José Carlos continuaram nos Estados Unidos acompanhando o processo de restabelecimento do seu filho.

Na viagem de volta, além de estar com os dois netos, estávamos trazendo também seus pertences e outros muitos de nossa filha e da casa onde residiam. Ao todo, nossa bagagem era de 19 volumes e mais de 100 quilos de excesso! O Dr. Walker, Urias Chagas e Edson Romero nos levaram até o aeroporto.

Enquanto íamos esvaziando os carros e separando os volumes de mão dos que deveriam ser despachados, Edson tomou as passagens e foi transportando as malas e volumes até o check-in. Não sei o que ele contou ao funcionário da companhia aérea, o certo é que toda a bagagem foi despachada diretamente de Dallas a São Paulo sem nenhuma cobrança por excesso de bagagem! Nosso “muito obrigado” a esses queridos amigos!

Ao desembarcarmos em Miami para fazer a conexão com o voo que nos traria até o Brasil, lá estavam novamente o pastor Nigri, sua esposa e também Keila Campos, ex-colega de turma da Dulce. A eles nossa profunda gratidão pelo carinho e apoio.

À nossa chegada em São Paulo, eram tantos amigos que nos aguardavam que seria difícil citá-los por nome. A Divisão já tinha providenciado as nossas passagens até Brasília, porém como uma das empresas aéreas estava em greve tornara-se impossível confirmar a viagem e a única alternativa era ficar na lista de espera. Saí para procurar alguma solução, enquanto o amigo Hélio Serafino cuidava da bagagem e minha esposa olhava os netos, que brincavam com os primos e amiguinhos que tinham vindo ao aeroporto.

Por uma feliz coincidência, enquanto caminhava pelos corredores do aeroporto, encontrei-me com o amigo Eser Amâncio e ao nos cumprimentarmos, lhe contei da dificuldade que estávamos tendo para viajar até Brasília. Imediatamente ele lembrou que tinha um amigo que trabalhava no aeroporto. Tomou as passagens e saiu à procura dele. Passados uns 20 minutos, voltou com a feliz notícia de que poderíamos viajar no voo da Varig das 17h.

Decidimos deixar em São Paulo duas malas com pertences de José Carlos e da casa. Assim mesmo, continuávamos com excesso de bagagem. Ao fazer o check-in, o funcionário me informou que tinha 80 quilos a mais e devia pagar pelo excesso. Contei-lhe de onde vínhamos e de como uma empresa estrangeira havia transportado tudo sem cobrar o excesso. Depois de conversar com algum superior, despachou tudo sem cobrar nada.

Com o desembarque em Brasília, encerrava-se a nossa peregrinação inesperada. Lá estavam os administradores da Divisão para receber-nos. O pastor

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

João Wolff e esposa levaram minha esposa e os dois netos até nossa casa e eu fui com a Kombi da DSA, depois de receber e conferir nossa bagagem.

Sempre fui muito agradecido à tesouraria da Divisão na pessoa do pastor Rui Nagel e do saudoso amigo Guillermo Caballero. Na ida, providenciaram as passagens e a ordem para retirar dinheiro, além de tomar todas as providências para o regresso. Quando falei em como pagar minhas dívidas, Guillermo me disse:

— Está tudo em conta separada para você ir liquidando conforme for possível. Também já foram creditados os auxílios de praxe para despesas funerárias, não há nada pelo que o senhor deva se preocupar.

Ele também me fez o favor de solicitar a devolução das passagens não usadas.

Posteriormente, viajei até o IAE para pagar as despesas do funeral da minha filha, porém nada consegui saber. A resposta era sempre a mesma:

— Seus amigos já resolveram esse problema, não se preocupe.

Obrigado, queridos amigos!

Quase três meses após havermos regressado, recebemos a informação de que José Carlos estava autorizado a viajar. Procurei, então, a Guillermo Caballero para que comprasse a passagem para ele, pois a dele eu a havia utilizado na volta. Ele me disse:

— Vamos consultar a Fly Tour para ver se podem conceder-nos um bilhete de cortesia.

64

Em menos de 24 horas eles responderam que a passagem-cortesia Miami-São Paulo, fora concedida e seria pela PanAm. A PanAm era exatamente a companhia pela qual os pais do José Carlos tinham o seu bilhete de volta! Seria só coincidência?

Porém isso não é tudo. No dia seguinte, apareceu no escritório da Divisão, em Brasília, uma pessoa que estaria viajando para os Estados Unidos, justamente para Keene, que se ofereceu para pegar o bilhete em São Paulo e entregá-lo em mãos ao pai do José Carlos. Seria outra coincidência? É claro que não! Isto mostra-nos que Deus muitas vezes providencia resposta às nossas orações, solucionando nossos problemas antes mesmo que o peça-mos. Louvado seja Deus!

Partilhando as bênçãos do lar

Poucas semanas após nosso casamento, se iniciava um novo ano escolar no então Colégio Adventista Brasileiro. Noemi acabava de concluir o curso de Contador e eu ainda tinha um ano pela frente para concluir o meu bacharelado e licenciatura em Matemática na USP.

Embora tudo para nós fosse novo e estivéssemos morando sem muito conforto, chegamos à conclusão de que seria bom se pudéssemos ajudar o meu irmão Rodolpho a iniciar os seus estudos secundários.

Tomada a decisão, Rodolpho com onze anos, Noemi com 20 e eu com 23, passamos a desfrutar juntos de novas experiências visando aos benefícios da educação cristã.

Em junho do mesmo ano foi-nos oferecida uma casa mais confortável, que havia sido desocupada. Sem pensar duas vezes, aceitamos a proposta; e sem pensar em comodidades, nos lembramos da possibilidade de aliviar os compromissos financeiros do meu sogro, que estava mantendo duas filhas no internato. Com as irmãs de Noemi, Enola e Alice, concordamos com alegria que viesse também uma amiga e colega amazonense, Dulce Albuquerque.

No ano seguinte, mudamos para uma casa nova, porém menor. Ali haveríamos de morar durante 27 anos. Com a chegada dos filhos foi necessário ampliá-la por duas vezes. Esses aumentos possibilitaram não só que os três filhos fossem bem acomodados, mas também que, com o decorrer dos anos, dividissem o quarto com alguns dos nossos sobrinhos e filhos de amigos que desejavam aproveitar a oportunidade de estudar no colégio.

Como a família se tornou numerosa e Noemi voltou a trabalhar meio período, depois que o filho mais novo entrara na escola, fez-se necessário ter alguma moça que a ajudasse nas tarefas domésticas. Desejávamos alguém que pudesse morar conosco e, ao mesmo tempo, pudesse estudar no colégio. Foi assim que a jovem Maria José Bãrg passou a fazer parte da nossa família até concluir seus estudos como professora.

Nossa permanência em Brasília por 15 anos praticamente isentou-nos da preocupação de abrigar jovens desejosos de receber educação cristã. Não obstante, nos últimos cinco anos (período em que meus sogros moraram conosco, devido à doença da minha sogra, e posteriormente os dois netos que perderam a mãe), mantivemos em casa duas moças que, logo que Noemi chegava a casa, eram liberadas para estudar. Elas eram Maria de Lourdes e Ana de Fátima Barbosa.

Ao sermos chamados novamente para o IAE, voltaram as possibilidades de ajudar jovens que desejassem estudar. A própria Ana de Fátima veio de Brasília para morar em nossa casa. Ela cuidou de minha sogra nos seus últimos momentos e o mesmo fez em São Paulo com respeito ao meu sogro. Cuidou deles com muita dedicação e carinho até o fim, já que ambos os desenlaces ocorreram estando Noemi e eu em viagem.

No IAE ela concluiu o curso de Pedagogia e, depois de formada, trabalhou no projeto Unavem III, na Adra I, em parceria com a ONU, por um ano em Angola. Ao regressar, casou-se com Eder de Lucca, pastor recém-formado. Ainda concluiu o curso de Enfermagem no Unasp-SP. Atualmente o casal reside em

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Lavras, onde são preceptores e a Ana responde pela parte de enfermagem na Faculdade Adventista de Minas Gerais (Fadminas).

Fazendo as contas, nos quase 60 anos de trabalho, Deus nos deu o privilégio de compartilhar nosso teto, a nossa mesa e os nossos cultos com cerca de 28 jovens e juvenis, entre parentes e amigos, que chegaram a ser como nossos filhos. Entre eles há pastores, professores, enfermeiras, fisioterapeutas, médicos, pesquisadores, administradores etc. Lembramos com saudades os almoços de sábado, quando se achegavam à nossa mesa 12, 15 ou mais, entre os de casa, seus namorados e um ou outro amigo.

O nosso grande alvo foi não só facilitar-lhes o acesso à educação cristã, mas também que chegassem a exercer atividades úteis à sociedade e, juntamente conosco, continuassem se preparando para a vida eterna com Cristo nos céus. Esse foi um desejo nutrido por nós e concretizado com o auxílio divino.

Vida p r o f e s s i o n a l

Com o título de Bacharel e Licenciado em Matemática, prossegui minhas atividades como professor. Me propus fazê-lo cumprindo quatro resoluções pessoais:

1. Não faltar às aulas;
2. Preparar minhas aulas de maneira a não depender de livros ou mesmo anotações ao ministrá-las;
3. Respeitar os alunos e ajudá-los em seus questionamentos sobre a matéria e, se necessário, em outros aspectos ;
4. Oferecer um ensino prático relacionando os conteúdos, sempre que possível, com a vida prática e espiritual.

Nos primeiros anos, após a formatura, aproveitei algumas oportunidades para cursar disciplinas do curso de Teologia, já que minha primeira intenção era ser pastor. Realizei também dois cursos de extensão oferecidos pela Andrews University; Psicologia Pastoral e Orientação Profética no Movimento Adventista. Este último foi ministrado pelo pastor Arthur White, neto da Sra. Ellen G.White, o qual tornava as classes muito interessantes pelas contínuas referências ao seu relacionamento com sua avó, quando menino e jovem adolescente. Sob a liderança do pastor Robert Pierson, presidente da Associação Geral na ocasião (1968), participei de um proveitoso e abençoado curso de Liderança

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Cristã. Na área de minha graduação, realizei na USP um curso de pós-graduação em matemática avançada.

Comecei lecionando aulas de Matemática e Física para o colegial, as quais eram geralmente partilhadas com o professor Orlando Ritter. Enquanto um ensinava geometria e álgebra, o outro lecionava aritmética ou trigonometria para a mesma turma e de igual modo fazíamos nas aulas de Física. Por algum tempo, também partilhamos o ensino de ciência e religião para o curso de Teologia. Para o curso de Contabilidade, lecionei matemática financeira e estatística, mas devido à falta de compêndio apropriado para esse curso, tive que preparar uma apostila. Também pedi para lecionar religião ao curso ginásial, deliciando-me com a reação dos alunos sobre “O grande plano de Deus”.

Certo dia, o pastor Jerônimo G. Garcia, diretor do Colégio, me chamou ao seu escritório e disse:

— Nevil, este ano você vai lecionar arqueologia bíblica para o curso de Teologia, e passou às minhas mãos um livro de arqueologia bíblica para servir de compêndio. Argumentei de diversas formas que esta não era a minha especialidade; porém, sem pensar muito, ele respondeu:

— Você foi meu aluno. Você pode.

Tomei o compêndio, comprei outros livros, estudei bastante e lecionei Arqueologia por muitos anos.

Em 1958, o professor Walter E. Nelson, obreiro inter-divisão, desempenhava a função de diretor interno. Após três anos fora dos Estados Unidos, ausentou-se no segundo semestre, para gozar as férias a que tinha direito. O professor Orlando Ritter e eu fomos designados para substituí-lo tanto na Diretoria Interna como na direção dos cursos ginásial e colegial. Nossa carga de trabalho, não obstante, não foi modificada. Pela manhã dávamos nossas aulas e à tarde atendíamos no escritório das respectivas diretorias.

Como se isso fosse pouco, era também o tesoureiro da igreja, cargo que desempenhei por quatro anos e meio. Isto me exigia um bom número de horas semanais; porém, na última parte, tive como assistente o jovem teologando João Wolff, o qual chegou a ser presidente da Divisão Sul-Americana durante três períodos consecutivos. Na igreja servi também como diácono, ancião e pastor associado, além de atuar sempre como professor da escola sabatina.

No final de 1954, o professor Pedro Apolinário e eu nos oferecemos à Associação Paulista para cuidar de alguma igreja próxima do colégio. Foi-nos confiada a igreja do Itaim onde, até o final do ano seguinte, nos alternamos religiosamente com as reuniões de sábado e domingo à noite e aos sábados à tarde dedicávamos o tempo visitando os irmãos e assistindo às reuniões dos jovens. Em 1956, deixei

todas as minhas responsabilidades relacionadas com a igreja, pois havia em casa três crianças para cuidar, razão pela qual achei melhor ajudar minha esposa.

Em 1957, voltei a contribuir com a obra pastoral, porém, na igreja de Santo Amaro, que era bem mais próxima. Dessa vez, o meu parceiro foi o professor Orlando Ritter. Ali tivemos muitas alegrias e em um dos anos dedicamos os domingos à noite ao estudo do livro de Apocalipse. O interesse dos irmãos foi tanto que a igreja sempre ficava lotada.

Numa outra oportunidade, para aumentar a assistência aos cultos de quartas-feiras à noite, resolvemos fazer o culto com mensagens do livro *O maior discurso de Cristo*, de Ellen G. White, com idênticos resultados. As reuniões dos jovens com temas bem definidos e concursos bíblicos interessantes, contavam com a participação maciça dos membros da igreja.

Quando iniciamos nossas atividades em Santo Amaro, a escola da igreja, que no passado havia sido boa e forte, estava fechada. Como havia muitas crianças, depois de conscientizar os irmãos, fizemos os arranjos com a Associação, e a escola foi reaberta. Descobrimos, porém, que havia catorze crianças, filhos de alguns irmãos, que continuavam estudando fora por problemas financeiros. No sábado dedicado à educação cristã, fizemos um apelo à igreja para colocar essas catorze crianças em nossa escola. Um membro levantou-se e disse-nos que se responsabilizaria por duas delas. Outros seguiram o exemplo e, em poucos minutos, o que parecia impossível, aconteceu. O Espírito de Deus havia sensibilizado o coração daqueles irmãos e as catorze crianças passaram a frequentar a escola.

A instituição de ensino fechada foi aberta! De uma sala de aula passou para duas. Logo se construiu um segundo piso no salão de Jovens para contar com mais duas salas de aula. Posteriormente, com o crescimento do número de alunos e o prestígio da escola, foi adquirido um terreno em outro local e uma nova e boa escola foi construída. Com o tempo, acabou se tornando colégio secundário. Louvado seja Deus pelo esforço daqueles que prosseguiram protegendo as crianças e jovens da igreja. Aquela pequena escola ressuscitada com uma sala de aula e uma professora, hoje é um colégio com mais de oitocentos alunos, em virtude de sua boa reputação na cidade.

Vou citar apenas um, dos muitos frutos produzidos por essa escola. Certo sábado de manhã, antes da escola sabatina, enquanto estava dirigindo a classe batismal na galeria do templo, entrou um moço e assentou-se, passando a acompanhar atentamente o estudo. Terminada a reunião, ele contou-me por que estava ali: “Há muitos anos fui aluno da escola adventista de Santo Amaro. Minha professora foi a senhora Ester Faria. Quando minha família mudou-se para Santo André, deixei de ter contato com os adventistas. Agora voltamos

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

para Santo Amaro, e como jamais esqueci os ensinamentos da professora Ester, vim até aqui porque desejo aprender mais sobre a Bíblia”.

Aquele moço continuou na classe batismal e alguns meses depois tive a alegria de batizá-lo. Nele se cumpriu a palavra de Deus: “lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás [...] Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão; porque não sabes qual prosperará, se esta, se aquela, ou se ambas igualmente serão boas” (Ec 11:1-6). Quantas surpresas teremos no céu como fruto direto das nossas escolas!

No final do ano 1960, a Associação Paulista votou a ordenação ao sagrado ministério de três professores que já contavam com cinco anos de pastorado voluntário: Pedro Apolinário, Orlando Ritter e eu. Para mim, especialmente, essa decisão teve um significado especial. Foi a concretização do ideal que sempre tive.

Minha mãe, que tanto almejava ter um filho pastor, viu o seu sonho realizado, embora estivesse feliz também pelo fato de eu estar servindo à igreja como professor. Ela ainda viveu a tempo de ver o seu sonho quadruplicado ao assistir à ordenação de outros três filhos: Darcy, Rodolpho e Derly.

A cerimônia de ordenação foi realizada no Ginásio do Pacaembu, em São Paulo, no dia 31 de dezembro de 1960, no final de um período especial de reuniões com o pastor Anderson, da Conferência Geral. Tive o privilégio de ter o meu certificado assinado por pessoas muito caras para mim: os pastores V. Anderson, Enoch de Oliveira, Siegfried Kumpel, Naor Klein, J. Aitken e Moisés S. Nigri.

Embora tivesse continuado por mais dois anos na igreja de Santo Amaro, mal poderia imaginar o quão importante para mim seria a ordenação, em função das responsabilidades que seriam colocadas sobre meus ombros a partir do ano seguinte. Tive assim a oportunidade de realizar centenas de batismos, casamentos e outras cerimônias próprias do pastorado, tanto no Brasil como em outros países. Deus me concedeu também o privilégio de participar da ordenação de muitos ex-alunos.

Ensinando e liderando

A partir de 1961, na assembleia geral ordinária do CAB, a razão social Colégio Adventista Brasileiro passou a representar oficialmente os cursos ginásial e colegial. Para a instituição como um todo, foi adotado o nome de Instituto Adventista De Ensino — IAE, uma vez que eram oferecidos, além do ginásial e colegial, os cursos de Contabilidade, Normal e Teologia.

Por ocasião das reuniões quadrienais do IAE, de janeiro de 1961, foi decidido que a direção dos cursos ginásial e colegial seria desvinculada da responsabilidade da Diretoria Interna. Então, eu e o professor Orlando Ritter fomos nomeados como diretor e vice do CAB, respectivamente, mas sem

perder nossa carga de aulas. Seguimos o mesmo método de revezamento que havíamos adotado em 1958, e que a nosso ver, havia funcionado bem. Nesse período, para tornar mais prático o currículo e seguindo orientações do Espírito de Profecia, introduzimos no curso ginásial as disciplinas de Artes Industriais, Economia Doméstica e Técnicas Comerciais.

Como resultado da visita do diretor do Ensino Secundário do Ministério de Educação e Cultura, que, após ter visitado nossas instalações, ficou entusiasmado com o ensino prático no curso ginásial, recebemos uma verba para implantar uma oficina de artes industriais, uma cozinha experimental, e um escritório modelo. O dinheiro recebido foi suficiente para a implantação dos três laboratórios. Deus providenciou para nós os recursos que não tínhamos!

No final de 1963, o professor Nelson pediu o seu retorno para os Estados Unidos. Para preencher a função de diretor interno, agora vaga, a comissão diretiva nomeou o professor Orlando e a mim, que mais uma vez, fomos nos revezando no trabalho.

Em 1965, o colégio enviou o professor Ritter aos Estados Unidos para cursar o mestrado em Administração Escolar, na Andrews University. Na sua ausência, continuei com as minhas aulas, com a diretoria do CAB e, ainda, com a diretoria interna. Levar a tarefa a bom termo só foi possível pelas bênçãos divinas, pois Deus me deu a suficiente saúde para realizar o trabalho; e, também, pela providencial indicação do professor José R. de Azevedo, que me ajudou especialmente na área disciplinar.

Na época, o diretor geral do IAE era o pastor Jairo T. Araújo. Apesar de o país estar enfrentando muitos problemas econômicos que afetavam também o bom funcionamento das instituições, foi possível acrescentar um apêndice ao salão de atos, que aumentou sua capacidade de 400 para 600 lugares, e mais quatro salas de aula no subsolo. Também foi feita uma terraplanagem à esquerda da avenida de entrada, onde inclusive foi lançada a pedra fundamental do futuro templo da escola. Como o projeto não foi aprovado pela Divisão Sul-Americana, a construção teve de ser postergada até a apresentação e aprovação de um novo projeto e para um outro local.

Diretor geral — primeira vez

O retorno da América do professor Ritter estava previsto para o primeiro trimestre de 1966. Logo que ele voltasse deveria ir o pastor Jairo T. de Araújo para cursar o mestrado em Teologia, com o propósito de melhorar o nível do corpo docente do curso teológico. Para substituí-lo como diretor geral, a comissão nomeou-me para o cargo até completar o mandato do quadriênio legal.

Aceitei a nomeação confiando em Deus e na colaboração de professores e demais funcionários da escola. Servi no cargo até o ano de 1975, depois de

haver sido reeleito em 1968 e 1972. Por sua vez, tendo regressado dos Estados Unidos, o professor Orlando Ritter reassumiu a Diretoria Interna e, até o final do quadriênio, continuamos respondendo pela diretoria do CAB.

Ao assumir a Direção Geral, os desafios começaram a pesar sobre os meus ombros. Unir o corpo docente para um trabalho mais eficiente era um imperativo e a construção do templo era um desejo antigo da comunidade “iaense”. A administração anterior havia aceitado o compromisso da abertura da faculdade de Enfermagem, o primeiro curso adventista a ser oficializado no Brasil, porém era urgente também pensar num curso superior oficializado para o preparo de professores. O tráfego de veículos pelo centro da escola era um problema sério devido à ameaça aos pedestres e ao pó e lama nos dias de chuva já que tampouco havia pavimentação entre os vários edifícios. A iluminação das vias de comunicação interna era precária e vários dos prédios existentes deveriam ser reformados, especialmente os telhados. Pelo menos um prédio de aulas novo precisava ser construído para abrigar os futuros alunos de enfermagem, e, assim, a lista continuava.

Com oração e entrega a Deus, iniciei meu novo trabalho. Minha primeira preocupação era poder contar com a colaboração do corpo docente, mas quando fiz a primeira convocação para reunir os professores e demais membros, fui surpreendido com a presença maciça do grupo. A frequência que em geral era de 15 a 20 pessoas, passou a ser de 50 de um total de 55 membros! Com tal manifestação de apoio e a vontade expressa de muitos no sentido de estarem ao meu lado para o que fosse necessário, senti-me encorajado e agradecido a Deus.

Como o ano escolar estava em pleno andamento, não foi possível abandonar minhas aulas ou deixar minhas atividades na igreja. Contando sempre com as bênçãos de Deus, o esforço em espiritualizar as reuniões do corpo docente e as atividades da escola em geral, produziu um bom efeito. Na oportunidade, executamos um plano elaborado tendo em vista iniciar as atividades diárias em cada departamento com um culto devocional. Sendo a ideia aceita e posta em prática imediatamente, passou a reinar um ambiente muito bom, o que propiciou as condições para, inicialmente, concentrarmos nossa atenção em três projetos: a estrada de contorno, a construção do templo e a abertura da faculdade de enfermagem.

Estrada de contorno

Este era o projeto mais fácil e mais rápido a ser parcialmente executado. O plano previa abrir uma passagem pela mata logo após a entrada principal, contornando o centro da escola pela direita até encontrar-se com uma estrada já existente que conduzia até o bairro do Capão Redondo.

O Sr. Ernesto Bergold, então responsável pelo setor agrícola da escola, homem dinâmico e trabalhador, aceitou o desafio de abrir a nova estrada. Manobrando o pesado trator durante dias sem fim, trabalhou incansavelmente, arrancando e transportando árvores, removendo e aplainando a terra num terreno bastante irregular. Tornou-se assim possível ligar o novo estacionamento ao lado do prédio escolar com a nova estrada aberta, possibilitando um acesso de mão única. Finalmente foi construído um estacionamento ao lado do Residencial Masculino ligando-o também à estrada de contorno.

O trabalho final foi o de compactação da terra e colocação de saibro e pedregulho para tornar a estrada utilizável. Depois que a mesma ficou pronta integralmente, todos reconheceram ter sido um empreendimento imprescindível para humanizar o campus. Até sua aposentadoria, o Sr. Ernesto foi visto muitas vezes manobrando o trator para manter a estrada em boas condições.

Na atualidade, a dita estrada continua nas proximidades do antigo estábulo, deixando à direita a nova Policlínica Universitária e à esquerda os dois módulos de laboratórios, a nova biblioteca e o Cenape (complexo esportivo), e termina no grande estacionamento à esquerda da avenida de entrada.

Construção do templo

Quando recebemos a incumbência de dirigir o IAE, a responsabilidade da construção do templo era considerada como sendo mais do colégio do que da igreja ou da Associação. Como mencionei anteriormente, o local determinado era junto à estrada de Itapeperica, à esquerda do portão principal. Os planos de construção já estavam em andamento, os membros já estavam contribuindo e a pedra fundamental, lançada. Porém, a planta do projeto ainda não havia sido aprovada pela Comissão da Divisão Sul-Americana, à qual o IAE pertencia na ocasião.

Ao apresentarmos o projeto na reunião da comissão diretiva da Divisão, em novembro de 1966, esta não concordou com o projeto e nem com o local determinado. Foi-nos solicitado, então, a escolha de um novo local e um projeto condizente com o mesmo. O argumento era que a igreja, como fonte espiritual, deveria ocupar uma posição central na instituição. Nossa participação no projeto realmente começou a partir desse ponto. Depois de vários estudos chegou-se à conclusão de que deveria estar no local onde está atualmente, mesmo tendo que sacrificar uma casa residencial ali existente. Uma vez que contamos com a aprovação do local, o trabalho passou a ser a elaboração do projeto arquitetônico.

O novo projeto também foi aprovado pela Divisão; porém, o início das obras não foi autorizado, considerando-se que os recursos em caixa estavam longe do custo previsto. Estávamos num impasse: o dinheiro da campanha não

entrava porque a obra não começava, e a obra não começava porque não havia dinheiro suficiente. Na seguinte reunião da Divisão, apresentamos a proposta de dividir a execução do projeto em quatro etapas. A primeira poderia ser executada de imediato com o dinheiro que tínhamos em caixa. As outras, à medida que tivéssemos os recursos necessários.

Felizmente essa proposta foi aprovada e, no início de 1971, as obras foram iniciadas. Os membros voltaram a contribuir e foram feitos alguns mutirões envolvendo membros da diretoria, professores e alunos, executando especialmente trabalhos de arrumação e limpeza.

Ao deixarmos a escola em 1975, o templo já estava com a sua parte estrutural pronta e coberta. A participação dos pastores Josino Campos e Henrique Berg foi muito importante, ao ponto de realizarmos uma reunião experimental na nave do templo para entusiasmar os membros a participarem financeiramente do projeto. Durante o período em que estivemos trabalhando na Divisão, a construção continuou com pequenas paralisações, até ser concluída e inaugurada em 1984, sendo o diretor do IAE o pastor Walter Boger e o pastor Eser Giroto, o pastor da igreja.

Hoje, o templo que foi inicialmente projetado para 2.000 membros, comporta uma igreja que conta com mais de 3.600 membros, e oferece a cada sábado dois serviços de culto. Mesmo assim, nos dois horários de culto, o templo está geralmente lotado.

74

Abertura da faculdade de Enfermagem

A execução do projeto de abertura da faculdade de Enfermagem era inadiável. Antes mesmo que chegassem as férias de julho, pedi ao secretário Geral, professor José Marques Guimarães, que buscasse informações sobre o necessário para encaminharmos a solicitação ao MEC, pois todos éramos inexperientes nesses assuntos.

O Sr. Guimarães pôs-se a trabalhar examinando minuciosamente exemplares de uma revista produzida pelo MEC, chamada *Documenta*. À medida que ia descobrindo informações muito esparsas e em diferentes exemplares, ia colecionando-as e informando-me a respeito.

Por outro lado, a professora e enfermeira Maria Kudzielicz, chamada para ser a diretora do curso, mesmo sendo enfermeira de alto padrão, necessitava melhorar a sua titulação. Enquanto o professor Guimarães e eu preparávamos o material relacionado com a estrutura física e a capacidade financeira da escola e da mantenedora, equipamentos e documentação sobre aspectos legais, Maria, aproveitando o seu bom relacionamento nos círculos médicos e hospitalares, além de estudar para melhorar a sua titulação, foi encarregada de buscar pesso-

as de confiança e tituladas para servirem como professores. Também devia fazer os contatos iniciais quanto aos locais de estágio para os alunos.

No mês de outubro de 1966, conseguimos ter o projeto pronto, composto de dois grossos volumes, com toda a descrição técnica, documentação requerida e cópias de documentos legais. Protocolado o processo no MEC, só em fins de 1967 é que fomos receber uma primeira comunicação do Conselho Federal de Educação solicitando esclarecimentos e mais documentos, que enviamos prontamente.

A seguir, tivemos a felicidade de receber a visita de um avaliador enviado pelo Conselho Nacional de Educação, com a finalidade de confirmar as informações fornecidas no projeto. Apesar de reconhecer nossas debilidades, enalteceu nossas intenções, reconhecendo-nos como uma instituição séria.

Ao dar o seu parecer favorável, como única observação recomendou o aumento de vagas de 30 para 60. O decreto de autorização saiu em maio de 1968, portanto planejamos iniciar as aulas em agosto desse ano. Em julho realizamos o primeiro processo seletivo para o qual concorreram nove candidatos. A data era realmente imprópria e o tempo para promoções, exíguo. Prorrogamos, então, o início das aulas para março de 1969. Com um segundo processo seletivo em fevereiro, iniciamos o ano com 27 alunos. No ano seguinte conseguimos 35, e daí para frente as 60 vagas foram sempre preenchidas. Hoje, para atender a demanda são oferecidas 50 vagas cada semestre e a Faculdade é considerada uma das melhores do país, contando com uma matrícula inicial cada ano de 100 alunos. Até dezembro de 2010, haviam-se graduado 2.438 enfermeiros.

Com o início das atividades da escola, tornou-se imperioso tomar providências para a construção de um prédio com instalações apropriadas para os respectivos laboratórios. Porém, não tínhamos dinheiro. Como o fizemos? Este é mais um dos tantos milagres que o Senhor fez, como poderão comprovar no capítulo seguinte.

Outros avanços

Paralelamente à atenção dada aos projetos da FAE (Faculdade Adventista de Enfermagem) e do templo, nossa atenção sempre esteve voltada para o bem-estar dos alunos e dos servidores da escola. Até esse tempo as vias de comunicação internas não eram pavimentadas, portanto elaboramos um plano para interligar os principais pontos da escola com calçadas laterais cimentadas. A instituição não dispunha de recursos para arcar com essas despesas, por isso propusemos aos professores e demais servidores, um plano de parceria. Revelando um grande espírito de colaboração, quase todos contribuíram com uma pequena parte do seu salário e o trabalho foi executado em etapas.

Na primeira delas, uma calçada ligou os dois residenciais, o edifício central e o salão de atos, que na época era usado como igreja, beneficiando principalmente aos alunos internos. A segunda etapa ligou a parte central da escola com o prédio onde funcionava o curso normal, prosseguindo até o portão principal e subindo rumo ao campo de piquenique, atendendo as residências dessa área. Como última etapa, a região central foi ligada com o portão leste, favorecendo assim a todos os alunos e professores que procediam do Capão Redondo.

Levando em conta que já havia muito movimento à noite, percebemos que a iluminação elétrica nas vias de comunicação interna era bastante deficiente. Para melhorar toda a rede elétrica envolvendo postes, fios e lâmpadas, adotamos um processo idêntico ao anterior, com a mesma boa disposição de todos os funcionários.

Com a construção das calçadas e a reforma da rede elétrica, tornou-se mais fácil melhorar a aparência do ambiente externo, dando a devida atenção aos gramados e canteiros de flores. Também foram necessárias algumas reformas nas edificações mais antigas, contudo o prédio central ainda tinha sua estrutura em perfeitas condições; porém as janelas tinham os caixilhos de madeira já apodrecidos e que precisaram ser substituídos em sua totalidade por vitrôs. Aproveitamos também para substituir os telhados do edifício central, salão de atos e residencial masculino.

76 Chuvas de bênçãos

Com o início das aulas da primeira turma de enfermagem em 1969, previa-se claramente a necessidade da construção de um novo edifício com salas de aulas, laboratórios e outras dependências para satisfazer as necessidades da nova escola. Sem dinheiro para iniciar a construção, o Dr. Erich Olm, ex-aluno do IAE e jurídico da antiga União Sul-Brasileira, nos deu a sugestão de encaminhar um pedido à Organização Evangélica (EZE). Alemã, que administrava recursos do governo da Alemanha destinados a países em desenvolvimento. Esses recursos geralmente eram destinados a entidades filantrópicas.

A sugestão foi bem aceita e ele mesmo iniciou os contatos com a Alemanha. Havendo recebido uma resposta afirmativa, os trabalhos foram acelerados até que o projeto a ser enviado ficasse pronto. Este continha os objetivos, plantas do edifício, memorial descritivo, orçamento, documentos exigidos, pronunciamento de autoridades sobre a importância do projeto e termo de responsabilidade financeira do IAE e da mantenedora USB (União Sul-Brasileira). Este último ponto significava se responsabilizar por um terço do orçamento total que beirava os trezentos mil dólares. Enquanto o projeto tramitava na Alemanha, as cabeças aqui pensavam em como conseguir os cerca de cem mil dólares, requeridos de nossa parte.

A resposta favorável da Alemanha chegou bem mais depressa do que a tramitação do projeto de autorização em Brasília. Iniciou-se imediatamente a construção e, com ela a preocupação sobre como conseguir a nossa parte que deveria ser aplicada paralelamente. Solicitamos, então, uma entrevista com o ministro da Educação, Coronel Jarbas Passarinho, com o objetivo de apresentar o projeto e solicitar, através de um ofício, uma verba para a construção.

Formada uma pequena comissão de quatro ou cinco pessoas, preparamo-nos para falar com o senhor ministro. Como introdução, meu irmão Rodolpho, como diretor de Jovens da USB, apresentaria rapidamente o que a igreja procura fazer pelos jovens no combate às drogas. O Dr. Erich Olm apresentaria o projeto da construção de um prédio para a FAE, destacando a participação da Alemanha; a mim caberia, como diretor, concluir apresentando a responsabilidade do colégio e um pedido de ajuda ao MEC (Ministério da Educação e Cultura). Ao sermos introduzidos ao gabinete do ministro, meu irmão apresentou a sua introdução. Quando o assunto focalizou o problema das drogas, o ministro ficou tão interessado, que o tempo passou até o ponto em que o chefe de gabinete entrou comunicando que o tempo para a entrevista havia se esgotado. O ministro se levantou para despedir-se e nós não havíamos entrado sequer no assunto principal da nossa visita. Ao estender-lhe a mão para despedir-me, eu disse:

— Senhor ministro, tenho para entregar-lhe este ofício que diz respeito a um projeto especial para o qual necessitamos do seu apoio. Espero que o senhor leia com atenção e considere a possibilidade de ajudar-nos.

Sáímos agradecidos, porém, um tanto decepcionados por não termos tido a oportunidade de apresentar de forma mais completa a razão da nossa visita. A única saída agora era continuar orando para que o Espírito Santo tocasse no coração do ministro e isso, sem dúvida aconteceu, porque no dia seguinte recebi um telegrama dizendo: “seu pedido foi atendido” e solicitava alguns documentos adicionais. Assinava o ministro Jarbas Passarinho.

Com a maior rapidez possível providenciamos e enviamos a documentação. Poucos dias depois, chegou outro telegrama: “Subvenção solicitada foi depositada no Banco do Brasil em nome do Instituto Adventista de Ensino. Aguarde instruções sobre procedimentos.” Poderíamos desconhecer que era Deus quem estava por trás de todo este processo? O certo era que Ele estava apenas começando a nos mandar uma chuva de bênçãos!

As obras da construção avançavam. Os recursos financeiros até então recebidos, embora substanciais, ainda não eram suficientes para completar o que deveríamos investir como contrapartida. Começamos a nos preocupar seriamente, porém não era necessário. Deus já estava providenciando tudo para nós.

Certo dia, entre a correspondência recebida, havia uma carta proveniente da Inglaterra, o que não era normal. Ao abrir o envelope, fui surpreendido com um cheque acompanhado de uma carta que, laconicamente, dizia mais ou menos o seguinte: “Fomos informados de que sua instituição está envolvida num projeto especial, para o qual estamos lhes enviando este cheque no valor de 5.000 libras esterlinas (aproximadamente 10.000 dólares), como primeira parte de nossa contribuição para o referido projeto. Novo cheque, do mesmo valor, seguirá no início do próximo ano.” A carta estava assinada por uma autoridade do CMI (Conselho Mundial de Igrejas), com sede na Inglaterra.

Nunca soubemos por quem foram informados da nossa necessidade, mas o fato é que ficamos muito agradecidos a eles e, principalmente, a Deus, que tocou no coração de pessoas desconhecidas, na hora certa, para satisfazer nossas necessidades. Após termos empregado os recursos recebidos, tiramos cópias das notas fiscais e as enviamos aos doadores com uma carta expressando nosso profundo agradecimento.

A fábrica de vidros Santa Marina, fornecedora da Superbom, contribuiu com os vidros para todas as janelas do edifício. Na Encepa, produtora de azulejos e pisos de cerâmica, conseguimos por um preço muito especial o suficiente para revestir o piso e as paredes de todos os corredores, com azulejos decorados para os banheiros.

A cerimônia de inauguração, além de ter a presença de inúmeras autoridades eclesiais, contou com a honrosa presença do cônsul geral da Alemanha, em São Paulo, o qual se manifestou satisfeito com a concretização do projeto que tinha contado com recursos provenientes do seu país.

Algum tempo depois de concluído o projeto, a EZE enviou uma Comissão para verificar a aplicação feita dos recursos recebidos. À medida que foram percorrendo todas as dependências, foram se manifestando admirados com o que estavam vendo. Após a minuciosa visita, solicitaram uma reunião com a diretoria do colégio para algumas considerações. A princípio recebemos elogios pelo empreendimento, mas manifestaram sua surpresa especialmente naquilo que eles consideravam ser um luxo: muitas janelas amplas e gasto considerado desnecessário em azulejos decorados. Ao darmos as devidas informações sobre as doações recebidas e os descontos especiais concedidos, ficaram satisfeitos e agradecidos.

A maior recompensa

Estando na cidade de Aracaju no desempenho de minha função de diretor de Educação da Divisão Sul-Americana, devia pregar na sexta-feira à noite. Era a reunião de abertura de um congresso regional de educação, portanto falei sobre o valor da educação cristã.

Após a reunião, estava saindo do grande salão, quando fui interpelado por um jovem que conversava numa rodinha de amigos. Chamou-me, dizendo:

— Professor, venha aqui, quero lhe contar algo para acrescentar às suas experiências. Fui seu aluno no IAE, onde concluí o curso colegial. Após a formatura, fui para uma cidade do interior a fim de preparar-me para ingressar na universidade. Porém, devido à minha preocupação com os estudos e a companhia de jovens não adventistas, aos poucos fui abandonando a igreja. Certo dia, recebi uma carta sua, como meu ex-professor e diretor, comunicando-me que num determinado dia, na reunião semanal de cultura geral, estariam orando por mim como ex-aluno do IAE. Aquela carta produziu em mim um efeito tão marcante que eu pensei: “Se lá no colégio ainda estão se lembrando de mim, é porque tenho algum valor e tenho que ser diferente.” Tomei a decisão de voltar à igreja e hoje, como engenheiro formado, estou casado com uma jovem cristã, professora e diretora da escola adventista. Muito obrigado, pastor, por aquela carta!

Poderia eu esperar recompensa maior do que um testemunho desses?

Outro caso interessante ocorreu-me estando em meu escritório em Brasília. Recebi a visita de um ex-aluno, que residia nos Estados Unidos. Ele me disse:

— Estou aqui, professor, para agradecer-lhe pela oração que o senhor fez por mim lá no IAE, debaixo daquelas castanheiras, próximas ao salão de atos.

Aquele que era, então, um aluno considerado problemático por alguns, era agora vice-presidente de uma Associação da Igreja Adventista no país onde morava.

Há muitas outras histórias semelhantes, mas refiro-me a este como ilustração da importância de uma oração ocasional feita em favor do próximo. Só na eternidade poderemos conhecer todos os frutos da educação cristã!

Aniversários inesquecíveis

Viver em uma comunidade especialmente composta de alunos e professores é algo *sui generis* e especial. Os alunos vivem descontraídos, mas são sempre observadores e criativos, enquanto os professores devem ser mais conscientes e responsáveis. Por ambos fui surpreendido mais de uma vez com manifestações que me animaram e me fizeram agradecido pelos resultados. Contarei a vocês algumas das tantas surpresas.

Era o dia do meu aniversário. Logo após o jantar ouvimos um ruído diferente. Era ruído de um trator acompanhado de um misto de risos e vozes. Ao soar a campainha, saí para atender. Em frente de casa havia um trator com uma carreta e uma multidão de alunos. Depois de algumas palavras do presidente do grêmio, recebi o convite e intimação para acompanhá-los com minha esposa até o salão de atos. Ao sairmos, fomos conduzidos até a carreta do trator onde haviam colo-

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

cado duas poltronas. Obedecemos e fomos seguidos por aquele grupo de jovens alegres e felizes pela arte que haviam aprontado. No salão de atos, apresentaram um belo e bem elaborado programa preparado em minha homenagem.

Em outro dos meus aniversários, aconteceu algo semelhante. Estava no escritório, após o expediente, como muitas vezes acontecia, respondendo a cartas e deixando em ordem o que havia ficado para trás. Chegou um rapaz convidando-me para um culto especial que seria realizado em conjunto (moças e moços) no salão de atos. Agradei o convite e prometi estar lá.

Ao entrar, deparei-me com o salão quase lotado e com uma ornamentação especial. Na plataforma, um painel anunciava o tema do programa: “Esta é a sua vida.” Imaginei que seria feita uma apresentação teatral, e era mesmo! Sem outros avisos ou explicações, além da oração inicial, o programa começou como sendo a história de um menino loiro. Não demorou muito para que eu me identificasse com o personagem da história. Minha infância, estudos primários, a vinda ao colégio, o namoro, o casamento, estudos universitários, professor, diretor, enfim, toda a minha vida.

Terminada a apresentação, quando ninguém mais tinha dúvida do que se tratava, chamaram-me à plataforma e, depois de palavras de apreciação e reconhecimento, disseram-me que iriam entregar o meu presente. Para minha grande surpresa, chamaram ao senhor Guilherme e dona Cornélia para que viessem à plataforma para cumprimentar o seu filho pelo seu aniversário.

Em meio às manifestações de muita alegria, tive o privilégio de ser abraçado pelos meus pais, professores, alunos e amigos presentes. Tudo tinha sido preparado com tanta discrição que se tornou realmente uma grande surpresa, inclusive a presença de meus pais que viajaram do interior por conta do grêmio. Pode alguém, sinceramente, esquecer-se de tamanha manifestação de carinho?

Num outro ano, na hora do culto matutino, alunos e alunas internos bateram à porta da minha casa. Quando abri a porta, romperam em cântico: “Parabéns a você!!!” A seguir, disseram simplesmente:

— Vimos fazer o culto com o senhor!

Anunciando o hino a ser cantado, pediram-me para ser o regente. “Bom conhecedor de música como sou”, tive que desempenhar esse papel. Terminado o ato, deram-me o livro da *Meditação Matinal* e me disseram:

— O senhor fará a leitura para nós.

Humildemente obedeci mais uma vez. Terminada a leitura, alguém me dirigiu a palavra pelo meu aniversário e fez uma oração em meu favor. Após muitos abraços e cumprimentos, eles foram se retirando, deixando atrás de si um diretor muito agradecido pelos alunos da sua escola.

A luz que resplandece

Muitas das atividades religiosas e espirituais deixaram uma impressão indelével em minha mente e no coração. Uma delas começou possivelmente em 1962. A pedido da então Missão Goiano-Mineira aceitei o convite para realizar uma semana especial de reavivamento em Uberlândia e visitar também as igrejas de Monte Alegre e Canápolis, no período de férias. Sempre aproveitava essas oportunidades para falar sobre a importância da educação cristã e dos nossos colégios para os jovens.

Em Canápolis fui hospedado gentilmente na casa do irmão Ica Menezes. Pouco tempo depois, o irmão Ica enviou suas duas filhas ao colégio e uma delas, a Reni, formou-se no curso Normal chegando a ser uma de nossas professoras na escola do ensino fundamental.

Depois de estar lecionando, Reni simpatizou-se com um jovem de descendência japonesa, que prestava serviço ao colégio transportando alunos. Ele era proprietário de uma micro-empresa para transportes particulares. O início de um namoro entre Mario Shikako e Reni ocorreu justamente na ocasião em que a igreja do IAE estava se empenhando numa forte distribuição de dois mil volumes do livro *O Grande Conflito*.

Tendo recebido alguns livros para doar, decidi entregar um deles ao Mário, dizendo:

— Gostaria de que você lesse este livro e depois me dissesse o que achou da leitura.

Depois de alguns dias, ao encontrá-lo numa das alamedas da escola, perguntei-lhe:

— E daí, está lendo o livro?

— Sim — disse-me — mas não concordo com algumas coisas que ele diz.

— Bem — respondi — Venha ao meu escritório e vamos discutir a respeito.

Ele realmente veio e mais de uma vez conversamos sobre suas dúvidas. Posteriormente, o pastor Kümpel deu-lhe alguns estudos e Mário passou a assistir às nossas reuniões, tendo-se convencido quanto à guarda do sábado e o dízimo.

Embora ele já tivesse dado esses passos não chegou a decidir-se pelo batismo. Preocupada com tal situação, Reni tomou a decisão de romper o namoro.

Algumas semanas antes de terminar o ano de 1974, os alunos da faculdade de Enfermagem decidiram executar um projeto missionário levando flores e visitando doentes de um hospital. Sendo que Mário já era bem conhecido, foi procurado pelos alunos para resolver o problema da condução. Como ele já estava guardando o sábado, e sendo que nesse dia os empregados eram dispensados do trabalho, ele mesmo foi como motorista.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Em vez de ficar esperando no ônibus pela volta dos alunos, resolveu acompanhá-los nas visitas que faziam aos enfermos. Observando os cânticos, os instrumentos que tocavam, as flores que ofereciam e as palavras que eram dirigidas aos enfermos, Mário ficou muito impressionado, não tanto pelo que os alunos faziam, mas especialmente pelas reações provocadas nos enfermos. Na próxima sexta-feira à noite, ele me procurou após o culto e disse:

— Pastor, o que eu devo fazer para me batizar? Quero me batizar ainda este ano.

Encaminhei-o ao pastor da igreja o qual o visitou e repassou com ele todas as doutrinas. Não tendo sido possível batizá-lo ainda em 1974, como desejava, tive o privilégio de conduzi-lo ao batismo no primeiro culto de sexta-feira à noite do ano seguinte.

A conversão do Mário foi uma confirmação do que Jesus disse em Mateus 5:16: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.” Não somos salvos pelas nossas obras; mas nossas obras podem contribuir para a salvação de outros. Mário converteu-se para o batismo ao observar o resultado do trabalho feito por aqueles jovens.

Com esta meia volta na sua vida, alguns meses depois o namoro com a Reni voltou a ser realidade, e em fins de 1975, antes de mudar-me para Brasília, realizei o casamento deles.

82

Deste matrimônio nasceram três filhos, Keiko, Denílson e Daílson. Tive o privilégio de batizar a Keiko e o Daílson. Infelizmente, também, coube-me, a pedido da família, responsabilizar-me pelo sermoneio da cerimônia fúnebre de Mário, em virtude de seu falecimento como vítima de um assalto. Juntamente com sua família aguardo reencontrá-lo no lar celestial.

Gotas de ânimo

Como diretor, recebi em meu escritório centenas de visitantes: alunos que procuravam conselho e orientação, professores para tratar de assuntos pertinentes às suas atividades, representantes de firmas comerciais oferecendo um novo produto, pais de alunos com queixas ou reivindicações, autoridades eclesíasticas e governamentais, candidatos a cargos públicos que vinham para apresentar suas propostas esperando, evidentemente, receber os votos, e muitos outros.

Porém, havia alguns que me visitaram com um único propósito: orar comigo. Dentre eles, não poderia esquecer o irmão João de Sá, um humilde funcionário do Departamento de Artes Gráficas, que me visitou mais de uma vez, antes e depois de estar aposentado, para orar pelas minhas responsabilidades e o meu trabalho. A todos aqueles que me procuraram para cumprir esta preciosa missão, o meu reconhecimento e gratidão sincera.

Lembro-me, também, de duas ocasiões quando fui despertado de madrugada por pessoas cantando junto à janela do meu quarto. Era um daqueles dias em que me sentia afligido por algum problema administrativo, desses que incomodam pela difícil solução e sugerem o desânimo.

As palavras do hino cantado de forma tão harmoniosa por um quarteto masculino de jovens, cujos componentes até hoje desconheço, diziam: “Compensa servir a Jesus”. Aquelas palavras me levaram a pensar que o meu trabalho, embora feito com homens e para homens, era realmente um trabalho para Deus, e que se eu o estava fazendo com dedicação e amor, independentemente dos resultados, “compensava servir a Jesus”. Assistindo ao nono encontro de jubilados da União Central Brasileira (UCB), descobri que um dos componentes desse quarteto foi o professor José Olympio de Paula, um dos professores do IAE, na época. Aceitei, José Olympio o meu abraço de gratidão depois de mais de trinta anos, pela sua feliz ideia de brindar-me com tão confortante mensagem na hora certa.

Em outra oportunidade em que também estava necessitando de um estímulo especial, fui despertado desta vez por um casal de colegas amigos. Os professores Flávio e Dilza Garcia cantavam suavemente: “... pois comigo um anjo vai”. A certeza da companhia de um ser angelical na jornada da vida é sempre confortadora e, naquela manhã, levantei-me animado com esse pensamento.

Sementes que florescem

Uma das coisas importantes num colégio adventista com internato é o desenvolvimento do espírito missionário e de serviço na vida dos estudantes. Contando com o apoio e participação da diretoria e dos membros do corpo docente, os alunos vão longe e os resultados são compensadores. Eis a confirmação de alguns exemplos como amostra.

Por ocasião do lançamento do projeto missionário “A Bíblia Fala”, os alunos foram incentivados a visitar alguns bairros nas proximidades da escola para oferecer estudos bíblicos nos lares da região. Os professores contribuíam com os seus carros para o transporte e também acompanhavam na visitação. No meu caso, saí com um grupo encarregado de evangelizar o bairro Jardim Kennedy. Depois de algumas semanas de visitas, surgiram várias pessoas interessadas. O aluno de teologia, Lilis Nunes, hoje pastor ordenado, continuou dando atenção especial a esses interessados. Posteriormente, foi adquirido um terreno e construída uma pequena capela. Hoje, temos ali uma igreja estabelecida para a honra e glória de Deus.

Noutra ocasião, as moças do internato foram incentivadas a dirigir reuniões para crianças na vizinhança do IAE. Uma aluna recém-convertida pela influência do colégio, por nome Charlotte Fermum, hoje, professora Charlotte Lessa, esposa

do pastor Rubens Lessa, com mais duas colegas descobriram uma casa onde podiam reunir algumas crianças, para contar histórias bíblicas aos sábados à tarde. Por segurança, cada sábado eu as levava e ia buscá-las em meu carro. Como o número de crianças aumentava juntamente com a quantidade de mães que iam levá-las, o irmão Trojan, um dos anciãos da igreja do Capão Redondo, providenciou assistência às mães que desejavam conhecer mais da Bíblia.

Encurtando a história, naquele local, chamado Jardim Lilah, a menos de 500 metros de distância dos limites do IAE daquele tempo, temos uma linda igreja com mais de 400 membros e, num terreno próximo, uma escola com cerca de 650 alunos. Tudo como resultado das atividades missionárias de três meninas que começaram contando histórias para crianças.

Hoje, em Tatuí, SP, Charlotte mantém por iniciativa própria uma escola para alunos com necessidades especiais, realizando um trabalho de elevado cunho missionário. Ao atender a um convite dela para dirigir uma semana de oração àqueles que ali trabalham, pude avaliar o quanto isto significa não só para as crianças que são atendidas ali, mas também para suas famílias.

Ainda uma outra experiência, há alguns anos o município de Engenheiro Marcilac, SP, era o único município da Associação Paulista Sul não penetrado pela mensagem adventista. É um município localizado a uns 40 quilômetros do colégio, já na serra do mar. O IAE foi desafiado pela Associação a responsabilizar-se pela evangelização do lugar.

O professor Oly F. Pinto, diretor de assuntos estudantis na época, liderou um grupo de alunos do ensino médio e iniciaram o trabalho. Começaram fazendo um levantamento das principais necessidades das famílias carentes. Logo lançaram uma campanha de arrecadação de alimentos não perecíveis e roupas e, posteriormente, visitaram cada lar distribuindo as doações arrecadadas.

Paralelamente a esta campanha, a igreja do colégio nomeou pessoas a fim de encontrar um terreno apropriado para construir um salão. Um engenheiro adventista fez a planta e a igreja levantou fundos para a construção.

Concluídas estas duas fases, o pastor Luiz Gonçalves, atualmente conferencista da Divisão Sul-Americana, dirigiu uma série de conferências da qual resultou a formação de um grupo que, posteriormente, foi organizado como igreja. A série de conferências movimentou até a Igreja Católica, que assustada com o êxito protestante, obrigou o padre a fazer reuniões mais frequentes com os seus fiéis.

Estas experiências são uma demonstração do fato de haver tantas igrejas ao redor do Unasp-SP. Na década de 1940, saiu um grupo de membros da igreja do então CAB, para formar a igreja do Capão Redondo. Na década de 1950, aconteceu o mesmo com a igreja da Alvorada. Com o decorrer do tempo, como

se fosse uma verdadeira reação em cadeia, outras igrejas e grupos foram surgindo, muitas vezes contando com a colaboração de alunos e professores que se envolviam nesses empreendimentos missionários.

Atualmente, tendo o Unasp-SP como centro, num raio de 10 quilômetros em volta estão estabelecidas mais de 140 congregações organizadas em mais de trinta distritos pastorais, com mais de trinta mil membros. Fenômeno idêntico está ocorrendo em torno do Unasp Hortolândia e Engenheiro Coelho em virtude de sementes plantadas por alunos e professores que, com as bênçãos dos céus, florescem e frutificam no surgimento de novas igrejas para a honra e glória de Deus.

Brincadeiras de estudantes

Os alunos geralmente possuem um senso de humor que, se queremos evitar conflitos, temos que considerar. Como professor, embora fosse a princípio um pouco duro e exigente, procurei compensar os meus alunos sendo bondoso, pronto a ajudá-los em suas necessidades e, sempre que possível, participando dos seus momentos de lazer.

Quando convidado ou indicado para acompanhar alguma turma em excursão, fazia disto uma oportunidade para estreitar os laços de amizade. Certa ocasião acompanhei um grupo de formandos do curso colegial que foi passar um fim de semana na sede de acampamentos da Associação Rio de Janeiro, chamada “Casa da Pedra”, em Satulina.

Como o local ficava próximo do Parque do Itatiaia, a escalada do pico estava na programação de domingo. Porém, nesse mesmo dia, às três da tarde, acontecia a final do Campeonato Mundial de Futebol de 1970, entre o Brasil e a Itália.

Já na sexta-feira comecei a ouvir rumores que alguns não queriam escalar o Pico das Agulhas Negras para poder assistir ao jogo. Assim sendo, ocorreu-me um plano para solucionar o impasse sem deixar de cumprir o principal objetivo da viagem. Convenci-os de fazer a excursão no domingo cedo. Para tanto, tivemos que esquecer as atividades programadas para depois do pôr do sol do sábado e dedicar esse tempo para preparar o lanche do dia seguinte indo deitar mais cedo. Eles concordaram e assim o fizemos.

No domingo pela manhã, conforme programado, partimos para a escalada do pico. O ônibus em que viajamos conduziu-nos até a base do pico, de onde partimos a pé até chegarmos todos à altitude máxima de 2.787 metros. Ali todos se deliciaram com uma maravilhosa vista do Vale do Paraíba, podendo visualizar sete ou oito cidades da região. Cumprido o grande objetivo, iniciamos a descida e pouco antes das três horas da tarde, estávamos de volta. Embora cansados, naquela noite todos puderam comemorar a escalada do pico, considerado na época o mais elevado do país, e também comemorar a vitória do Brasil!

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Em outra ocasião, sendo diretor do ensino médio, o professor de Educação Religiosa do segundo colegial entrou no meu escritório muito nervoso e irritado. Ele era um pastor evangelista de sucesso, porém não havia se preparado para ser professor. Foi logo dizendo:

— Nevil, não dou mais aulas para aquela turma. São muito indisciplinados. Ao perguntar-lhe o que havia acontecido, respondeu:

— Vá lá e veja o que eles fizeram.

Deixei-o no escritório e fui ver o que havia acontecido.

Ao subir as escadas para o segundo piso encontrei-me com os alunos que estavam se retirando felizes porque o professor havia abandonado a sala. Pedi a todos que, por favor, voltassem. Entrei por fim na sala onde todos me aguardavam, mas, encontrei uma coisa estranha: todas as carteiras estavam voltadas para uma parede lateral, onde também havia um quadro negro.

Olhando bem para eles, dei um sorriso e disse apenas:

— Vocês são uns artistas, hein? Se eu fosse o professor daria aula sem qualquer problema. Agora, bem, vocês sabem que nós não somos todos iguais. O professor “X” seguramente não entendeu a brincadeira. Vocês podem me fazer um favor? Eu vou sair para chamar o professor e, enquanto isso, vocês rapidamente e sem fazer barulho, vão pôr as carteiras no lugar. Está bem assim? Muito obrigado. Sai, fechei a porta atrás de mim e fui buscar o professor que ainda teve uns trinta minutos para dar a sua aula com as carteiras como ele as gostaria de ter.

Certo dia, eu devia dar uma aula logo após o recreio. Tendo estado a atender um aluno ou professor, me atrasei alguns minutos. Ao chegar à classe deparei-me com a porta fechada. Abri e entrei com rapidez, mas dei com a sala inteiramente vazia. O monitor que controlava a entrada me informou que os alunos haviam entrado, mas que estavam todos numa outra sala, cujos alunos estavam fora em aula de educação física.

Com naturalidade e segurança, abri a porta, cumprimentei-os como de costume e, tomando o diário de classe, fiz a chamada, e a seguir comecei minha aula. Todos estavam esboçando certo sorriso aguardando alguma possível repreensão da minha parte. Ao finalizar, agradecendo pelo silêncio reinante durante a aula, despedi-me e saí. Eles quiseram brincar comigo e eu brinquei com eles, deixando-os assistir a aula sem o material escolar que estava na outra sala, e assim continuamos como bons amigos.

Numa aula de matemática ou física para o curso colegial, eu andava, como sempre, de um lado para outro com o giz e apagador nas mãos, pronto para usá-los no quadro negro. Repentinamente meus olhos depararam com um aluno debruçado sobre a carteira e dormindo. Sem fazer qualquer referência ao

caso, continuei falando e andando até chegar ao lado do aluno, quando soltei o apagador que caiu no chão. Assustado, ele deu um salto, todos riram, levantei o apagador e continuei a aula sem dizer qualquer palavra a respeito. Em situações semelhantes apliquei a mesma fórmula, sempre com bom resultado.

Noutra ocasião, estava dando uma aula de física no laboratório que ficava no subsolo do salão de atos, com uma porta para o exterior do prédio. Sendo a última aula da manhã, os alunos estavam cansados, especialmente devido ao calor e por ser numa sala não muito ventilada. A aula estava quase no fim quando observei numa das últimas carteiras um aluno dormindo. Apontando para ele fiz um sinal pedindo silêncio à classe. Poucos minutos depois o sinal tocou e pedi que os alunos se retirassem em silêncio. Todos concordaram com a brincadeira. Saímos, encostei a porta e fomos almoçar. Quando alguns já voltavam do refeitório, encontraram-se com o colega dorminhoco correndo para não perder o seu almoço!

Com relação a esse laboratório, apenas uma referência curiosa. Minhas aulas ali eram dadas sempre com a porta bem aberta para evitar o calor. Tudo transcorria normalmente quando uma anta, de aproximadamente um metro de altura, pesando cerca de 150 quilos, entrou pela porta e foi percorrendo os corredores entre as carteiras. Sem molestar ninguém nem ser molestada, prosseguiu cheirando a um e outro e não tendo encontrado nada que a interessasse, saiu assim como havia entrado.

Por que tanta naturalidade com a anta? Ela já era praticamente parte da família estudantil. Em uma de suas viagens ao Araguaia, o senhor Ernesto Bergold, que era administrador do IAE e havia trabalhado lá como missionário, trouxe para o colégio um filhote de anta, que não devia pesar mais do que uns dez a doze quilos. Bem cuidada por ele e sua esposa dona Alma, o animal foi crescendo num ambiente em que se considerava amigo e conhecida de todos. Ao alcançar seus 180 quilos passou a exigir mais cuidados. A solução foi oferecê-la como doação ao Jardim Zoológico de São Paulo. Como este tinha excesso de antas, eles mesmos entraram em contato com outros parques. A oferta foi aceita pelo Zoológico de Londres, para onde o estimado e saudoso mamífero foi exportado.

Na década de 60, estando eu na função de diretor de Assuntos Estudantis, a tradicional festa da amizade dos rapazes para as moças ou vice-versa era, em geral, comunicada mediante algum feito inusitado. Certa noite, depois de uma forte chuva, lá pelas duas horas da madrugada despertei com um forte vozerio e gritos que pareciam vir do residencial masculino. Como o barulho não diminuía, disse à minha esposa que eu iria até lá para ver o que estava acontecendo.

Levantei-me, vesti uma capa por cima do pijama, tirei o carro da garagem e dirigi-me ao local da gritaria. Ao passar em frente ao residencial feminino, estranhei as luzes acesas e moças olhando pelas janelas. O residencial masculino estava rodea-

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

do de moços movimentando-se de um lado para outro. Ao descer do carro imediatamente fui rodeado por dezenas de rapazes cada qual querendo dizer alguma coisa para justificar o barulho que estavam fazendo.

Fiz um sinal pedindo silêncio e disse que desejava ouvir uma pessoa de cada vez. Um dos líderes tomou iniciativa e começou a narrativa:

— Professor, nós estávamos dormindo tranquilamente quando fomos despertados por uma música ensurdecadora. Não podendo conciliar o sono, fomos saindo dos quartos e do prédio para saber do que se tratava. Descobrimos que a música vinha das janelas do Departamento de Artes Gráficas que ficava bem perto do residencial.

— Deduzimos que as moças conseguiram as chaves e vieram para nos molestar com a desculpa de anunciar a festa da amizade.

— Professor...

Continuou falando:

— A única coisa que fizemos foi fechar por fora a porta de entrada e as janelas. As moças só vão poder sair amanhã cedo.

Logo percebi que o problema não era tanto a questão do sono, mas, sim, aproveitar a oportunidade para uma brincadeira própria de estudantes, mas que naturalmente não era oportuna.

88

Com calma, dialoguei com eles procurando convencê-los de que o que estavam fazendo era uma falta de respeito e consideração para com as colegas. Procurei não me impor pela autoridade que tinha para não causar constrangimentos e criar mais problemas. Por fim concordaram em abrir a porta para que eu entrasse para negociar a saída das moças, porém quando quiseram abrir a porta, não encontraram a chave. Por sorte, havia entre eles um “expert” em abrir cadeados com arame, o qual rapidamente deu conta do recado.

Ao entrar, pedi que todos aguardassem fora enquanto negociasse com as meninas a respeito da saída. Elas estavam às escuras para que de fora não as reconhecessem. Pela voz percebi que eram as moças que compunham a diretoria do grêmio feminino, acompanhadas da preceptora e da diretora do curso Normal. Elas concordaram em sair, mas aguardavam que os rapazes entrassem primeiro no dormitório, pois tinham receio de serem reconhecidas e vaiadas por eles.

Saí para negociar com os rapazes confirmando-se a minha impressão de que realmente estavam interessados numa brincadeira. Me pediram para deixá-los permanecer até a saída das moças, comprometendo-se a manter-se em absoluto silêncio. Ao voltar ao interior da gráfica, encontrei as meninas preparadas para a retirada. Cada uma delas havia feito um chapéu tipo cone com uma grande folha de cartolina, com o qual esconderiam totalmente o rosto. Contando com o compromisso masculino, saíram desfilando por um corredor formado

por um lado pela parede da tipografia e, do outro, pelos rapazes protagonistas da prisão, que honraram o compromisso de silêncio.

Concluída a retirada, agradei aos rapazes pelo cumprimento da a promessa e pedi-lhes que voltassem aos seus quartos. Alguns deles, no entanto, dotados do espírito de humor que os caracterizava, em vez de dormir foram preparar alguns cartazes para afixá-los no refeitório antes que as moças entrassem para o desjejum. Um deles mostrava a chegada do meu carro rodeado pelos rapazes, com a seguinte legenda em baixo: “Aproxima-se a hora da libertação”. Não é de admirar que todos os comentários do dia fossem sobre o barulho da noite, a prisão das moças e a providencial libertação. A verdade em tudo isto foi que, apesar dos prós e contras, reinou o bom senso e o espírito de cooperação. A festa foi oferecida na data marcada e desfrutada por todos.

Ossos do ofício

Para um professor consciente da sua missão, um dos ossos do ofício pode ser disciplinar um aluno, reprová-lo, anular uma prova ou exame. Para um administrador, pode ser a punição ou demissão de alguém por uma falta cometida.

Como líder educacional sempre tive a convicção de que as punições são necessárias para recuperar a pessoa punida e para evitar a proliferação do erro. Acredito também que a dignidade da pessoa deve ser preservada sempre e seus erros e possíveis sanções não precisam ser expostos nem difundidos para servirem de ameaças a outros, se é que desejamos realmente recuperar o culpado. Se educação e redenção são uma e a mesma obra, na hora de disciplinar devemos fazê-lo com amor, pensando em resguardar a reputação daquele que estamos procurando colocar no caminho certo.

No meu trabalho muitas vezes tive que expor perante comissões de disciplina o meu parecer sobre diferentes situações. Sempre acreditei que qualquer indivíduo tem o direito de ser ouvido e pedir reconsideração por uma medida disciplinar corretiva. Isto não significa, contudo, que a medida tomada tenha que ser alterada. O importante é que o faltoso compreenda e reconheça que a medida é justa. Em diferentes ocasiões e circunstâncias tive que expulsar um aluno por alguma falta grave. Sempre o fiz após ter certeza de que, tanto o aluno como seus pais, reconheciam a necessidade da tal medida.

Numa prova de geometria dada aos alunos do colegial, uma das questões era a demonstração de um teorema. Ao corrigir as provas observei que um determinado aluno, do qual normalmente não esperava muito, havia feito a demonstração do teorema de uma maneira quase perfeita. Embora tivesse certeza de que se tratava de um caso de “cola”, eu não tinha nenhuma prova para afirmá-lo.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Como era meu costume repassar as questões da prova antes de devolvê-las corrigidas, chamei alguns alunos que haviam respondido satisfatoriamente, para expor suas soluções no quadro negro. Na vez do tal teorema, chamei o aluno que havia feito a demonstração quase perfeita para que repetisse a sua performance. É desnecessário dizer que ele não teve um bom desempenho. Sem a necessidade de qualquer outra consideração, devolvi as provas com as respectivas notas e ele nunca veio reclamar pela sua.

Outro fato ocorrido na década de 60 envolveu dois alunos internos. Depois de cuidadosas observações, o preceptor concluiu que esses alunos estavam envolvidos com práticas desonestas fora do colégio que poderiam, inclusive, comprometê-los e a própria instituição num caso policial. Solicitamos, então, a dois professores que ouvissem os alunos separadamente, os quais foram mantidos incomunicáveis até que o caso fosse esclarecido.

Depois de algumas entrevistas, a previsão do preceptor se confirmou com a declaração de culpabilidade de ambos. Considerando que a divulgação do fato não seria boa nem para a escola nem para eles, cada aluno, acompanhado por um monitor, almoçou, arrumou sua mala e viajou até sua respectiva residência para ser entregue a seus pais, solicitando a estes que comparecessem ao colégio.

Com os pais o assunto foi claramente exposto informando-os de que para preservar o bom nome da família e da escola, o assunto não tinha sido divulgado, embora a transferência se fizesse necessária devido à gravidade da falta. Ambos os pais se mostraram mui agradecidos pela forma como o problema tinha sido tratado. Ao corpo docente informamos numa reunião que, por razões consideradas graves e não necessárias de divulgação, dois de nossos alunos haviam sido transferidos.

Um dos pais, porém, morava distante umas dez horas de ônibus. Devido ao avançado da hora ele não teria condução naquele dia para regressar. Como o IAE não tinha condições para hospedá-lo, levei-o para dormir em nossa casa. Na manhã seguinte, foi embora após o desjejum. Este prezado irmão despediu-se muito agradecido pelo tratamento recebido.

No final desse mesmo ano, em virtude de uma viagem a serviço da instituição, tive que pernoitar num hotel na cidade onde morava esse aluno. À noite, estava parado fora do hotel quando fui surpreendido com ele que, vindo-me do outro lado da rua, aproximou-se para me cumprimentar. Conversamos alguns minutos durante os quais senti que o incidente com ele ocorrido e o tratamento dado ao caso havia nos tornado amigos.

Alguns anos mais tarde, já trabalhando na Divisão Sul-Americana, fui ao estado onde residia essa família, para participar de uma avaliação de um terreno para um futuro internato. Para minha surpresa, um dos membros da comissão avaliadora era

o pai desse aluno. Num momento em que ficamos a sós, ele fez referência ao fato ocorrido com o filho. Novamente desmanchou-se em agradecimentos pela forma como havíamos solucionado o caso e pelo tratamento recebido em nossa casa.

Essas experiências me levam a pensar em quão importante é preservar a reputação das pessoas e sempre manter um bom relacionamento com os envolvidos. Como as coisas poderiam ter sido diferentes se houvéssimos negligenciado esses aspectos.

Época de transição

Logo que decidimos responder positivamente à nomeação da Associação Geral em 1975, senti uma paz e alívio muito grande em comparação com as horas precedentes, dedicadas especialmente à oração e análise do que significavam as novas responsabilidades como diretor de educação da Divisão Sul-Americana.

Quando comuniquei minha decisão ao presidente do Conselho Deliberativo do IAE, este solicitou que, para facilitar a transferência do cargo, eu continuasse respondendo pela direção do colégio até o final do ano letivo. Considerando que estávamos em julho, e que a sede da Divisão seria transferida de Montevidéu, no Uruguai, para Brasília só no final do ano. O Presidente da Divisão concordou com a proposta. Foi deliberado, contudo, que eu deveria viajar pelo menos duas vezes a Montevidéu e fazer outras duas viagens a serviço da Divisão. Com a decisão tomada pelos dois chefes, sobrou para mim uma dupla responsabilidade durante os próximos seis meses.

Cumpridos os poucos dias de férias que restavam, retornamos a São Paulo para o início do segundo semestre letivo. Foi um semestre extremamente cansativo, pois além dos trabalhos da diretoria e da Divisão, tínhamos que preparar nossa mudança para Brasília. Isto não era tarefa tão fácil após 27 anos morando na mesma casa.

Viajei a Montevidéu por duas vezes: a primeira, para as reuniões de planejamento do quinquênio (logo após a Conferência Geral), e a segunda para as reuniões anuais de fim de ano e a preparação da mudança do material do Departamento de Educação. Com a valiosa contribuição da senhora Dorita, esposa do pastor Elbio Pereyra e secretária do departamento, a seleção do material acumulado durante dezenas de anos tornou-se mais suave.

Minha primeira viagem pelo campo da Divisão foi feita em companhia do pastor Enoch de Oliveira que havia sido recém eleito presidente. Foi uma viagem de aprendizado sobre o trabalho e os procedimentos empregados na DSA. Nosso objetivo era analisar, com os administradores da União Chilena e do Colégio Adventista do Chile (CACH), a situação delicada em que se encontrava

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

essa instituição no início do período pós-Allende. Graças a Deus e às recomendações feitas, a situação foi revertida.

Uma segunda viagem, agora à União Norte-Brasileira, foi necessária em virtude dos estudos da possibilidade de abrir um internato na Transamazônica e do projeto de reedificação do Instituto Adventista Agro Industrial (Iaai), com ajuda do governo da Alemanha. Com a graça de Deus os dois projetos se concretizaram.

No IAE, o tempo foi especialmente dedicado à elaboração do projeto de reconhecimento da Faculdade Adventista de Educação (Faed), o qual felizmente foi concluído e protocolado no MEC em fins de outubro, sendo aprovado pelo seu Conselho de Educação em meados de 1976.

92 Ao aproximar-se o final do ano, o presidente do conselho deliberativo convocou uma reunião para a escolha do meu sucessor, que deveria atuar como diretor geral do IAE até o final do quinquênio. Na ocasião, agradei a Deus pelas bênçãos recebidas em nossa instituição nos últimos dez anos. A abertura da FAE e da Faed marcaram o início de uma nova era no ensino da educação adventista no Brasil, sendo os primeiros cursos superiores oficializados. Manifestei, ainda, a minha confiança de que Deus haveria de nos conduzir à abertura de uma universidade. Confirmei também a minha certeza de que o IAE (hoje Unasp) despontava como um celeiro de obreiros a serem enviados como missionários a outros países. Louvo a Deus porque, por sua graça, e pelo espírito de consagração e cooperação do grupo de obreiros e demais servidores que ali trabalharam, todos estes sonhos têm sido concretizados.

Ao findar-se o ano letivo tive o prazer de entregar à diretoria ao professor Oly Ferreira Pinto, escolhido como meu sucessor e 12º diretor geral do IAE.

Durante os 32 anos transcorridos entre 1944 e 1975, atuando como aluno, professor, diretor do ensino médio, diretor interno e diretor geral, desfrutei de muitas e diferentes experiências que marcaram minha vida como educador cristão. O convívio amigável e constante com os alunos foi algo que sempre apreciei. Suas manifestações de carinho, apreciação e respeito, mesmo quando era um professor ainda sem muita experiência, tendo às vezes alunos mais velhos do que eu, me comoveram. As diferentes formaturas ocorridas no final de cada ano letivo me tornavam feliz e recompensado pelo trabalho feito. Minha recompensa não era só por ter sido escolhido como professor homenageado ou paraninfo, mas, especialmente, pelo progresso dos queridos alunos e a transformação observada na vida de muitos deles.

Depois das várias formaturas, reuniões de despedida e despachos da mudança, viajamos para Brasília com o sentimento do dever cumprido e aguardando as bênçãos de Deus nas novas responsabilidades.

Na terra dos candangos

Em Brasília tudo era novo para nós. Os escritórios da nova sede da Divisão Sul-Americana, localizados na Avenida L-2 Sul, estavam prontos para nos receber. Cada departamental devia organizar o material do seu departamento nas novas dependências. As residências para os administradores e departamentais haviam sido construídas em dois conjuntos habitacionais de 200 x 200 metros, com doze casas cada um, localizados na região conhecida como Mansões Suburbanas Park Way (MSPW), na saída sul da cidade. As casas, todas iguais, eram simples, porém muito cômodas e bem construídas. Fomos os primeiros a ocupar uma casa no conjunto número dois, fazendo companhia ao pastor Walter Streithorst que já residia em Brasília, mas que morava no conjunto um.

Nas primeiras semanas, tínhamos a impressão de férias: sozinhos, num lugar sossegado, mas sem praia. No silêncio da noite e ainda sem nenhuma iluminação externa no conjunto, tínhamos o privilégio de contemplar o belo céu estrelado do Brasil Central. Inicialmente ocupávamos o nosso tempo ordenando a mudança. À medida que os demais moradores do conjunto foram chegando, passamos a exercer a função de cicerones para aqueles que não conheciam Brasília. Não era fácil familiarizar-se com as características da cidade que são bem diferentes das tradicionais, mas, ao mesmo tempo, muito práticas. A cidade tem a forma de um avião cujas asas são banhadas pelo lago Paranoá, artificialmente formado pelo represamento de águas a fim de minorar o problema do clima extremamente seco no período que vai de maio a setembro.

Com a chegada da mudança vinda do Uruguai, demos início aos trabalhos referentes ao Departamento de Educação. Após a organização do escritório, começaram as visitas ao território da DSA para nos inteirar das possíveis necessidades e, então, elaborar um plano de ação. O território da Divisão estava dividido, naquele tempo, em seis uniões. Austral: Argentina, Paraguai e Uruguai; Chilena: Chile; Este Brasileira: Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Sergipe; Incaica: Bolívia, Equador e Peru; Norte-Brasileira: Acre, Amapá, Amazonas, Ceará. Maranhão, Pará, Piauí, Rondônia e Roraima; e Sul-Brasileira: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Hoje, esse mesmo território está dividido em quinze uniões.

Logo que chegamos a Brasília, começamos a frequentar a Igreja Adventista Central do Plano Piloto. Aos poucos fomos sabendo que havia outras igrejas no Distrito Federal que tinham necessidades muito sérias quanto à liderança administrativa e espiritual.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Observando que aos sábados, na Igreja Central, havia sempre, além do pregador, vários pastores presentes, decidimos frequentar a igreja do Núcleo Bandeirante. Ela era a igreja mais próxima do nosso conjunto residencial e, além disso, uma das mais necessitadas, embora fosse a igreja mãe de Brasília, e, portanto, a mais antiga.

Posteriormente, partilharam conosco dessa experiência os pastores Enoch de Oliveira, Presidente da Divisão, Rubem Pereyra, da Associação Ministerial, Itanel Ferraz, departamental de atividades missionárias e Escola Sabatina. Como todos nós viajavamos muito, nos revezávamos na assistência e atividades da igreja, embora nossas famílias continuassem a assistir às reuniões, lá, regularmente. Como fruto desse envolvimento, foi possível a ampliação das dependências para atender melhor as crianças, uma reforma da nave da igreja e a compra de um piano.

Com essas e outras medidas tomadas, a assistência aos cultos melhorou e o espaço da igreja foi-se tornando insuficiente. Houve várias tentativas para se construir um templo maior, mas não foi possível. No entanto, a partir desta congregação nasceram duas outras: Riacho Fundo e Candangolândia. Esta última passou a contar com a assistência do pastor Ruy Nagel, enquanto presidente da DSA. Hoje, há um belo templo construído no local. Sabemos também que a igreja do Núcleo Bandeirante foi totalmente reconstruída tornando-se mais ampla e confortável para os adoradores, o que muito nos alegra.

94

Com o passar dos primeiros cinco anos, por questão de aposentadoria ou por questões de trabalho, perdemos a participação dos três companheiros. Porém, eles foram substituídos pelo pastor Roald Wensell e esposa, e pela senhora Lucile Fiedler, que foi muito útil na área da música.

Com a bênção de Deus continuamos ajudando a igreja do Núcleo Bandeirante até 1990, quando encerramos nossas atividades na DSA. Deixamos ali inúmeros amigos os quais esperamos reencontrar no céu e compartilhar-mos das mansões eternas.

Os primeiros desafios

Dentre as muitas necessidades no setor educacional, percebi que os meus principais desafios eram: elaborar um plano de conscientização nas igrejas locais sobre a importância de seus filhos estudarem numa escola adventista; criar um instrumento de avaliação que possibilitasse a identificação das condições e necessidades do Departamento de Educação em cada Associação ou Missão; estabelecer critérios para conseguir o equilíbrio financeiro das escolas e colégios; incentivar os campos que não possuíam internato a fazer planos para tê-lo o quanto antes, pois foi tomado um voto recomendando que em cada Associação ou Missão existisse um internato de ensino médio para ajudar na educação de nossos

jovens; fortalecer o ensino superior visando ao preparo de professores e abertura de novos cursos; buscar uma solução urgente para atender ao grande número de alunos adventistas que estudavam em escolas públicas e particulares e desenvolver um plano de estudos de pós-graduação para os obreiros da área pastoral.

Começamos com um plano de envolvimento dos líderes administrativos e educacionais através dos Conselhos Regionais de Educação, já constituídos anteriormente pela Comissão Diretiva da Divisão. Os três conselhos existentes eram: Uniões do Brasil, Uniões Austral e Chilena, e União Incaica.

As primeiras reuniões desses conselhos foram dedicadas ao estudo de um instrumento de avaliação do Departamento de Educação das associações/missões, que colocasse em evidência o que se espera das escolas adventistas, tendo como base as instruções da Bíblia, do espírito de profecia, os requisitos legais e os pedagógicos.

Os estudos meticulosos que foram feitos contribuíram de forma muito positiva para conscientizar tanto os administradores como os educadores e irmãos leigos que faziam parte dos diferentes conselhos. Um estudo aberto sobre as diferentes questões facilitou a aprovação do instrumento pelas comissões competentes.

Como era de se esperar, as primeiras aplicações do instrumento provocaram muitas reclamações, especialmente nos locais onde o Departamento de Educação era mais débil. No entanto, o instrumento, além de mostrar as fragilidades, propunha recomendações que desafiavam ao crescimento e harmonização com a filosofia educacional adventista. Tive a oportunidade de visitar e aplicar o instrumento em todas as associações e missões da DSA. Com a graça de Deus, tive também o privilégio de observar o crescimento numérico e da qualidade da educação adventista em muitas associações/missões onde os líderes, professores e diretores, se conscientizaram sobre os objetivos fundamentais da rede, sem se contentar apenas com os resultados que ocasionalmente eram alcançados.

Como resultado dessas avaliações, novos colégios foram abertos. A estrutura física de outras apresentaram sensíveis melhoras. As bibliotecas, até então inexistentes em muitas escolas, passaram a ser consideradas como imprescindíveis em toda nossa rede escolar. Outras, que já existiam, melhoraram consideravelmente. O estudo da Bíblia foi valorizado e, como consequência, muitos alunos foram batizados. Com estes resultados, muitas das escolas passaram a ter um capelão, não só para o ensino de Bíblia, mas para liderar as atividades espirituais da escola e trabalhar pelos alunos e seus familiares.

Como resultado do voto tomado pela Divisão, recomendando a cada campo que ainda não tivesse um internato para os alunos do nível médio, a tê-lo no futuro próximo, vários campos iniciaram a compra de terrenos. Durante o tempo em que estive na Divisão, Deus me concedeu o privilégio de ver nascer

e crescer alguns deles: o Centro Educacional Adventista de Los Angeles (Ceala), no Chile; o Instituto Adventista Transamazônico Agro Industrial (Iatai), no Pará; o Instituto Adventista de Balcarce (IAB), na Argentina; o Instituto Adventista Brasil Central (IABC), em Goiás; o Instituto Adventista da Amazônia Ocidental (Iaamo), em Rondônia; o Instituto Adventista de Ensino de Minas Gerais (Iaemg), hoje Fadminas; e o Colégio Adventista do Paraguai (Capa).

Com alegria felicito, vinte anos depois de ter deixado a DSA, a Associação Catarinense pela abertura do Instituto Adventista de Ensino de Santa Catarina (Iaesc), que iniciou as suas atividades acadêmicas em 2008. Bem planejado, bem localizado e com construções modernas e cômodas, será, sem dúvida, uma grande bênção aos jovens catarinenses e a outros que ali chegarem.

Vale a pena acrescentar a minha apreciação pelos trabalhos em andamento para abertura de um novo internato para o ensino médio nas proximidades do Recife na União Nordeste Brasileira. Os pernambucanos e demais nordestinos merecem. Parabéns pelo futuro Instituto Adventista Pernambucano de Ensino (IAPe). Aguardo também o dia em que na União Norte Brasileira seja agregado à recém-aberta Faculdade Adventista da Amazônia (Faama) o nível médio para favorecer os jovens dessa faixa etária.

Quanto ao ensino superior

Durante o tempo em que permaneci na Divisão, fui participante de ocorrências importantes que afetaram o ensino superior adventista.

Menciono em primeiro lugar a transferência do Educandário Nordestino Adventista (ENA), pelo fato de ter sido uma decisão que inicialmente foi contestada por muitos.

Em virtude das frequentes enchentes do rio Panelas, que passava pelo campus do ENA, a União Este Brasileira tomou um voto autorizando a transferência do ENA para outro local. Depois de encontrar um novo local que satisfazia as exigências, o ENA foi transferido para as proximidades da cidade de Cachoeira, na Bahia, onde até hoje se encontra. Recebeu o nome de Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (Iaene) e mais recentemente passou a denominar-se Faculdades Adventista da Bahia. O curso básico que havia sido ministrado no antigo local logo foi desativado e as instalações restantes foram destinadas ao uso de outras atividades da igreja. Por sua vez, a nova instituição que surgiu na Bahia com o nome de Iaene, começou a progredir sensivelmente. Além dos cursos básicos ali estabelecidos, o curso teológico teve um grande aumento em suas matrículas. Hoje, além de oferecer o curso de Teologia com graduação oficializada, oferece também o mestrado pelo Salt

e os cursos de: Administração, Pedagogia, Fisioterapia, Enfermagem e Psicologia, além de vários cursos de pós-graduação.

Tudo isso demonstra que a transferência (inicialmente vista como uma decisão errada) acabou sendo a mais acertada.

Cabe-me aqui uma referência elogiosa à União Norte Brasileira pela abertura agora da Faama. Como já está sendo oferecido o curso de Teologia em regime de internato, antevemos o dia em que seja agregado não só o ensino médio, mas, que a seu tempo, alguns cursos superiores na área de saúde sejam acrescentados. Com o bom nome que a Igreja Adventista desfruta em função dos hospitais de Belém e Manaus e a tradição das lanchas Luzeiro, certamente haverá uma porta aberta para abertura de cursos na área de saúde nessa região.

Outra notícia alvissareira é a que diz respeito à autorização do governo do Paraguai para abertura de uma universidade adventista no país. Esse empreendimento deve se concretizar a partir de uma faculdade de enfermagem.

Uma universidade no Peru

Baseado num voto da Divisão tomado em 1979, a União Incaica iniciou a tramitação de um projeto junto ao Governo do Peru para transformar o Centro Educativo Superior Unión (Cesu) em universidade. O projeto foi encaminhado para seu estudo à Câmara dos Deputados e depois de aprovado seguiu para o Senado.

A essa altura, alguns líderes da igreja desconhecendo o voto tomado pela Divisão no quinquênio anterior e temendo que a aprovação do projeto compromettesse a organização, pediram ao presidente da União, Pastor Henrique Berg, que solicitasse ao Senado peruano a suspensão da tramitação do mesmo. Enquanto isso, o assunto foi encaminhado à Divisão para as devidas considerações.

Ao retornar a Brasília, após uma viagem, não só tomei conhecimento dos detalhes que motivaram a decisão como também recebi do então presidente da Divisão, pastor João Wolff, o pedido para que viajasse à União Incaica a fim de, em conjunto com o presidente, o diretor de Educação e o diretor do Cesu, analisasse os pontos polêmicos do projeto. Eram principalmente questões de ordem financeira e de recursos humanos.

Depois de passar vários dias em Lima, voltei com um minucioso relatório mostrando as possibilidades reais do projeto. Quanto ao pessoal, podia-se contar com recursos humanos adventistas. Quanto à área financeira, fizemos uma previsão orçamentária para um período de sete anos. Com a compreensão dos líderes da Divisão, o pedido de suspensão foi retirado no Senado e finalmente aprovado em 1983.

A universidade tem a sua sede em Ñana, próximo a Lima, e estende suas atividades a dois outros campi localizados em Juliaca ao Sul e Tarapoto, ao

Norte. Até 2010, a Universidade Peruana Unión graduou centenas de alunos nos diferentes cursos. Deus seja louvado por tantas vitórias!

Nasce o Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia — Salt

Em 1970, estando no meu primeiro período administrativo do IAE, os professores de Teologia e administradores das várias regiões administrativas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, revelaram o desejo de que fosse oferecido no campus um mestrado em Teologia, tendo em vista um melhor preparo dos nossos obreiros e melhor aproveitamento dos recursos. Apresentamos o assunto ao conselho deliberativo o qual tomou um voto solicitando a aprovação da Divisão Sul-Americana.

Quase que simultaneamente, o Colégio Adventista Del Plata (CAP) havia solicitado, também através de um voto, autorização para oferecer um mestrado em sua sede. Como ambas as solicitações dependiam de aprovação da Associação Geral, a Divisão encaminhou os pedidos, os quais aparentemente não foram considerados, pois não obtiveram resposta.

Depois, estando eu na DSA o assunto voltou a ser considerado especialmente em função do interesse da Associação Ministerial, pois considerava-se importante oferecer aos obreiros da Divisão a oportunidade de melhorar os seus conhecimentos teológicos dentro do território. Isto significava um custo menor do que serem enviados ao exterior, favorecendo assim a um maior número de candidatas.

Ao ser consultada, a Associação Geral, em princípio concordou, sugerindo, contudo, que o assunto fosse estudado conjuntamente com a Divisão Interamericana (DIA) que aceitou o plano desde que fosse implantado na Universidade de Montemorelos, no México. Como a DSA respondeu que até poderia aceitar que a sede estivesse em território deles, mas num país sul-americano, sugerindo Medellín, na Colômbia, depois de algumas reuniões entre as duas Divisões, não houve concordância quanto à localização da sede e tudo voltou à estaca zero.

Passado algum tempo, a Divisão Sul-Americana novamente solicitou à Associação Geral que indicasse uma comissão de avaliação, agora para avaliar o projeto de um seminário com o nome de Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (Salt). Com este nome, ficaria aberta a possibilidade de matrícula para alunos provenientes de outros países de língua latina, como Espanha, Itália, Moçambique, Angola, dentre outros. Foram dadas duas sugestões quanto a possíveis sedes: o CAP, na Argentina, e o IAE. Na elaboração do projeto contamos com a preciosa colaboração do Dr. Werner Whymeister (ex-diretor de Educação da DSA), e do Dr. Mário Veloso (secretário da DSA), sendo ambos doutores em Teologia. O projeto apresentado tinha a característica de um seminário em Missão. Os alunos seriam obreiros

com quatro anos ou mais de experiência e deixariam seu trabalho durante seis semanas por ano, para concluir o mestrado em quatro anos.

Como desta vez a sugestão foi aceita e aprovada pela Associação Geral, todos os preparativos e materiais foram feitos a fim de ser apresentados à comissão de avaliação. Os membros da comissão eram o Dr. Walton Brown, diretor de educação da Associação Geral, Dr. Richard Hammill, presidente da Andrews University e representantes da DSA, das Uniões e das instituições envolvidas. Estivemos reunidos primeiro no CAP e em seguida no IAE, realizando uma reunião final na sede da Divisão, em Brasília.

Levando em consideração o estudo feito nas duas reuniões anteriores, a equipe da Divisão propôs a criação do Salt à comissão na qualidade de “Seminário em Missão”, com sede na própria DSA. O IAE e o CAP seriam sedes regionais. O corpo docente estaria constituído por professores selecionados de todos os cursos de Teologia da Divisão, além de outros professores convidados. Para favorecer aos obreiros da União Incaica, e reduzir custos, foi proposto também o funcionamento de uma extensão do Salt no Cesu, hoje, Universidade Peruana Unión.

Depois de considerar todos os estudos feitos, a Comissão concordou em levar a proposta da DSA à Associação Geral a qual aprovou o relatório.

Finalmente, em dezembro de 1981, após a indicação do Dr. Mario Veloso como reitor e de alguns meses para as providências iniciais, realizou-se no IAE a cerimônia inaugural do Salt. Estava presente a primeira turma de alunos do Brasil e alguns líderes denominacionais locais. Poucos dias depois, realizou-se uma cerimônia idêntica no CAP. A primeira turma de cada sede contou com 60 alunos.

Continuando em sua história ascendente, atualmente o Salt funciona oficialmente em quatro instituições: Unasp, Universidade Adventista del Plata, Universidade Peruana Unión e Iaene. Além do mestrado, hoje o Unasp oferece o doutorado institucional em Teologia e a UAP, o doutorado na mesma área. Até julho de 2010 o Salt já havia diplomado 771 mestres e 38 doutores assim distribuídos:

| | Mestres | Doutores em Teologia |
|------------|---------|----------------------|
| Sede Unasp | 446 | 14 |
| Sede UAP | 125 | 11 |
| Sede UPeU | 155 | 13 |
| Sede Iaene | 45 | - |

Os resultados até aqui alcançados não apenas em números de alunos e formandos, mas, principalmente, no crescimento teológico dos obreiros, são

uma demonstração das bênçãos de Deus para este projeto *sui generis* e também uma realidade exitosa após os esforços feitos pela implantação na DSA. Aos doutores Whymeister e Veloso, nossa gratidão pela elaboração e implantação deste projeto tão singular e útil aos obreiros e à igreja na DSA.

A desapropriação do IAE

Quando deixei o IAE, em 1975, o prefeito de São Paulo, Sr. Paulo Setúbal, havia decretado toda a área do IAE como área de utilidade pública e sujeita a desapropriação. Como tal, o IAE estava impossibilitado de construir ou modificar sensivelmente suas instalações. Duas razões motivaram esse decreto. A primeira era o fato de termos uma propriedade de 170 hectares inserida numa região densamente povoada. Desapropriada, esta área poderia ser urbanizada com habitações populares. A segunda era o fato de possuímos uma área de dez hectares de matas, que tendo sido preservadas, poderiam ser transformadas em um parque municipal.

Em 1983, sendo Mário Covas o prefeito de São Paulo, a desapropriação de toda a área do IAE foi por ele decretada. Seguiu-se então um período de muita preocupação e oração.

Tornou-se necessária a transferência do IAE, mas o problema era sempre o mesmo: comprar outra propriedade com o quê? Não havia recursos para tanto. Os administradores do IAE e da União iniciaram uma série de conversações com as autoridades, tentando mudar o conteúdo do decreto. O que se pretendia era que, ao invés de se desapropriar totalmente o IAE, fosse essa uma desapropriação parcial. Isso permitiria que a instituição continuasse funcionando. Enquanto isso, todos os incumbidos oravam incansavelmente pedindo a direção divina.

De minha parte, em Brasília consegui uma entrevista com o Dr. Ulisses Guimarães, presidente da Câmara dos Deputados, e também presidente do partido ao qual Mário Covas pertencia na época. Apresentei a ele a situação pela qual estávamos pleiteando, afirmando que não éramos contra a medida, porém tínhamos três pedidos: primeiro, que a desapropriação não fosse total, para dar-nos tempo de comprar outra propriedade e construir novas instalações, pois ficando com uma parte da propriedade poderíamos continuar atendendo parcialmente a uma clientela de 3.000 alunos. Segundo, que o preço fosse justo para poder enfrentar os gastos da aquisição de um novo terreno e as necessárias construções. E terceiro, que o pagamento fosse feito à vista. Dos três, este era o pedido mais difícil para a prefeitura, pois não era o procedimento costumeiro.

Como o Dr. Ulisses havia-se demonstrado um amigo da instituição, confiei em fazer a ele esse pedido tão ousado. Depois de ouvir-me atentamente, ele respondeu:

— Pode estar tranquilo, eu vou falar com o Covas.

Que para Deus nada é impossível ficou demonstrado mais uma vez. Depois das orações feitas e das providências tomadas, os nossos líderes em São Paulo foram convocados e receberam a feliz comunicação! Seria reservada ao IAE a área central com as principais edificações e providenciado o pagamento integral no valor de três bilhões, quatrocentos e quarenta e dois milhões, oitocentos e vinte mil e quarenta e quatro unidades monetárias da ocasião e cinquenta centavos (3.442.820.044,50 u.m). Essa importância na época equivalia a aproximadamente seis milhões e quinhentos mil dólares americanos (6.500.000,00 \$USA). Este preço foi estabelecido em função do preço corrente nas imediações.

Com profunda gratidão a Deus pelas providenciais resoluções, o grupo do IAE, liderado pelo pastor Walter Boger, intensificou a procura de uma propriedade para ser adquirida. Após terem visitado dezenas de fazendas no interior de São Paulo, selecionaram as cinco que ofereciam as melhores condições e solicitaram à Divisão a nomeação de uma comissão de avaliação, para visitar as propriedades.

Num domingo pela manhã, os pastores João Wolff, Daniel Nestares, Rui Nagel e eu, viajamos a São Paulo onde nos aguardavam os demais membros da comissão. Nesse dia de intensa atividade, as cinco fazendas foram visitadas e a decisão tomada foi que o presidente da União conversasse com os proprietários de duas fazendas e decidisse por aquela que oferecesse as melhores condições de compra.

No dia seguinte, o pastor Darci Borba viajou para visitar os proprietários destas fazendas. Deparou-se, contudo, com problemas de documentação, preço etc. De uma delas, desistiu por completo, e com relação à outra adiou a discussão a respeito da negociação.

Notem agora o que significa pedir que Deus dirija os negócios da sua igreja. Naquele mesmo dia, o pastor Borba foi procurado por um corretor que, sabendo que a igreja estava procurando uma área para construção de um colégio, insistia em que visitasse outra fazenda que ele tinha para oferecer. O Pastor Borba relutou em aceitar o convite com a esperança de que as negociações em discussão prosperassem. Pela insistência do corretor, foi ver a outra fazenda, encantando-se com a mesma, inclusive mais do que com as outras. O preço também estava dentro de nossas possibilidades. No dia seguinte, ele teve que voltar à segunda fazenda, conforme combinado, com a esperança, agora, de que o dono não tivesse mudado de ideia quanto ao preço, o que de fato aconteceu.

Naquela mesma noite, o pastor Borba telefonou à Divisão solicitando uma nova reunião da comissão de avaliação, expondo os motivos. Na quarta-feira, viajamos de Brasília e fomos diretamente a essa nova fazenda. Depois de visitar toda a sua extensão, a comissão de avaliação recomendou de forma unânime a sua compra.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Como entre os integrantes da comissão de avaliação havia membros suficientes para dar o quorum à comissão da Divisão, esta, ao ser convocada, aprovou a compra da propriedade e nessa mesma noite o pastor Borba fechou o negócio.

Além de agraciados de maneira providencial na aquisição de uma excelente propriedade, particularmente quanto a sua localização, ocorreu outro fato muito interessante.

A fazenda tinha uma grande área ocupada com plantação de laranjas, que na época eram vendidas a baixo preço para a produção de suco. A ocorrência de uma forte geada na Flórida, que é a maior região produtora de laranjas nos Estados Unidos, fez com que subisse o preço das laranjas do Brasil, fornecedor de sucos a esse país. Sendo assim, as laranjas da fazenda contribuíram para o pagamento do terreno.

Uma vez adquirida a propriedade, coube ao pastor Walter Boger, então diretor geral do IAE, iniciar o planejamento do plano piloto e as construções. Hoje, com os edifícios destinados ao restaurante e cozinha, residenciais masculinos e femininos, centro de comunicação, templo, piscina, ginásio de esportes e os edifícios para o ensino básico, superior, pós-graduação e artes, dois edifícios com apartamentos para alunos casados, 25 casas para professores e funcionários; fazem do novo Campus uma instituição com suas necessidades praticamente completas, atendendo no momento a quase cinco mil alunos nos diversos níveis de ensino.

102

Hora de me aposentar

Ao aproximar-se a 55ª Assembleia da Associação Geral, em 1990, após servir à causa da educação adventista na Divisão Sul-Americana por três períodos consecutivos de cinco anos cada, notifiquei ao pastor João Wolff, presidente da Divisão, que já estava em condição de jubilar-me, uma vez que tinha tempo de serviço e idade para isso.

Fiquei feliz quando para substituir-me, foi escolhido um amigo, ex-aluno e ex-companheiro de trabalho, uma pessoa inteiramente dedicada à educação, o professor Roberto César de Azevedo.

Ao rever os resultados do trabalho realizado durante minha permanência à frente do Departamento de Educação, só tenho motivos para agradecer. Em primeiro lugar a Deus, pela sua proteção nas inúmeras viagens realizadas e pelas bênçãos concedidas no desenvolvimento da educação cristã.

Sou grato também pelo apoio recebido da parte dos administradores da Divisão, das Uniões, das Associações e Missões, e dos respectivos departamentos de educação, bem como das instituições educacionais, sem cuja atenção

nada poderia ter sido feito. As muitas amizades surgidas nos diferentes encontros, nas reuniões de avaliação, planejamento, inaugurações, formaturas etc. Deixaram marcas indeléveis na minha vida.

A minha gratidão especial também à minha esposa, amiga e companheira, que suportou as minhas longas ausências inúmeras vezes, devido às prolongadas viagens, especialmente nos últimos anos. Agradeço-lhe também pela sua inspiração e apoio frente às responsabilidades do trabalho, e da igreja.

Os resultados positivos alcançados na vida de milhares de crianças e jovens candidatas ao reino eterno devemos em primeiro lugar a Deus, e também ao trabalho dedicado e humilde de todo o exército de professores, funcionários e administradores envolvidos na rede educacional adventista da América do Sul.

Os números do quadro abaixo confirmam o resultado do trabalho unido de nossa equipe educacional no período de dezembro de 1974 a março de 1990. Nesse mesmo espaço de tempo a igreja cresceu cerca de 46% em relação ao número de membros.

| Tipos de Escolas | 1974 | 1990 | Crescimento |
|-----------------------------|--------|---------|-------------|
| Ensino fundamental | 462 | 787 | 70% |
| Colégios de ensino médio | 19 | 113 | 495% * |
| Inst. nível superior | 06 | 08 | 33% |
| Internatos | 16 | 22 | 38% |
| Matrículas ens. fundamental | 42.274 | 142.586 | 237% |
| Matrículas ens. médio | 4.856 | 18.132 | 273% |
| Matrículas ens. superior | 1.316 | 4.106 | 212% |
| Total de matrículas | 48.446 | 164.824 | 240% |
| Professores | 2.041 | 7.321 | 259% |

*Este aumento surpreendente ocorreu devido ao fato de muitas escolas no Brasil terem se transformado em colégios de ensino médio.

Diretor, outra vez?

Após regressarmos da Associação Geral, em agosto de 1990, estávamos arumando nossa mudança quando o telefone tocou. Era a voz inconfundível do pastor João Wolff falando de São Paulo, comunicando-me que o conselho deliberativo do IAE, que havia se reunido para escolher o substituto do professor Roberto C. Azevedo, já havia tomado uma decisão. Tinham me escolhido novamente para essa função. Como a responsabilidade era completar o mandato do

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

professor Roberto até a próxima assembleia, e eu ainda não havia oficializado meu pedido de aposentadoria, minha esposa e eu consideramos como sendo um chamado de Deus e aceitamos.

Como consequência, Roberto e eu trocamos de cargo, de escritório e de casa, tendo o mesmo caminhão feito as duas mudanças. Eu, que havia sido o décimo primeiro diretor geral do IAE, tornei-me o décimo quinto, depois dos 15 anos passados na Divisão.

Uma das primeiras responsabilidades a desempenhar, quando assumi a diretoria, foi tomar providências para cumprir um cronograma já estabelecido, para a transferência dos cursos superiores para o campus de Engenheiro Coelho, trabalho este que deveria ser executado com cautela e segurança, para evitar ressentimentos e mal-estar entre os obreiros. As transferências deviam envolver apenas os cursos superiores e seriam executadas de uma forma gradativa por cursos e séries.

No ano seguinte, 1991, passaram a funcionar no campus Engenheiro Coelho o primeiro e segundo ano do curso de Teologia. A última turma de teólogos que se formou em São Paulo foi a de 1992, justamente 70 anos depois da primeira, que se formara em 1922.

Em 1992, depois de obtida a aprovação do MEC, começou a funcionar em Engenheiro Coelho o primeiro ano de Pedagogia. O próximo curso a ser transferido seria o de Letras, que deveria começar em 1993, porém, como não havia salas suficientes, a transferência só ocorreu um ano depois.

Considerando o interesse denominacional de transformar o IAE em uma única universidade, nessa época foi elaborado um documento chamado “Carta Consulta” o qual foi imediatamente enviado ao MEC, na expectativa de uma resposta favorável para continuidade dos estudos. Esse documento continha informações sobre nossas condições no momento e também as previsões quanto ao desenvolvimento futuro.

Como havia pretensões de abertura de novos cursos para os dois campi, a comissão diretiva achou por bem chamar uma pessoa específica para tratar da abertura de novos cursos e relacionamentos com o MEC. Isto ocorreu em 1992, tendo sido chamado para esta responsabilidade o pastor Homero Luiz dos Reis.

Um dos primeiros resultados do seu trabalho foi a plenificação do curso de Ciências, que até então oferecia apenas a licenciatura curta. Em 1993, o MEC aprovou a transformação do curso de Ciências em curso de Matemática e curso de Biologia, ambos com licenciatura plena. Mais uma vitória graças a Deus!

Ao chegar o tempo para a transferência dos cursos de Enfermagem, Matemática e Biologia, o Conselho Deliberativo chegou à conclusão de que seria prudente deixar no campus São Paulo os cursos das áreas de ciências e saúde. Isto, em virtude da falta de recursos para a construção rápida de mais salas de

aulas, laboratórios e outras adequações no campus de Engenheiro Coelho, bem como das necessidades a ser supridas em razão da abertura de outros cursos.

Essa medida tem-se revelado sensata, pois hoje (2011), com mais de vinte diferentes cursos superiores em funcionamento, o Unasp conta com uma matrícula de abertura do ano escolar de 9.163 alunos sendo 4.431 no campus Engenheiro Coelho e 4.732 no campus São Paulo; e ambos têm as suas dependências totalmente lotadas. Considerando os 4.436 alunos do Unasp campus Hortolândia, que recentemente foi incorporado ao Unasp, esta instituição educacional, agora com 13.519 alunos em 2011, e seus 2.205 alunos internos, tornou-se a maior instituição educacional adventista do mundo.

Os anos de 1993 a 1997 foram anos de trabalho intenso. Pastor Homero, auxiliado pelo professor Hélio Serafino, trabalharam intensamente nos projetos de abertura, e as administrações dos campi agilizaram as respectivas documentações necessárias. Foi nessa época que surgiu da parte do MEC uma nova estruturação para as instituições de ensino superior classificando-as em:

- ◆ Faculdades Isoladas
- ◆ Federação de Faculdades
- ◆ Centros Universitários
- ◆ Universidades

Em virtude dessa reestruturação tomou-se a decisão de encaminhar ao MEC uma solicitação para que o IAE fosse credenciado como Centro Universitário bi-campi. Com esta estrutura teríamos os mesmos privilégios de uma universidade, contudo sem, a responsabilidade de mantermos um Centro Institucional de Pesquisa Científica, cuja implantação haveria de requerer pesados recursos financeiros. Como centro universitário devemos sim, manter a excelência no ensino.

Em 1997, os dois campi foram avaliados por uma comissão da Associação Geral e essa mesma recomendou a fusão da administração, considerando que se tratava de instituições com o mesmo nome e a mesma mantenedora. Foi recomendado, também, que as duas instituições passassem a ter a mesma declaração de missão e de visão, e o mesmo logotipo.

Com a renúncia do pastor Walter Boger como diretor Geral do campus Engenheiro Coelho, ocorrida no final de 1997, em função da grave enfermidade

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

que o acometeu e o levou ao descanso, as comissões diretivas dos dois campi decidiram, conjuntamente, atender a recomendação da comissão avaliadora.

Na ocasião, foi considerado mais fácil nomear o diretor do Campus São Paulo também como diretor da unidade de Engenheiro Coelho, uma vez que a unificação oficial da diretoria só poderia ser feita em Assembleia, a qual se realizaria no final de 1998.

Com essa decisão posta em prática no início de 1998, esse ano se tornou extremamente pesado para mim. Tive que semanalmente viajar entre os dois campi para atender às necessidades de ambos. Parte da estrada entre Paulínia e Engenheiro Coelho ainda não estava duplicada e certos trechos estavam em péssimo estado de conservação, representando um perigo constante, além de um desgaste adicional para os usuários.

Os resultados dos intensos trabalhos desenvolvidos de 1993 a 1997 se revelaram a partir de 1998, na abertura dos seguintes cursos:

| | | |
|-----------------------|-----------|---------------|
| Educação Artística | Campus EC | Maio – 1998 |
| Fisioterapia | Campus SP | Junho – 1998 |
| Engenharia Civil | Campus EC | Junho – 1998 |
| Nutrição | Campus SP | Junho – 1998 |
| Administração | Campus EC | Julho – 1998 |
| Tradutor e Intérprete | Campus EC | Agosto – 1998 |
| Pedagogia | Campus SP | Agosto – 1998 |
| Comunicação Social | Campus EC | Junho – 1999 |

No dia 9 de setembro de 1999 o Exmo. presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, assinou o decreto, credenciando o IAE, como “Centro Universitário Adventista de São Paulo” (Unasp). Com esta mudança na estrutura acadêmica, tornou-se necessário nomear uma estrutura administrativa em harmonia com o estatuto do centro universitário. Em decorrência disso, fui nomeado como primeiro reitor da instituição para dar início às adaptações necessárias à nova condição do estabelecimento.

Ao aceitar essa responsabilidade, solicitei que, a princípio, fosse estabelecida uma data para minha aposentadoria denominacional. O conselho deliberativo da mantenedora (IAE), a quem coube a decisão da nomeação, concordou em princípio que eu poderia aposentar-me em primeiro de janeiro de 2001.

Em outubro de 2000, levei à comissão o assunto da escolha do meu substituto. Estabelecida a nomeação em princípio de novembro, a pessoa escolhida

respondeu negativamente. Em uma nova reunião do conselho, procedeu-se outra nomeação, porém, novamente o escolhido disse “não”, após duas semanas. Nessas condições o meu afastamento foi prorrogado para primeiro de março de 2001, data em que, por coincidência, eu estaria completando 57 anos de atividades ininterruptas como obreiro ativo na área educacional da igreja. Felizmente no dia seis de março daquele mesmo ano, o conselho deliberativo nomeou o professor Euler Pereira Bahia a quem entreguei o cargo de reitor do Unasp, alguns dias depois.

A partir da abertura do centro universitário os seguintes cursos foram aprovados pelo próprio Unasp e pelo MEC:

| | | |
|--|-----------|-----------|
| Ciência da Computação | Campus SP | Set. 1999 |
| Licenciatura da Computação | Campus SP | Set. 1999 |
| Educação Física | Campus SP | Set. 1999 |
| Administração | Campus SP | Ago. 2000 |
| Ciências Contábeis | Campus EC | Jul. 2001 |
| Psicologia | Campus SP | Nov. 2002 |
| Teologia – Oficial | Campus EC | Jul. 2003 |
| Direito | Campus EC | Ago. 2003 |
| Ciências Contábeis | Campus SP | 2005 |
| Técnicas em Análise e Des. de Sistemas | Campus SP | 2005 |
| Sistemas de Informática para Internet | Campus EC | Mar. 2009 |
| História | Campus EC | Set. 2009 |

Por sugestão do presidente da Comissão Diretiva continuei prestando serviços como secretário da mantenedora até 31 de dezembro de 2003, trabalhando em tempo parcial. Durante esse período foi possível, além de outras atividades, reformular o estatuto do centro universitário, adaptando-o às normas denominacionais e redigir o seu regimento interno. Ambos foram aprovados pelo Unasp e, também, pelo Conselho Nacional de Educação.

A partir de março de 2004, passei a desfrutar da aposentadoria, tendo transferido minha residência para as proximidades do Unasp-EC.

Viagens

Era uma sexta-feira à noite do ano de 1961. O culto no salão de atos justamente havia terminado. Eu estava me retirando pelo corredor central, quando veio até mim o pastor Jairo T. de Araújo, então diretor geral do IAE. Ele acabara de voltar de Montevideú, onde havia assistido às reuniões da Divisão. De longe fez um sinal que desejava falar comigo e foi logo dizendo:

— Você foi escolhido pela Divisão para representar o IAE na Assembleia da Associação Geral no próximo ano.

Foi um susto e ao mesmo tempo uma surpresa agradável. Assistir a uma Assembleia da Associação Geral, nunca havia passado pela minha mente. Visitar outros países era outro motivo de admiração para um humilde filho de Itararé, com 38 anos de idade!

Marinheiro de primeira viagem

Os seis meses que antecederam a viagem foram cheios de planos e sonhos. Como viajar? Com quem? O que visitar? Depois de analisar a situação, decidimos que minha esposa deveria acompanhar-me. Suas despesas de viagem seriam pagas em parcelas, mediante a venda de pizzas na mercearia do colégio. Os filhos ficariam a cargo da querida Maria José Bârg que havia morado conosco e nossos companheiros de viagem seriam o pastor Jerônimo Garcia e sua família. Comprariamos um carro em Miami e o venderíamos

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

na volta. O Pastor Jerônimo e o Flávio seriam os motoristas, eu atuaria como tesoureiro e “mapista”. Dona Ana, Dilza, Helena e Noemi, se encarregariam da alimentação e da conversa. O itinerário pronto, os lugares que seriam visitados, escolhidos, tudo estava planejado. Era só embarcar!

Já a nossa viagem de avião se constituiu numa surpresa. As passagens compradas pela Varig seriam nos famosos Constelations, que eram quadrimotores a hélice. Para quem só havia viajado uma vez de Teco-teco, isto era realmente interessante. Quando faltavam poucos dias para a viagem, soube-mos que a Varig havia adquirido alguns aviões a jato e que nossa viagem seria num Caravelle. Pode imaginar nossa expectativa!

A viagem de São Paulo a Miami contava com as seguintes escalas: Rio de Janeiro, Belém, Port of Spain (Trinidad Tobago), Caracas (Venezuela), Santo Domingo (República Dominicana) e, então, Miami. Tantas escalas porque o avião devia cumprir o itinerário do antigo “constellation” que dependia de vários reabastecimentos.

Em Miami nos esperava o Dr. Walton Brown, missionário que havia trabalhado no Brasil. Ele nos assessorou em todas as negociações para a compra do Státion Wagon, Plymouth, ano 1955 que, após nos conduzir por mais de 20.000 quilômetros, um amigo fez-nos o favor de comprá-lo por 250 dólares.

110

Nosso principal objetivo era visitar e conhecer o maior número possível de instituições adventistas. Com a graça de Deus conhecemos os colégios secundários e superiores dos seguintes estados: Flórida, Tennessee, Texas, Novo México, Arizona, Califórnia, Washington, Nebraska, Michigan e New York. Também visitamos os Hospitais Adventistas de Orlando e Loma Linda, a Andrews University, os monumentos denominacionais em Battle Creek, a sede da Associação Geral e a Review and Herald em Takoma Park, Washington DC.

Visitamos também alguns lugares turísticos, como as Cavernas de Carlsbad, próximas de Albuquerque, com suas lindas formações geológicas das estalactites e estalagmites; o parque nacional do Grand Canyon, onde nos deleitamos com as magníficas paisagens em diferentes posições e o profundo vale do rio Colorado. As águas do rio correm através de uma imensa depressão de quase dois quilômetros de profundidade, ladeadas de rochas de colorações diferentes que, além de oferecerem um espetáculo digno de admiração, mostram muitas camadas geológicas invertidas em relação à ordem considerada normal pelos evolucionistas.

Ao passar pelo extenso, seco e ardente deserto chamado “Vale da Morte”, a caminho de Los Angeles, tivemos uma experiência interessante. Numa das raras áreas de descanso paramos para preparar o nosso lanche. Procuramos a melhor das poucas árvores existentes, tão castigadas pelo vento e calor do deserto e colocamos os ingredientes para os nossos sanduíches sobre uma mesa de pedra numa semis-

sombra. As fatias de pão colocadas sobre pratos descartáveis, nos poucos minutos em que aguardavam o recheio, se converteram praticamente em pães torrados! Não é necessário dizer que nos divertimos muito com esses sanduíches “a la pão torrado”.

Fomos também ao Yosemite National Park que fica nas proximidades de São Francisco. Além da beleza natural, com sua exuberante vegetação e lindos lagos, observamos com admiração as centenárias sequoias (árvores enormes com troncos tais que uma abertura feita num deles, dava passagem folgada para um carro). Em Wyoming, visitamos o famoso Yellowstone Park, conhecido pelos seus 3.000 gêiseres (jatos de água quente que brotam da terra). De hora em hora é possível observar o Old Faithfull que joga sua água quente a uma altura elevada. A fauna, é bastante variada e os ursos podem ser vistos frequentemente pelas estradas, aproximando-se até as janelas dos carros, à espera de algumas bolachinhas ou outra guloseima.

Em Dakota do Sul ficamos impressionados pelas formações rochosas do Monte Rushmore, onde o escultor Gutzom Borglon esculpiu a figura de quatro presidentes famosos dos Estados Unidos: Washington, Jefferson, Roosevelt e Lincoln. Para se ter uma ideia das dimensões, basta dizer que um homem pode ficar em pé entre as pálpebras das esculturas. É admirável a capacidade do artista que, trabalhando suspenso por cabos de aço, manuseando martelo e ponteiro, conseguiu dar à pedra dura a fisionomia adequada a cada presidente.

Conhecer a cidade de Battle Creek foi muito emocionante, já que ali funcionou a primeira escola adventista, em 1872. Além de visitar a casa onde Ellen White viveu por alguns anos e o cemitério onde ela e seu esposo foram sepultados, estivemos no grande Tabernáculo do Dime, com capacidade para 4.000 pessoas. Ele é conhecido assim porque a sua construção foi feita com a chamada “Campanha do Dime” (dime é a moeda de 10 centavos de dólar).

São Francisco, a cidade onde se realizaram as reuniões, causou-nos uma boa impressão; porém, o que mais nos deu alegria e gratidão a Deus, foi o privilégio de assistir a uma Assembleia da Associação Geral. As reuniões se realizaram no Cow Palace, um ginásio de esportes e exposições, com capacidade para 10 mil pessoas.

Ouvir pela primeira vez o hino oficial “Oh! Que esperança” cantado pelo quarteto da Voz da Profecia foi uma emoção muito grande, especialmente sabendo que um dos cantores, Wayne Hooper, fora o compositor do hino. Ainda hoje, passados quase cinquenta anos, fico emocionado com o significado da letra e melodia da música.

Sou profundamente grato a Deus e à Divisão Sul-Americana por ter sido nomeado delegado para aquela assembleia. Aproveitei ao máximo a viagem, passando por vinte e dois estados americanos, conhecendo uma partezinha do México e do Canadá, viajando mais de 20.000 quilômetros de carro, além

de ter a oportunidade de conhecer muitos pontos históricos e turísticos do país e de ter conhecido muitas instituições da igreja e lugares importantes da nossa história denominacional.

De volta ao Brasil, antes de qualquer outra atividade, nos reunimos para relembra-los tudo o que havíamos visto e ouvido, os amigos encontrados, as maravilhas contempladas e, sobretudo, as bênçãos recebidas numa peregrinação de 60 dias em terra estranha sem qualquer acidente. Ajoelhados, agradecemos a Deus por tudo que havíamos recebido.

Nessa minha primeira viagem, nunca sequer imaginei que Deus me daria a oportunidade de voltar a ter as mesmas sensações. Em função de minhas responsabilidades posteriores, tive o privilégio de participar de mais seis Assembleias. De todas elas, voltei com minha fé fortalecida, sentindo a alegria de servir a uma igreja viva, aumentando, assim, minha convicção de continuar servindo a Deus.

O presente dos trinta anos

Em 1974, completei trinta anos de magistério e atividades correlatas. De acordo com os regulamentos do INSS, uma pessoa com 25 anos de magistério e 50 anos de idade poderia requerer a sua aposentadoria, por ser esta uma profissão considerada “penosa”. Pode haver profissão mais alegre do que inspirar a crianças e jovens a usarem suas capacidades intelectuais, acompanhá-los na caminhada para a descoberta de novos saberes e, mais ainda, marcar a trilha que os levará ao mestre dos mestres? Porém, com base nessa legislação, após ter completado 50 anos de idade no dia 11 de junho, dei entrada ao meu pedido de aposentadoria especial, o qual foi aprovado antes do final do ano.

No ano seguinte seria celebrada em Viena, Áustria, a Assembleia da Associação Geral. Considerando que era uma boa possibilidade para conhecer a Europa, disse à minha esposa:

— Que tal se aproveitássemos os primeiros meses da minha aposentadoria para irmos à Europa?

Aqueles que conhecem a Noemi sabem que ela está sempre com as malas prontas para uma viagem. Assim sendo, não só concordou com a ideia, mas pusemos a cabeça a trabalhar e, com um pouco mais de gastos, estendemos a viagem até os Estados Unidos, onde morava nossa filha, cujo esposo estava concluindo o seu doutorado.

Depois de muitos estudos e considerações decidimos viajar num grupo de dez pessoas: Jairo T. Araújo, Oswaldo R. Azevedo, Mário Roque, Ardoval Schevani, e nossos cunhados Theodomiro e Enola Muniz, com os filhos Emiro e Erlo. No dia 15 de junho de 1975, os dez ansiosos passageiros embarcamos pela Ibéria com destino a Madrid. Depois de conhecer alguns pontos importantes da capital

da Espanha, viajamos de trem a Lisboa, onde fomos recepcionados pelo saudoso pastor Benito Raymundo, que na época trabalhava lá como distrital. Nunca esqueceremos o tradicional caldo verde que nos foi servido no jantar de recepção.

No dia seguinte, Benito nos acompanhou na visita aos principais pontos turísticos de Lisboa e, à noite, prosseguimos de trem para Paris. Nossa passagem dava direito a viajar num carro com cabine para seis passageiros. Minha esposa e eu, com meus cunhados e filhos ocupamos uma cabine. Os outros quatro companheiros partilhavam a cabine com dois desconhecidos. À noite, essas cabines se transformam em seis leitos, sendo três de cada lado, dispostos em três andares. Pouco antes de nos acomodar para dormir, deparei-me com Mário Roque na porta da sua cabine, muito constrangido. Ele não se conformava com o fato de ter que dormir com dois desconhecidos!

Nossa primeira preocupação foi a procura de um hotel. Nenhum de nós falava francês. Sabíamos, também, que o povo francês não gosta de falar o inglês. Assim mesmo, o pastor Jairo passou a aplicar o seu inglês dando-nos depois as explicações pertinentes. Na recepção de certo hotel, enquanto ele nos traduzia ao português, foi interrompido pelo recepcionista que disse:

— Podem falar comigo em português que eu entendo, sou de Portugal. Não preciso dizer que aquele foi o hotel onde ficamos. O recepcionista foi o nosso guia e tradutor no dia seguinte.

De Paris viajamos de trem para Londres, chegando a Callais às 22h. O sol ainda não havia se posto quando embarcamos para a Inglaterra. O trem também era levado pelo barco, mas sem os passageiros dentro. O sol se pôs lá pelas 23h. Porém, às três da manhã já estava nascendo outra vez. Com todas essas novidades, naquela noite ninguém dormiu. Na chegada à Inglaterra, depois de poucas horas de trem, desembarcamos em Londres.

Passamos ali um sábado muito agradável e bem hospedados em nosso Colégio Newbold. Visitamos a Abadia de Westminster, o Hyde Park, o Big-Ben e o palácio de Buckingham, onde tivemos a oportunidade de assistir à tradicional e solene troca da guarda imperial. No Museu Britânico nos demoramos especialmente na seção referente ao Egito, onde vimos a Pedra Rosetta que serviu de base a Champolion para decifrar os hieróglifos. De Londres regressamos a Paris.

A partir desse ponto, o grupo de dez se desfez e nós, os membros das famílias Gorski e Muniz, viajamos de trem para Luxemburgo, um pequeno país localizado entre a Bélgica, França e Alemanha. A beleza deste país encanta a qualquer visitante pelos seus parques e a limpeza impecável de suas ruas.

Antes de sairmos de São Paulo, meu cunhado Theodomiro ofereceu à nossa filha, que estava nos Estados Unidos, uma passagem de avião até Luxemburgo.

Tudo o que pudemos dizer na ligação telefônica foi indicar a data, a hora aproximada e que deveríamos nos encontrar na empresa onde apanharíamos o nosso motorhome, no qual viajaríamos por mais 30 dias.

O período de nossa viagem na Europa até chegarmos a Luxemburgo foi de uma profunda expectativa, porque sem nenhuma comunicação posterior, nada mais sabíamos sobre a viagem da Dulce. Ao entrarmos na sala de recepção da companhia que nos alugara o motorhome, sentimo-nos aliviados, pois a Dulce ali estava lendo tranquilamente, enquanto nos aguardava. Ela aproveitou uma oferta especial de Chicago a Luxemburgo com uma única escala em Reikjavik, na Islândia, e acabou chegando a Luxemburgo pouco antes de nós. Sabíamos que este feliz encontro não era por acaso, e demos graças a Deus por isso.

Uma vez acomodados no motorhome, quando estávamos prontos para a partida, descobrimos que a geladeira estava com problemas. Em tempo, voltamos à empresa que decidiu trocá-la. Enquanto o técnico trabalhava deitado no chão, minha filha se levantou e quase pisou na sua cabeça.

— Ui! — disse ela! — Quase pisei na cabeça do homem!

Ele, mais do que depressa retrucou em português:

— Que história é esta de pisar na minha cabeça?

Tratava-se de um técnico português que havia morado muitos anos em Santos e em São Paulo. Para nós foi uma surpresa encontrá-lo e, para ele, um bom momento para recordar, com muitas perguntas, os bons tempos passados no Brasil.

Como nos atrasamos para a saída, resolvemos pernoitar em Luxemburgo. Foi o nosso, agora amigo técnico, quem providenciou o local para passarmos a primeira noite em motorhome.

Para dormir, geralmente nos distribuíamos assim: acima da cabine havia uma cama de casal. Os dois sofás que serviam de assentos nas duas laterais se transformavam em cama para três ou quatro pessoas, e numa lateral havia uma rede para outra pessoa. Como éramos sete, havia lugar para todos. Mesmo assim, o meu cunhado planejou dormir numa pequena barraca ao lado do motorhome usando um colchão inflável, ele não queria incomodar os demais com os seus eventuais roncos noturnos...

Ao partir de Luxemburgo, aproveitamos a possibilidade para visitar Bruxelas, capital da Bélgica, e a Holanda, com os célebres canais em Amsterdã e seus famosos diques que possibilitaram o aumento de seu território.

Em Amsterdã, tivemos uma experiência curiosa quanto ao idioma. Decidimos almoçar pizza, o que não foi difícil porque pizza é “pizza” em todo o mundo. Resolvemos que minha filha faria as perguntas em inglês e daria as explicações aos demais. Quando ela fez a segunda pergunta em inglês, o balco-

nista rapidamente respondeu em português. Todos caímos na risada. Ele nos contou que era paulista e tinha ido lá para fazer um “pé de meia”.

No dia seguinte, viajamos até nosso colégio de Collonges, na França, localizado bem próximo à divisa com a Suíça. Ali passamos um lindo sábado. No domingo rumamos para a Itália, onde conhecemos Pisa, com sua torre inclinada, e Florença, com suas obras de arte. Em Roma nos demoramos um pouco mais visitando o Vaticano e suas dependências; o célebre Coliseu, onde muitos fiéis foram oferecidos às feras; e a prisão Mamertina, onde Paulo deve ter escrito algumas de suas cartas. Ao sul estivemos em Nápoles e nas proximidades do Vesúvio. Por ser uma segunda-feira, não pudemos visitar, como havíamos planejado, as ruínas de Pompeia, cidade soterrada e destruída pela erupção do Vesúvio no ano 79 da era cristã.

Ao norte, antes de entrar em território Austríaco, passamos um dia agradável visitando a exótica cidade das ruas de água, Veneza. Além de visitar a famosa praça São Marcos, não perdemos a oportunidade de fazer um passeio de gôndola por vários pontos da cidade aquática.

Considerando que no dia seguinte deveríamos estar em Viena para o início da Assembleia da Associação Geral, no mesmo dia prosseguimos em nossa viagem até encontrar um lindo camping no meio dos Alpes, uma visão maravilhosa! Pernoitamos ali. Admirando tanta beleza chegamos a conclusão de que é impossível imaginar o que nos espera na nova terra!

Em Viena, como havíamos sido indicados como delegados que viajam por conta própria, gozamos do privilégio concedido a tais delegados, de ter a hospedagem no hotel reservado pela Associação Geral. O motorhome, que ficou no estacionamento do hotel, continuou sendo a moradia da Dulce com os primos.

Os dez dias de reuniões em Viena transcorreram num clima espiritual muito elevado e num ambiente fraternal entre os delegados que representavam a Igreja Adventista em quase duzentos países diferentes do mundo.

Nos intervalos entre as reuniões plenárias, havia sempre a oportunidade para visitar algum lugar histórico ou assistir a algum dos concertos musicais ao ar livre — uma característica da cidade. Pessoalmente, não tive muitas oportunidades para esses passeios, pois logo no início, ao ser constituída a Comissão de Nomeações com cerca de 200 membros, fui indicado como delegado para representar a então União Sul-Brasileira. Indicar os nomes para mais de duzentas funções ou cargos não foi tarefa fácil, pois as reuniões ocupavam todo o tempo disponível.

Uma visita que na última hora consegui fazer foi ao Palácio de Schönbrunn. O palácio é admirável, contudo o que mais impressionou foi o imenso jardim ao seu redor, com os seus gramados impecáveis e lindos canteiros de flores, principalmente os de rosas de diferentes cores.

Numa das reuniões da comissão de nomeações, surgiu a indicação do meu nome para diretor de educação da Divisão Sul-Americana, o qual foi votado pela Assembleia. Naquela noite, minha esposa e eu ponderamos os prós e os contras dessa indicação. Era algo que não estava em nossos planos e queríamos ter certeza de tomar a decisão que fosse segundo o plano de Deus. Como devíamos dar a resposta no dia seguinte, à noite oramos ao Senhor, para que, ao amanhecer, acordássemos com igualdade de convicções.

Ao despertarmos perguntei à minha esposa:

— Qual é a sua resposta?

— Sim — disse ela — e a sua?

— Sim — respondi.

Não foi fácil dizer sim, depois de 37 anos de estudos e trabalho no mesmo local onde sempre fomos bem acolhidos e respeitados. Ouvindo, no entanto, a voz do Senhor, nossa resposta foi afirmativa. Nunca nos arrependemos.

Dou aqui o meu testemunho de que vale a pena dar ouvidos à voz do Senhor. Os muitos anos de trabalho no IAE foram extraordinários em bênçãos e vitórias e, por outro lado, os quinze anos na Divisão foram de surpreendentes e inesquecíveis bênçãos na minha vida cristã e profissional, pois desfrutei de muitas experiências que, de outra forma, teria sido impossível.

116

Antes de concluir este capítulo, permita-me, caro leitor, contar ainda um par de experiências da viagem de regresso. Ao passar por Frankfurt, estávamos interessados em comprar algumas fitas cassetes com música folclórica alemã. Como não encontramos local para estacionar, arriscamos deixar o motorhome na rua mesmo, ficando o meu cunhado Theodomiro assentado na cabine. Não demorou muito e apareceram duas policiais, que se dirigiram a ele em alemão. Não entendendo nada do que disseram, com toda a sua calma amazonense o meu cunhado respondeu em português: “Os companheiros foram ali comprar alguma coisa e já voltam.” Um pouco mais nervosas, elas despejaram muitas outras frases em alemão. Novamente, sem se preocupar, ele respondeu: “É sim, eles foram ali e já voltam.” Sem entender coisa alguma, as duas se retiraram dizendo talvez algo como: “Com este aqui não adianta nada.”

Noutra ocasião, na cidade de Colônia, ao anoitecer, saímos à procura do camping já identificado no mapa. Mesmo com o mapa em mãos, estávamos com dificuldade de encontrá-lo. Andando vagarosamente pelas ruas procurando ler aqueles nomes quilométricos que eles têm, fomos alcançados por um carro da polícia com as suas luzes coloridas piscando. Ao ultrapassar-nos, cortou a nossa frente. Um dos guardas, com a mão de fora, fez sinal para que o seguíssimos. Estávamos certos de que estariam nos levando para algum lugar para nos

multar devido a alguma irregularidade. Depois de percorrer alguns quarteirões, novamente um dos guardas apontou com a mão, fazendo sinal para que seguissemos naquela direção. E assim o fizemos. Logo adiante, encontramos a entrada do camping procurado. Agradecidos aos guardas, louvamos a Deus, que lhes deu a imaginação da nossa necessidade.

Já retornando, viajamos até Nova York, onde nossa filha Dulce, que já havia regressado, e o genro José Carlos nos aguardavam. Neste longo dia de 29 horas, devido à diferença de fuso horário, ainda chegamos a Washington às 22h. Os poucos dias que passamos na Andrews University foram mais em função de acompanhar os filhos, porém, tivemos também a oportunidade de assistir à formatura do sobrinho Gerson, que havia concluído o mestrado em Música, e ainda o doutorado Honoris Causa conferido por essa universidade à professora Eurides Brito da Silva, deputada adventista brasileira residente em Brasília.

Viajando em primeira classe

Ao viajarmos pelo território da Divisão, as nossas viagens eram sempre longas e demoradas, durando de 15 a 40 dias. Em geral viajávamos de avião, nas viagens inter uniões, e por terra ao atendermos assuntos locais. As viagens de avião eram feitas sempre em classe econômica, porém houve quatro exceções.

A primeira ocorreu numa viagem de Lima, Peru, para o Rio de Janeiro. Em Lima, permaneci um bom tempo conversando com o departamental de educação, antes de entrar para a sala de embarque. Quando resolvi entrar, encontrei a sala de embarque praticamente lotada. Passando ao lado de uma escrivaninha, a moça da companhia aérea chamou-me para que escolhesse o meu assento:

— Tem duas opções — disse-me ela — uma entre os fumantes e outra, entre os não fumantes, sendo ambas no centro de uma fileira de assentos. Não havendo outra alternativa, optei pela poltrona entre os não fumantes. Ainda não sei como encontrei um lugar vazio no meio de tanta gente, na sala de embarque, mas assentei-me para aguardar a chamada para o embarque.

Não demorou muito quando vi que a mesma senhorita atravessou toda a sala em minha direção, solicitando-me o cartão de embarque. Imediatamente perguntei:

— O que se passou?

Ao que ela respondeu:

— Estamos lhe oferecendo um assento na classe executiva.

Após se dirigir até sua mesa, voltou com um novo cartão:

— Como cortesia da Varig, estamos lhe oferecendo um assento na primeira classe.

O que aconteceu para que ela tomasse essa decisão até hoje não sei.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Noutra ocasião, acompanhado do saudoso Dr. Victor Griffiths, do Departamento de Educação da Associação Geral, e esposa. Estávamos para iniciar uma viagem de Santiago do Chile para Lima, no Peru. Ao fazer o check-in, entreguei os nossos documentos e passagens ao balconista que nos atendia. Tomando em suas mãos todos os documentos, ordenou-me que aguardasse. Depois de vários minutos, veio um funcionário da Aero-Peru, empresa pela qual viajaríamos, e perguntou:

— É a primeira vez que vocês viajam pela Aero-Peru?

— Tenho viajado pela Aero-Peru em viagens internas — respondi —, mas em viagem internacional tanto eu como meus companheiros é a primeira vez.

— Viajam os três juntos? — perguntou ele.

— Sim — respondi.

— Aguarde um instante — falou e retirou-se. Ao voltar, entregando-me os documentos e passagens completou:

— *Aquí están las tarjetas de embarque para que viajen en primera clase como una cortesía de Aero-Peru.*

E acrescentou:

— *Tengan un buen viaje y viajen siempre con nosotros.*

Muito agradecidos embarcamos e sem dúvida, fizemos uma boa e confortável viagem.

118

Em uma outra viagem, ao sairmos de Brasília, a fizemos, como era costume na DSA, com a passagem comprada e as reservas feitas para todos os trechos. Estando em Buenos Aires e devendo prosseguir para Santiago do Chile, confirmei a reserva já feita em Brasília, pela Braniff, hoje companhia desativada. Ao apresentar-me para o check-in, no aeroporto, fui informado de que o meu nome não constava na lista de passageiros, e de que o voo estava com a sua lotação completa.

Toda a minha argumentação referente à reserva já feita em Brasília e confirmada em Buenos Aires foi inútil. Tive que entrar na lista de espera, aguardando, até a última hora, que alguém não comparecesse. No momento de fechar o voo, vendo a minha preocupação, uma das balconistas se aproximou de mim e disse:

— Senhor passageiro, o voo já foi fechado!

Antes que manifestasse o meu desapontamento, ela felizmente acrescentou:

— Mas como temos algumas vagas na primeira classe, o senhor vai viajar.

Isto me fez lembrar Romanos 8:28: “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus.”

Por último, após ter assistido às reuniões da Associação Geral, em Indianápolis, Estados Unidos, em 1990, viajamos com meu irmão Derly e sua esposa Elaine. Infelizmente, não conseguimos harmonizar a data de nosso regresso ao Brasil, consequência da grande lotação dos voos. A data para devolução do carro aluga-

do coincidia com a data de regresso do meu irmão, mas não com a nossa. Assim sendo, desembarcamos toda a bagagem no aeroporto de Miami, devolvemos o carro e ficamos inscritos nas listas de espera para São Paulo, junto com mais algumas dezenas de pessoas. Estávamos prontos para passar a noite no aeroporto, quando nos encontramos com nosso colega Nelcy Viegas, que nos convenceu a pernoitar no hotel onde estava hospedado, com o compromisso de trazer-nos de volta na manhã seguinte. Como estávamos cansados, aceitamos a sugestão.

O primeiro voo com destino ao Brasil era um voo para Belém, que deveria partir às 8h30. Sendo que as vagas para esse voo não se haviam completado, passaram a consultar os passageiros inscritos na lista de espera para São Paulo e Rio, perguntando se aceitariam viajar para Belém. Como a proposta foi praticamente rejeitada por todos os consultados, chegando a nossa vez, minha esposa e eu decidimos viajar até Belém, com a esperança de que, de lá, pudéssemos viajar mais facilmente até São Paulo e Brasília.

A partir desse ponto, fomos nos deparando com várias surpresas agradáveis. Em vez de nos chamar, a pessoa que atendia deixou o balcão e veio ao nosso encontro. Devolveram-nos com muita gentileza nossos documentos e as passagens Miami-São Paulo já desdobradas para Miami-Belém e Belém-São Paulo. A surpresa maior veio quando colocou em nossas mãos os cartões de embarque, dizendo:

— Vocês vão viajar em primeira classe como cortesia da Varig.

É desnecessário dizer que fizemos uma boa viagem no segundo andar do Boeing 707.

Chegando a Belém, telefonamos para o nosso amigo Jairo Pereira que então trabalhava na União Norte, o qual veio buscar-nos no Aeroporto. Depois de ouvir nossas aventuras, ofereceu-nos hospedagem em sua casa. Como tínhamos ainda dez dias de férias, depois de visitar nossas instituições em Belém, decidimos viajar a Brasília, desdobrando nossa passagem Belém-São Paulo em Belém-Brasília-São Paulo.

Depois de descansar dois dias em casa, usando o trecho Brasília-São Paulo, passamos a utilizar os dias restantes de férias com os filhos e netos.

Retornando a Brasília, usamos finalmente o último trecho da passagem original. Com profundo reconhecimento, agradecemos a Deus pelas oportunidades e surpresas da viagem, e ao casal Jairo e Ângela por nos hospedar inesperadamente em nossa passagem por Belém.

Dormindo no meio da floresta

Em 2 Coríntios 11:26, o apóstolo Paulo refere-se aos perigos enfrentados em suas viagens missionárias, tais como naufrágio em rios e no mar, assaltos, apedrejamento e prisões. Em minha passagem pela Divisão, com as muitas viagens que

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

tive que realizar, também passei por situações desfavoráveis; longe, contudo, de se compararem às sofridas por Paulo. Muitas, inclusive, se tornaram em privilégio. Ao narrar algumas delas, o faço com o propósito de compartilhar com você, caro leitor, a minha convicção de sentir a mão de Deus em todas elas.

O primeiro caso ocorreu em Belém, em 1978. O pastor Homero Luiz dos Reis, diretor de Educação da União Norte-Brasileira, Levi F. da Silveira, da área de colportagem, e eu deveríamos viajar para Altamira e, dali, por terra pela Transamazônica até o Iatai, onde realizaríamos o ato inaugural das primeiras instalações da nova instituição.

Ao chegar ao aeroporto às 7h da manhã, fomos informados de que nosso voo estava com uma hora de atraso. Pacientemente aguardamos. Às 8h, o Bandeirante, com capacidade para 14 passageiros, decolou sem problemas. Porém, depois de duas voltas sobrevoando Belém, nos informaram de que o avião retornaria ao aeroporto devido a problemas técnicos. O tempo que se seguiu foi de profundo silêncio dentro do avião. Certamente todos estávamos orando (ou rezando) para que tudo corresse bem. Graças a Deus, o pouso transcorreu normalmente.

Antes de reembarcar, alguém dos nossos sugeriu que suspendêssemos a viagem. Ponderamos, contudo, que estando a serviço de Deus e de sua igreja, devíamos entregar tudo nas mãos do Senhor. Ao embarcarmos novamente, foi solicitado que as pessoas mais pesadas ocupassem os primeiros assentos, o que naturalmente aumentou a preocupação dos passageiros. Mas, graças a Deus, nada de mal aconteceu.

Chegamos a Altamira na hora do almoço, após o qual rapidamente prosseguimos viagem pela estrada de terra na Transamazônica. Os 150 quilômetros foram vencidos em quatro horas cheias de poeira, buracos e pontes de madeira, cujas tábuas precisavam ser acertadas manualmente antes de os carros atravessarem. Ao chegar, percebemos o acertado da nossa decisão, pois um grande número de irmãos, visitas e autoridades, nos aguardava para a aula inaugural.

Depois dos discursos e palavras das autoridades, destacando a importância do colégio para a região, foi servido um jantar com produtos colhidos na propriedade. Eram quase 9h da noite quando terminamos a visita às primeiras instalações de madeira do colégio.

Ao nos despedirmos para retornar a Altamira, alguns nos advertiram de que estava ameaçando chuva e não seria prudente viajar nessas condições. Como tínhamos voo marcado para Manaus, na manhã seguinte, resolvemos correr o risco e sair.

Não havíamos viajado sequer um quilômetro, quando começou a chover fortemente. Antes que conseguíssemos percorrer os dois quilômetros e meio até a Transamazônica, a estrada estreita, em plena mata, já estava coberta de água. Sem conseguir divisar onde estavam os buracos, não demorou muito para que uma

das rodas ficasse presa em um buraco mais profundo. Além de nos faltar forças para tirar o carro, a chuva não parava de cair. A solução foi acomodar-nos do melhor modo possível para dormir. Os dois companheiros ficaram nos bancos da frente e eu fiquei com o banco traseiro. Com o cansaço do dia, a suave música da chuva e o cântico dos sapos, dormimos acobertados pela densa floresta.

À uma hora da manhã despertei com a conversa dos dois colegas que comentavam a possibilidade de voltarem a pé até o colégio para buscar ajuda, pois havia parado de chover.

— Será que o professor Nevil ficaria sozinho aqui? — comentou um deles.

Como eu já estava acordado, entrei na conversa, dizendo que sim. Os dois se prepararam para voltar. Tiraram os sapatos, arregaçaram as calças, tomaram uma lanterna e um facão, e se foram enfrentando a lama e a escuridão. Poucos minutos depois de saírem, a chuva voltou a cair fortemente. Prevendo que eles não voltariam tão cedo, abri levemente os vidros do carro para a entrada de um pouco de ar e acomodei-me novamente para dormir ao som da forte chuva regando a imensidão da floresta.

Às 7h da manhã, despertei com o som de muitas vozes. Ao levantar a cabeça e olhar para trás, divisei um grupo de doze pessoas. Eram meus dois companheiros de viagem e mais dez alunos que vinham para ajudar-nos. Além de cordas, traziam um bule de leite e um prato de pão para o meu desjejum. Após ter tomado com gratidão o meu café da manhã, juntei-me ao grupo até conseguir tirar o carro.

Resolvido este problema, prosseguimos com muito cuidado pela estrada escorregadia até chegar a Altamira por volta do meio-dia. Embora o nosso voo estivesse marcado para as oito da manhã, fomos direto ao aeroporto, que era apenas uma pista asfaltada e uma pequena casa de capim para a recepção e entrega de bagagem. Perguntando pelo nosso voo, alguém que ali estava disse:

— O avião não veio; agora, só amanhã; ficou em Belém para reparos.

Voltamos ao hotel onde estava nossa bagagem para aguardar até a manhã seguinte. Nesse dia o avião chegou no horário. Era o mesmo que nos trouxe de Belém! Havíamos planejado viajar para Santarém e, no dia seguinte, para Manaus, porém não havia outro voo para Manaus. Tentamos viajar no mesmo “pinga-pinga”, mas não foi possível, porque a partir de Santarém o avião estava lotado. Tivemos de esperar mais um dia. Não havendo novamente nenhum voo para Manaus nesse dia, fomos obrigados a marcar para o primeiro voo dos dois que havia no dia seguinte. Estando já no aeroporto, observamos que o primeiro voo estava atrasado. Procurando viajar no outro que chegou primeiro, verificamos que estava lotado. Assim sendo, atrasamos mais um pouco.

Finalmente, chegamos a Manaus com dois dias de atraso em relação ao programado, mas felizes, porque em tudo fomos guardados pelo Senhor.

Viagens com surpresas

Numa de minhas visitas à União Incaica, a cidade de Lima estava sob o “toque de recolher”, em virtude das frequentes ações terroristas do famoso “Sendero Luminoso”. Como eu devia viajar para o Rio de Janeiro, de volta ao Brasil, num avião que partia depois da meia-noite, o departamental de Educação da União levou-me mais cedo ao aeroporto. Devido às condições, ali só entravam os que tivessem bilhete de viagem. De fora, o meu anfitrião certificou-se apenas de que eu havia encontrado o local certo para o check-in e foi embora.

Ao entrar na fila de atendimento, notei que a mesma era pequena, porém não avançava. Sendo que cada vez mais a hora da viagem aproximava-se e ninguém era atendido, um passageiro interpelou a um funcionário da empresa. Sem muita cerimônia o funcionário respondeu:

— Houve uma sobrevida de passagens e não temos mais vagas.

Antes disso, todos havíamos observado que, atrás do balcão, um funcionário andava de um lado para outro carregando uma pilha de passaportes que seguramente pertenciam a um grupo de turistas, razão pela qual a fila estava reduzida. Diante desse fato, solicitamos uma entrevista com o gerente do aeroporto da companhia aérea.

Fomos atendidos, mas a resposta foi a mesma, com o acréscimo de que, por ordem do presidente da Nação, tiveram que retirar do avião três estudantes para dar lugar a três agentes da ONU, que impreterivelmente teriam que viajar. Mencionei o fato de que eu tinha compromissos de trabalho e um voo de conexão para Salvador na manhã seguinte, porém não adiantou. Em troca, ofereceu-se apenas enviar-me para um hotel cinco estrelas para aguardar um novo voo que sairia dois dias depois. Rejeitei a proposta. Ofereceu-me, então, um voo para Santiago do Chile, prosseguindo dali para o Rio de Janeiro no dia seguinte. Também não aceitei.

Olhando, contudo, aos horários de outros voos, notei que um avião de uma empresa americana, que chegaria às quatro e meia da manhã, seguiria para Buenos Aires. Apelei para essa solução, com a possibilidade de viajar de lá para o Rio pela Aerolíneas Argentinas, o que deu certo.

Felizmente, ao chegar a Buenos Aires fui recepcionado por um funcionário da Varig que providenciou a conexão para o Rio. Enquanto aguardava o embarque, liguei para minha esposa em Brasília, e ela por sua vez, entrou em contato com a União Este Brasileira comunicando os atrasos ocorridos.

Devendo chegar ao Rio às 6h da manhã, acabei chegando às sete da noite, e em vez de chegar a Salvador às dez da manhã, cheguei às onze e trinta da noite. Lá felizmente, me aguardava o pastor Floriano Xavier dos Santos, presidente da UEB (União Este Brasileira) naquela época.

Greve de aeroviáveis

Numa outra viagem, voltando da União Incaica, deveria realizar um casamento em Curitiba; antes, porém, devia passar por Brasília. A maneira mais curta de realizar a viagem era ir de Lima a La Paz, pela Companhia Loyd Aéreo Boliviano, e, no dia seguinte, tomar um avião da mesma companhia para São Paulo. Enquanto viajava para La Paz, tive a ideia de, ao chegar a Lima, tomar outro voo para Santa Cruz de La Sierra e assim evitar passar a noite numa altitude de quase 4.000 metros, uma vez que Santa Cruz está só a quase 600 metros de altitude. No dia seguinte, continuaria para São Paulo no voo já programado, procedente de La Paz.

Ao fazer a transferência de voo em La Paz, me informaram que aquele seria o último voo da companhia, visto que a mesma entraria em greve. Perguntei, então, o que aconteceria com os voos internacionais, e me disseram que estes não seriam afetados. Ao desembarcar em Santa Cruz, os altofalantes estavam avisando que a partir daquele momento, todos os voos, inclusive os internacionais, estavam cancelados devido à greve.

Naquela noite, fui dormir pensando em algumas alternativas que poderiam me fazer chegar a tempo para cumprir os meus compromissos no Brasil. Pela manhã telefonei à nossa Missão buscando conselho e ajuda. Gentilmente, o pastor Manoel Egas, tesoureiro da Missão e ex-aluno do IAE, veio me apanhar no hotel para buscarmos alguma solução que me permitisse chegar pelo menos a São Paulo, e daí ir até Curitiba sem ir à Brasília.

A primeira alternativa era conseguir uma vaga pela Cruzeiro do Sul, cujo voo seria para o dia seguinte, mas o voo estava lotado. Procuramos, então, o trem para Corumbá, mas não havia mais passagem. Mesmo assim, me aconselharam a não confiar nessa solução, porque a viagem de trem era muito precária. Fomos, então, à Cruzeiro, procurando pela lista de espera. Informaram-me, então, que deveria ir ao aeroporto bem cedo, no dia seguinte, a fim de inscrever-me na lista de espera.

Às 7h da manhã, o pastor Egas e eu lá estávamos. Consegui o quarto lugar na fila. A pessoa que estava justamente na minha frente pediu lugar para mais 19 colegas. Eram todos empregados de uma empresa brasileira, que prestavam serviços na Bolívia. Com isso, o meu lugar na fila passou de quarto a vigésimo terceiro. A situação era para desanimar, então o pastor Egas perguntou-me:

— O senhor quer voltar ao aeroporto na hora do avião sair, assim mesmo?

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

— Sim — respondi — pedi a Deus que abrisse alguma possibilidade e esta não está esgotada ainda.

Faltando uma hora para a chegada do avião procedente de La Paz, eu estava já no balcão observando todos os movimentos. Perguntei a um funcionário:

— Vocês já têm alguma informação sobre a possibilidade de vagas?

— Sim, há alguma — respondeu ele.

— Mas só depois que o avião chegar é que vamos saber ao certo quantas serão — continuou ele.

De fato, na chegada do avião verificou-se que havia vagas, mas não as suficientes para atender os 20 passageiros da companhia brasileira. Sendo que eles não podiam viajar separados, acabei passando do vigésimo terceiro lugar na lista para o terceiro, o que me garantiu o lugar.

Ao apresentar o meu bilhete, que era da Lloyd Aéreo Boliviano, falaram que o bilhete devia vir endossado. Eu havia sido informado de que, devido à greve, a aceitação do bilhete seria automática, mas não era assim. Saí à procura de algum funcionário da LAB que, quando verificou o bilhete, respondeu:

— Seu bilhete é intransferível por ter sido um bilhete promocional!

Os passageiros já tinham entrado e eu continuava buscando uma solução. Pensei em comprar a passagem, porém verifiquei que o dinheiro que me restava era insuficiente. Nesse instante, o pastor Egas lembrou-se de haver visto no aeroporto o proprietário da agência de viagens que servia à Missão. Buscou por ele até encontrá-lo, e contou-lhe o meu problema.

— Não tenho bilhetes comigo para emitir — disse ele — Mas vou falar com os funcionários a respeito.

Em segundos resolveram me aceitar sem passagem e, no dia seguinte, o dono da agência lhes traria o bilhete. O pastor Egas pagaria a passagem e enviaria o débito à Divisão. Por sua vez, a Divisão requeria da LAB a devolução da importância referente ao bilhete não utilizado. Assim sendo, viajei de avião, mais uma vez, sem passagem.

Agradecido a Deus por suas providências, cheguei a tempo a São Paulo, onde me encontrei com minha esposa, que tinha vindo de carro de Brasília, e ambos seguimos para Curitiba, chegando ainda a tempo para realizar o casamento.

Sem conseguir levantar voo

Em outra oportunidade, estive envolvido novamente com um voo para Altamira. Dessa vez era um Hirondele, avião francês, com capacidade para 40 passageiros. Ao chegar à cabeceira da pista, os motores do avião foram acionados ao máximo para a decolagem. Até aí, tudo bem. No entanto, quando o avião chegou à metade da pista, os motores foram desativados e os freios acionados. Enquanto

o avião retornava devagar, todos pensávamos que fosse anunciado que o avião precisaria passar por um algum reparo ou algo assim, mas isso não aconteceu. O avião voltou à cabeceira da pista e repetiu o mesmo processo. Motores acelerados, partida violenta, alta velocidade e, de repente, motores desativados, freios acionados e o avião parado outra vez. Por incrível que pareça, diante da expectativa de todos os passageiros, o avião voltou à cabeceira da pista e preparou-se para a terceira tentativa. Ansiosos, porém silentes, todos aceitaram sem protestos a terceira tentativa que resultou em sucesso para uma viagem tranquila.

Ao chegar a Altamira, fiquei surpreso, dessa vez com um aeroporto novinho em folha, em substituição àquele de uma pista e uma casa coberta de capim. Depois de avaliar a escola adventista local e de viajar até o Iatai com a mesma finalidade, voltei ao aeroporto a fim de regressar para Belém. Quando o avião no qual viajaria aterrissou e a tripulação desceu, percebi que o piloto era um adventista que trabalhava para a Taba (Transportes Aéreos da Bacia Amazônica). Na hora do embarque ele me acompanhou até a entrada do avião e me convidou para ir até a cabine de controle depois que o avião alcançasse a velocidade de cruzeiro.

Aceitei o convite. Nossa conversa se transformou numa verdadeira aula sobre os procedimentos de voo. Ao voltar para o meu assento, novamente me convidou:

— Quando perceber que estamos sobrevoando Belém, venha para observar os procedimentos de aterrissagem.

Foi muito interessante verificar como o avião, que sobrevoava uma grossa nuvem que causava forte chuva sobre a cidade, atravessou-a e depois se colocou na direção exata da pista iluminada lá embaixo. Nesse momento, o piloto me disse:

— Agora eu vou acionar uma alavanca que dará ao avião a inclinação necessária para chegar ao ponto certo da pista. Quando isto acontecer, observe que duas luzes vão se acender a cada lado da pista. Isto realmente aconteceu e a aeronave desceu com segurança. Mais uma vez elevei meu pensamento a Deus em agradecimento pela bênção da sua proteção.

Voltando ao aeroporto novamente

Estando em companhia do Dr. Segovia, um dos diretores do Departamento de Educação da Associação Geral, depois de realizarmos nosso trabalho nas Uniãoes Chilena e Austral, devíamos viajar de Buenos Aires até São Paulo. Viajaríamos pela “Aerolíneas Argentinas” num voo com escala em Foz do Iguaçu. A minha passagem era em voo direto; porém, a do Dr. Segovia, estava marcada até Foz, prosseguindo para São Paulo num outro voo pouco mais tarde. Dessa forma ele poderia conhecer as Cataratas do Iguaçu sem custos adicionais e sem prejuízo do trabalho. De Buenos Aires telefonei para o pastor distrital em Foz e

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

fiz os arranjos para que ele o aguardasse no aeroporto, o levasse às Cataratas e o trouxesse de volta a fim de embarcar.

Nosso voo partiu de Buenos Aires sem contratemplos e prosseguia de uma forma tranquila. De repente, veio o anúncio:

—Devido a um problema técnico estamos voltando a Buenos Aires. Por favor, aguardem orientações quanto ao prosseguimento da viagem.

Com o silêncio absoluto dos passageiros corroborado com o silêncio dos motores, o avião foi baixando, baixando, até pousar tranquilamente no Aeroparque, um aeroporto em Buenos Aires semelhante ao de Congonhas em São Paulo.

Da sala de espera observávamos os mecânicos trabalhando junto a uma das turbinas do avião. Não soubemos qual era o problema, mas dentro de aproximadamente uma hora, o voo foi reiniciado. Em Foz de Iguaçu o pastor estava ainda aguardando o Dr. Segovia que, rapidamente, pôde fazer a visita às Cataratas e prosseguir no voo seguinte para São Paulo, onde nos reencontramos. Ambos agradecemos a Deus por nos haver guardado durante os momentos aflitivos da viagem.

Numa outra ocasião, devíamos viajar com o pastor Osmundo dos Santos pela antiga Cruzeiro do Sul, de Belém até a cidade de Manaus. Logo após a decolagem, ouvimos o aviso:

— Por motivos técnicos estamos voltando a Belém!

126

Felizmente o retorno ocorreu sem problemas, mas o pastor Osmundo sugeriu voltar para casa e assim o fizemos. Aguardamos um voo da Varig até Manaus, que sairia no período da tarde, no qual prosseguimos sem contratemplos.

Punta Arenas, a cidade mais austral do mundo

A visita ocorreu numa viagem pelas uniões Chilena e Austral. Punta Arenas é a cidade mais austral do mundo, localizada no extremo sul da América do Sul, próxima à extremidade oeste do Estreito de Magalhães, que liga o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico. O departamental de educação da União Chilena acompanhou-me até Valdivia (Chile). De lá até Punta Arenas não havia escolas para visitar, portanto continuei sozinho, de avião, desfrutando de paisagens deslumbrantes, de montanhas cobertas de neve e formosos lagos refletindo o azul celeste.

Chegando a Punta Arenas fui recebido pelo pastor local que no percurso até o hotel foi me mostrando alguns monumentos importantes da histórica cidade. Como ao findar-se o dia o frio aumentava, fiquei no hotel com o compromisso de nos encontrarmos na manhã seguinte. Ao se despedir, o pastor avisou-me que me apanharia às 10h para visitarmos nossa escola. Como me pareceu muito tarde, perguntei se não poderia ser mais cedo. Ele concordou, porém, na manhã seguinte, descobri o porquê de ele ter marcado para mais tarde. Às 9h, ainda estava escuro e o frio era intenso.

Dirigimo-nos à escola onde os professores deram aos alunos um recreio prolongado para que tivéssemos uma reunião. Foi interessante observar pela janela da sala onde estávamos, a alegria e vivacidade dos alunos que se divertiam deslizando sobre as placas de gelo formadas durante a noite no pátio da escola.

Após a reunião com os professores e uma visita às instalações da escola, almoçamos, apanhei minha mala no hotel e fui para a rodoviária local. A viagem de ônibus, de poucas horas, até Rio Gallegos na Argentina, foi por uma estrada que acompanha o Estreito de Magalhães. Cheguei ao destino ao entardecer e procurei rapidamente um hotel, pois o frio já se fazia sentir. Ali eu devia apenas pernoitar, pois, no dia seguinte, tomaria um avião até Comodoro Rivadavia, onde deveria me encontrar com representantes da União Austral, onde teríamos uma reunião com professores das escolas adventistas da região, em nosso colégio secundário da cidade de Caleta Olivia. Antes de dirigir-me ao aeroporto, porém, tentei dar algumas voltas a pé pela cidade para conhecê-la um pouco, mas ao realizar essa façanha, várias vezes tive que refugiar-me em alguma loja para proteger-me contra o frio.

Aproximando-se a hora do embarque, segui para o aeroporto e logo que decolamos o comandante do avião anunciou que estava nevando em Comodoro Rivadavia. Ao chegar, embora os campos estivessem cobertos de neve, não tivemos inconvenientes para aterrissar. No aeroporto deveria me encontrar com outros companheiros de trabalho que viriam de Kombi, de Buenos Aires, e que deveriam estar ali me aguardando. Procurei por todos os lados e não divisei nenhum conhecido entre os poucos que ali estavam.

Pensei rapidamente sobre o que fazer para não acabar ficando ali sozinho, naquele frio. Imediatamente tomei um guia telefônico, procurei o número da igreja e chamei ao pastor. Pelo visto ele não se sentiu encorajado a enfrentar os inconvenientes da neve que havia caído, pois me deu o seu endereço e recomendou-me que tomasse um táxi até sua casa. E assim o fiz. Contudo, devido à grande quantidade de neve caída, o taxista não conseguiu chegar até a casa do pastor. Felizmente, ele teve a gentileza de carregar minha mala enquanto eu o acompanhava carregando a minha pasta e tentando me equilibrar sobre as placas de gelo formadas na rua.

Tanto eu como o pastor ficamos preocupados por não saber nada dos outros viajantes. Depois de discutirmos algumas alternativas diante do inesperado, decidimos aguardar um pouco. Tinha-se passado uma hora mais ou menos quando a campainha tocou. Eram os esperados companheiros que, tendo sido impedidos de seguir para o aeroporto porque a estrada estava interdita devido à neve, tinham resolvido ir à casa do pastor em busca de alguma notícia a meu respeito. Verificamos assim que, na falta de celulares,

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

que ainda não existiam, o Espírito Santo achava-se sempre pronto a dirigir os nossos pensamentos para superarmos os obstáculos que surgiam.

Poucos minutos depois, todos juntos iniciamos a viagem em direção a Caleta Olívía onde foi realizado o encontro programado. Foi interessante observar o ânimo e o espírito missionário revelado pelos nossos professores, dispostos a trabalhar numa região tão difícil, distante, e de clima tão frio.

Terminado o encontro, nossa viagem prosseguiu rumo ao norte, enfrentando ainda muitos quilômetros de estrada coberta de gelo até Bahia Blanca onde realizamos a avaliação do colégio adventista local, e continuamos até Buenos Aires, terminamos o nosso percurso de cerca de 2.000 quilômetros, em Kombi. Com gratidão a Deus pelas alegrias do trabalho e por sua proteção na viagem, voltei aos escritórios da Divisão, em Brasília.

Onde está minha “capanga”?

Durante boa parte do tempo em que trabalhei na Divisão usei aquele tipo de pasta de mão de forma retangular, muito utilizada na época pela facilidade em acomodar livros e papéis. Além dessa pasta de mão, costumava ter comigo uma carteira conhecida em certos lugares do Brasil como “capanga”. Nela guardava minha carteira de identidade, passaporte, CPF, carteira de motorista, passagens aéreas, dinheiro etc. Ao viajar, tinha por costume colocar a capanga sobre os livros no interior da pasta de mão.

Numa de minhas viagens com o Dr. Griffiths, da Associação Geral, após o término de um encontro com diretores de colégios, realizado no Colégio Adventista Del Plata, o diretor de educação da União Austral levou-nos até ao Aeroparque. Como o Dr. Griffiths viajava acompanhado da esposa, escolhemos um voo diurno para Santiago do Chile, a fim de que pudéssemos desfrutar da espetacular paisagem oferecida pela Cordilheira dos Andes coberta de neve.

Fizemos o check-in, entramos na sala de embarque e logo partimos. Cerca de vinte minutos após a decolagem, senti uma forte impressão que deveria abrir a minha pasta. Ao fazê-lo, levei um choque: a minha capanga não estava no lugar costumeiro. Verifiquei no assento, nada; na porta volumes acima, e nada. Onde estaria? Estaria perdida ou teria sido roubada?

O primeiro pensamento que veio à minha mente levou-me às consequências dessa situação. Depois da escala em Córdoba, devíamos passar pela polícia Argentina em Mendoza. Sem documentos não poderia sair da Argentina, e, muito menos, ingressar no Chile. O que fazer com o compromisso de iniciar no Chile um encontro de diretores de colégios de toda a União? Mentalmente elevei a Deus uma prece pedindo sua providência mais uma vez.

Depois de me acalmar, toquei o botão chamando uma comissária de bordo. Expliquei-lhe o que havia acontecido e solicitei-lhe que, por favor, se comunicasse pelo rádio com o aeroporto de Buenos Aires, perguntando se não havia sido encontrada uma carteira no balcão do check-in, ou, quem sabe, no balcão onde havia pagado a taxa de embarque. Gentilmente ela fez o solicitado e, dentro de uns 15 minutos, voltou com a informação de que nada havia sido encontrado. Perguntei-lhe, então, o que deveria fazer nesse caso, ao que ela respondeu:

— Dentro de alguns minutos estaremos pousando em Córdoba. O comandante da aeronave estará na porta do avião para atendê-lo.

Mais uma vez elevei ao céu uma prece pedindo que o comandante me fornecesse uma orientação segura sobre o que fazer. Demais seria dizer que fui um dos primeiros a chegar à porta. O comandante foi logo dizendo:

— O senhor não tem tempo a perder. Dentro de dez minutos estará saindo um voo para Buenos Aires e a solução é voltar. Chegando lá, no mesmo aeroporto, o senhor deve registrar na Polícia a perda ou roubo e, então, procurar o consulado do seu país para solicitar novos documentos.

— Não tenho passagem para voltar e nem dinheiro para pagar uma nova passagem, disse eu.

— Eu o levarei diretamente ao avião que está por partir. Não se preocupe, disse ele.

A seguir, ele pediu-me o comprovante da minha bagagem. Como eu havia despachado a minha mala junto com as do Dr. Griffiths e esposa, tive que ir até o porão do avião para reconhecer a minha mala. Felizmente, ela estava logo na entrada. Voltei ainda para entregar ao Dr. Griffiths os tickets de sua bagagem e contar-lhe rapidamente que estava regressando a Buenos Aires. Pedi-lhe também que iniciasse o encontro de diretores, mesmo que eu não chegasse a tempo e, ao despedir-me, ainda pedi-lhe alguns dólares emprestados para poder me locomover em Buenos Aires.

Imediatamente fui conduzido pelo comandante ao outro avião que estava justamente ao lado. Após as apresentações, agradei-lhe pela sua atenção e entrei no avião. Encontrei um lugar numa das últimas fileiras. Poucos minutos depois, o avião iniciou a decolagem.

Tendo agradecido a Deus pelas providências até o momento, expressei-lhe a minha confiança de que tudo haveria de dar certo. Reclinei, então, a minha poltrona e cai num profundo sono até o momento em que foi anunciada a chegada a Buenos Aires.

Após apanhar a mala veio a via “crucis”: balcão do check-in, balcão do caixa, bomboniere onde foram gastos os últimos pesos argentinos. Nada de aparecer mi-

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

nha capanga. Atravessei todo o aeroporto carregando minha bagagem até chegar ao Posto Policial. O policial parecia estar à espera para atender-me. Quando estava começando a contar minha história, entrou uma policial feminina que ficou em pé ouvindo. Ao terminar o meu relato, o policial voltou-se para sua colega e perguntou:

— Você ouviu todo o relato desse senhor?

Em vez de responder, ela olhando para mim, perguntou:

— Qual é o seu nome?

Ao pronunciar o meu nome completo, ela afirmou:

— A sua carteira está conosco.

Era quase inacreditável que a resposta às minhas orações viesse tão depressa. Após algumas perguntas sobre o conteúdo da carteira, que confirmavam que eu era realmente o dono, pediram-me que aguardasse alguns minutos até que alguém do “Delta” a trouxesse até o posto policial. Delta era o nome dado ao aparelho de raios X por onde passam os volumes de mão, e onde a carteira foi encontrada.

Antes de retirar-me, fizeram-me assinar um documento comprovando o recebimento integral do objeto perdido. Imensamente agradecido a Deus, prossegui para a segunda etapa do episódio. Devia tentar chegar ao colégio em Chillán, para o início da programação no dia seguinte.

130 Procurei um voo para Santiago no próprio Aeroparque. Verifiquei que haveria um avião só na tarde do dia seguinte. Resolvi, então, tomar um táxi e voltar ao hotel de onde havia saído de manhã. Deixei a mala na recepção e saí à procura de uma agência de viagens. Quase no horário de fechar, encontrei uma que me informou de um voo vindo da Europa, com escala em Buenos Aires e com destino a Santiago do Chile, na manhã seguinte. Não havendo tempo hábil para consultas sobre vagas, me recomendaram que fosse bem cedo diretamente ao aeroporto.

Confiando em que conseguiria uma vaga nesse voo, telefonei para Santiago informando da minha chegada. Solicitei que alguém fosse me buscar, e também que avisassem o Dr. Griffiths a respeito da solução do problema.

Cansado pelas peripécias do dia, mas muito agradecido a Deus pela sua mão guiadora, dormi tranquilo, sabendo que contaria com a sua direção no dia seguinte. De manhã, acordei na hora certa para chegar ao aeroporto de Ezeiza, que fica a 40 quilômetros de Buenos Aires. Consegui uma vaga no avião e às 10h30 estava chegando a Santiago do Chile. Ali fui recepcionado pelo saudoso pastor Amasías Justiniano, que na época era o evangelista da União Chilena.

O pastor Justiniano me levou para almoçar, mas antes, tomou as providências para que alguém do Colégio em Chillán estivesse à minha espera, quando chegasse à estação do trem. Cheguei ao CACH apenas duas horas depois do Dr. Griffiths que, em companhia de diretor de educação da União Chilena, viajara de

Kombi de Santiago. Com a ajuda divina, às 20h, conforme previsto, iniciamos o encontro de diretores e professores.

Sempre tenho afirmado que uma das maravilhas no trabalho do Senhor é, em primeiro lugar, contar com a sua ajuda e proteção em todas as circunstâncias, como também poder contar com a colaboração e apoio de outros fiéis obreiros do Senhor. É verdade que enquanto estivermos neste mundo estaremos sujeitos às inconveniências que nos atingem; porém, podemos sempre recorrer à ajuda divina para enfrentá-las.

Regressando, finalmente, a Brasília, informei o fato ao seguro de viagem, e fui ressarcido do custo da passagem extra de Buenos Aires para Santiago. Poderia ser mais abençoado?

Minha carteira sumiu!

Após a conclusão de um encontro de preceptores e professores de educação Religiosa de todos os colégios adventistas da Divisão Sul-Americana, no Instituto Adventista Paranaense, dirigi-me à cidade de Londrina onde tomei um avião para São Paulo. Como tinha algumas horas disponíveis antes de viajar para Brasília, decidi fazer uma rápida visita a meus dois filhos que ali residiam. Para certificar-me de que estavam em casa, procurei um telefone público.

Quando encontrei o “orelhão”, encostei o carrinho com a mala e a pasta de mão bem junto a mim. Abri a pasta, peguei a agendinha de endereços e telefones e fechei-a novamente. No momento em que comecei a discagem, chegou ao telefone ao lado um desconhecido que, em inglês, começou a fazer-me perguntas sobre como proceder para telefonar. Não foi difícil entendê-lo porque o seu inglês era tão ruim quanto o meu. Tratei de ajudá-lo explicando que primeiro teria que adquirir fichas telefônicas. Enquanto ele agradecia, eu ainda procurei mostrar o lugar onde poderia comprar as tais fichas.

Notei, nesse momento, que o meu interlocutor já estava se afastando acompanhado de outra pessoa. Em seguida procurei completar as minhas ligações, porém, sem sucesso. Ao abrir a pasta para guardar a caderneta, veio a surpresa: minha carteira não estava! A conclusão imediata foi que aquele indivíduo era um amigo do alheio que, enquanto me pedia informações, distraiu-me para que seu parceiro tivesse tempo de roubar a carteira e sair tranquilamente.

O primeiro ato em que pensei foi sair pelo aeroporto (de Congonhas) à procura deles, mas concluí que com carrinho e malas, num vai-e-vem de pessoas, seria inútil. Andei meio desorientado não mais do que uns 50 metros, quando vi bem à minha frente, um Posto Policial. Sem pensar muito, entrei e contei o fato. O policial me contou que esse “modus operandis” era muito comum no

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

aeroporto. Mostrou-me algumas dezenas de fotos, mas não pude identificar nenhuma delas como sendo do indivíduo que procurei ajudar.

Quando solicitaram o meu nome e endereço, com um sorriso perguntei:

— Será que adianta alguma coisa?

— Bem, respondeu o policial, será uma forma de entrarmos em contato com o senhor.

Agradei e saí, pensando no que fazer a seguir. Visitar os filhos? Não estavam em casa e já nem tinha tempo suficiente para fazê-lo. Voltar para Brasília? A passagem com a reserva estava na carteira! Felizmente, desta vez, a carteira de dinheiro estava no bolso do paletó, porém não tinha suficiente para pagar uma passagem aérea. Talão de cheques? Também estava na carteira. Cartão de crédito? Ainda não era de uso comum.

Orando sempre para que Deus me dirigisse em tudo, tive a intuição de ir ao balcão da companhia aérea para ver se poderiam me dar alguma solução. Quando informei à moça que pertencia à Organização Adventista sendo que esta adquiria as suas passagens através da agência Fly Tour em São Paulo, ela gentilmente perguntou:

— O senhor conhece alguém lá?

Como conhecia apenas uma japonesa que ali trabalhava, mencionei o seu nome. A balconista procurou o telefone da Fly Tour e ela mesma conversou com a japonesa, que autorizou a emissão de outro bilhete.

132

Com meu novo bilhete em mãos, e com o coração agradecido pelas pessoas atenciosas encontradas pelo caminho, em compensação àquelas que o inimigo arrumou para me atrapalhar, segui para o aeroporto de Guarulhos e, antes de anoitecer, estava em casa seguro em companhia de minha esposa.

Esta história que nos mostra o quanto Deus é bom não termina aí. Três dias depois, estando no escritório em Brasília, o telefone tocou.

— É uma ligação da Polícia de São Paulo para o senhor, disse a telefonista. Da Polícia? O que será? Pensei.

Depois de certificar-se de que quem estava na linha era eu, do outro lado a pessoa falou:

— Falo do Posto Policial do Aeroporto de Congonhas em São Paulo. Comunico-lhe que a sua carteira foi encontrada e pode comparecer aqui para retirá-la.

Sem poder acreditar no que estava ouvindo, lhe perguntei como havia acontecido isso. Ele me esclareceu:

— Um gari da prefeitura, ao recolher o lixo de um tambor do outro lado da rua do aeroporto, encontrou sua carteira na lata de lixo. Examinando-a, verificou que os documentos e passagens eram importantes e que, por certo, o seu proprietário deveria estar procurando. Foi até o Posto Policial do aeroporto e entregou-a.

Como não seria tão simples sair de Brasília para São Paulo, pedi que a entregassem à pessoa que se apresentasse em nome da União Sul-Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Naquele tempo, a União Sul ainda não estava dividida. Telefonei para o escritório da União solicitando esse favor, e pedi que me enviassem a carteira pelo malote semanal.

Ao receber a carteira, poucos dias depois, constatei que estavam todos os documentos. Não encontrando dinheiro que era o que mais desejavam, os ladrões ficaram apenas com uma pequena calculadora de bolso e jogaram a carteira no lixo. Não podendo agradecer ao fiel gari pelo louvável gesto como desejaria fazê-lo, agradei a Deus mais uma vez por pertencer ao seu povo. Agradei pela sua proteção e guia, e também pela existência de pessoas como aquele homem, que na sua simplicidade, revelou princípios que provêm da graça divina.

Na selva em Rondônia

Em viagem pela União Norte-Brasileira, tive de ir à recém-organizada Missão Amazônia Ocidental (MAO), com sede em Porto Velho. O objetivo era visitar um terreno de 3.000 hectares, que estava sendo oferecido à Missão para construir um colégio com internato. Cheguei a Porto Velho à tarde e fui até o escritório da Missão. Ali me informaram dos planos de viagem. Naquela noite, deveria tomar um ônibus leito para Ouro Preto, acompanhado pelo pastor Arovel Moura, diretor de educação da União Norte Brasileira (UNB) e do pastor Sandoval Linhares, patrimonial da Missão Amazônia Ocidental (MAO), a fim de chegarmos na manhã do dia seguinte ao local desejado.

Ao chegarmos a Ouro Preto lá pelas seis da manhã, nos aguardavam o presidente da Missão, Pastor Aníbal Pittau, o presidente da UNB, pastor Alberto Ribeiro, e um irmão da igreja local que nos levaria de caminhonete até Mirante da Serra, por uma estrada que estava em fase recente de abertura, na direção da Bolívia. Tomamos um ligeiro lanche que eles haviam providenciado, e partimos. A viagem não foi muito fácil. Havia árvores derrubadas por todos os lados, alguns tratores escavando e arrancando troncos, e outros aplainando a terra.

Pelas de 10h da manhã, nosso guia informou:

— Estamos chegando ao local em que teremos que deixar a nossa caminhonete e, através de uma picada, avançar uns sete quilômetros a pé.

Sem muitos comentários, iniciamos a caminhada tropeçando em tocos de pequenas árvores, saltando por troncos de algumas maiores, parando para apreciar a altura imensa de outras, admirando o voo ruidoso de araras coloridas entre os ramos e até procurando localizar macacos que pulavam entre árvores da espessa vegetação.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Haviam nos informado que deveríamos chegar a um local onde estavam alojados dois jovens que haviam concluído o curso Técnico Agrícola no Instituto Adventista Agro-Industrial, nosso colégio em Manaus. Eles haviam sido enviados para abrir uma clareira na mata e tomarem posse da propriedade. O andar entre tocos, galhos e buracos era tão lento que dava a impressão de que não chegaríamos nunca. Finalmente, encontramos a tal clareira e, perto dela, um casebre de pau-a-pique onde residiam os dois pioneiros aventureiros.

Eles estavam justamente preparando o seu almoço. Prevendo que os dois não estariam preparados para receber cinco visitantes, o pastor Alberto tinha trazido duas latinhas de proteína vegetal e alguns biscoitos salgados que, acrescentados ao arroz e feijão que eles tinham, e mais a salada de palmito colhido na hora pelo pastor Arovel, foi o suficiente para o nosso almoço. O problema da falta de pratos foi solucionado com as tampas das panelas, e todos pudemos almoçar.

Depois de examinar os arredores, reconhecemos que a terra era apropriada para a construção de uma escola de profetas, embora estivesse ainda num local totalmente despovoado e distante. Confiando no desenvolvimento futuro da região, recomendamos a aceitação das terras. Embora muitas lutas tenham sido enfrentadas, após ter recebido ajuda de Organizações Internacionais, ali funciona agora um colégio com o nome de Colégio Adventista da Amazônia Ocidental, com 224 alunos, que serve aos jovens adventistas daquela próspera Missão, hoje Associação.

O retorno daquele local trouxe-nos ainda algumas surpresas. Depois de acharmos uma picada que, pensamos, nos levaria de volta, andamos por ela alguns minutos e logo se acabou. Voltamos ao ponto de partida, procuramos novamente a picada e, felizmente, desta vez deu certo. Tínhamos andado uns dois quilômetros, quando o céu começou a escurecer e não pudemos nos livrar de uma chuva torrencial. Só as árvores não ofereciam abrigo suficiente. Já anoitecia quando chegamos ao local onde havíamos deixado a caminhonete. Estávamos todos encharcados. Mas rumamos para Ouro Preto, assim como estávamos.

Como o plano era ir e voltar em seguida, Arovel e eu tínhamos viajado só com a roupa do corpo. Eu tinha levado apenas uma camisa na pasta. Fomos até o hotel onde haviam pernoitado os pastores Alberto e Aníbal e eles nos emprestaram roupas. Consegui entrar numa calça do pastor Pittau, e o Arovel, numa do pastor Alberto. Com meias também emprestadas, remediamos a situação e ainda conseguimos tomar o ônibus noturno para Porto Velho. Após devolver as roupas emprestadas, cada qual continuou cumprindo o seu respectivo itinerário.

Com o sentimento do dever cumprido, hoje contemplamos a realidade daquilo que se assemelhava a um sonho para alguns e algo impossível para outros.

Humanamente, a ideia de construir um colégio no meio da selva era quase uma loucura. Mas Deus o quis assim!

Em terras incaicas

Depois de cumprir meu itinerário na Bolívia, iniciei uma visita ao Peru. O presidente da Missão Boliviana Ocidental, com sede em La Paz, telefonou ao seu colega da Missão do Lago Titicaca, para que alguém me encontrasse em Desaguadero, divisa entre os dois países, até onde ele me levaria de carro. A distância não era longa, talvez 200 quilômetros, mas na época, a estrada não era asfaltada e os meios de condução eram muito precários. Enfim chegamos a Desaguadero por volta do meio-dia, porém, as polícias de ambas as fronteiras fechavam para o almoço, o que me obrigou a esperar um bom tempo. Já com meu novo motorista, rumamos para a cidade de Puno, às margens do Lago Titicaca onde me esperavam para almoçar, embora tivesse chegado às 4h da tarde.

Como não me sentia bem, devido à poeira da estrada, pedi para tomar um banho rápido. E foi rápido mesmo. A água proveniente de um cano, que cumpria a função de chuveiro, estava próxima a 4°C! Com o banho me senti mais disposto e consegui comer alguma coisa, antes de continuar até Juliaca, onde o presidente do Campo me esperava. De lá viajamos até uma localidade chamada San Juan del Oro, onde os professores de duas escolas nos aguardavam, para receberem orientações pedagógicas e administrativas na sexta-feira. No sábado, realizaríamos uma santa ceia e, à tarde continuaríamos com as reuniões.

135

Sáimos de Juliaca na quinta-feira às 19h, viajando num “Fusquinha”, o presidente e o tesoureiro da Missão, o gerente do nosso hospital de Juliaca e eu. Como me disseram que a viagem seria de 300 quilômetros, pensei que, lá pela meia-noite, no máximo, chegaríamos ao local. Seria tempo suficiente para descansar e podermos iniciar as reuniões às sete e meia do dia seguinte. Nosso Fusquinha, com quatro pessoas a bordo e carregado com roupas, malas, *sleeping bags*, e outras coisas, não conseguia correr muito na estrada de areia e pedra.

Tínhamos viajado apenas uma hora, e já havia escurecido, quando nos deparamos com um caminhão que transportava mercadorias e passageiros, tombado no meio da estrada. O gerente do hospital desceu e, com uma lanterna de mão e ajuda dos faróis do Fusca, foi examinando o terreno ao lado da estrada. Com muito cuidado, passamos por cima de inúmeras touceiras de capim, conseguindo prosseguir a viagem.

Depois de andarmos mais uma hora, encontramos a estrada interrompida por uma corrente. Era um posto policial. Devido aos problemas enfrentados com o movimento revolucionário Sendero Luminoso, estávamos sujeitos a uma

série de explicações. Felizmente, os adventistas são bem conhecidos no País e não tivemos dificuldades. Lá pelas 10h da noite, percebemos que devíamos abastecer o carro. Quando finalmente encontramos um posto, tivemos que despetar o frentista que dormia, para que nos abastecesse, o que foi feito usando uma lata de 20 litros e um funil.

Enquanto a viagem prosseguia, o presidente ia contando histórias curiosas e impressionantes sobre o trabalho adventista na região. Eu, com muito sono, no banco de trás, dormia e acordava devido ao cansaço, frio e efeitos da altitude. Num determinado momento, o carro parou e eu despertei. Observei que o presidente tirou de sua pasta um altímetro, e com a luz da lanterna, disse:

— Estamos a 4.600 metros de altitude! Este é o ponto mais elevado da viagem, logo mais vamos iniciar a descida até chegarmos a 1.200 metros.

Alguns minutos após reiniciarmos a marcha, ele interrompeu o silêncio:

— Estão vendo aquela cruz? Foi ali que o motorista de um coletivo que subia a estrada, não conseguiu fazer a mudança de marcha, perdeu o controle e o veículo caiu serra abaixo. Todos os passageiros morreram e, entre eles, um dos nossos pastores!

Ao regressarmos compreendi o porquê dessa história. Nós viajavamos quase que o tempo todo com um paredão à direita e um despenhadeiro à esquerda.

Pouco depois dessa informação, encontramos um caminhão que vinha em sentido contrário. A estrada estreita só permitia a passagem de um veículo. A lei da experiência indicava que o veículo que estivesse descendo, devia parar ou retroceder até um ponto que permitisse a passagem do outro. Antes que fosse necessário retroceder, foi possível encontrar um local onde o Fusca, praticamente encostado no barranco, permitiu a passagem do caminhão.

Passava da uma e meia da manhã quando o pastor parou o carro para descansarmos um pouco. Desfrutamos ali, em meio a uma escuridão quase total, de um espetáculo gigantesco. Um céu tão cheio de estrelas que, dificilmente, se vê igual em outro local.

— Estamos quase chegando — disse o presidente.

Chegamos ao local previsto depois das 4h da manhã. Tratava-se de uma escola rural onde um casal de indígenas trabalhavam como professores, diretores e preceptores. Ali havia vários pequenos quartos que abrigavam durante a semana alunos que chegavam para as aulas no domingo à tarde, voltando para seus lares na sexta-feira.

Duas coisas me impressionaram nesta visita. Primeiro, ver a disposição de professores para servir num local tão distante e isolado como este. Segundo, ver a disposição de nossos irmãos tão simples, felizes por apoiarem e ajudarem a manter uma escola para que seus filhos recebessem uma educação cristã.

Tivemos que despertar o casal para que nos indicasse o local onde poderíamos descansar um pouco. Em poucas horas mais devíamos reiniciar as nossas atividades com os professores dessa escola e de um colégio secundário que funcionava nas proximidades.

Ao perguntar, na manhã seguinte onde ficava o “baño” (banheiro), indicaram-me uma pequena casa de quatro paredes, sem porta, nas proximidades da escola. Foi aí que descobri que o uso do assobio ou algum cântico fazia o papel de porta, indicando a quem se aproximasse que o recinto estava ocupado.

Como era sexta-feira, desejava tomar um banho antes do pôr-do-sol. Ao perguntar, me indicaram o rio que passava a uns 50 metros da escola, cujas águas procediam do degelo das montanhas próximas. Foi, no mínimo, “interessante” tomar um banho de sexta-feira, mergulhando em água quase gelada!

No sábado tive o privilégio de participar da santa ceia com aqueles irmãos tão simples e tão dedicados. O suco de uva para a santa ceia foi preparado com uvas passa, que o presidente tinha trazido e deixado de molho na noite anterior, e que ao serem espremidas, transformaram-se em suco.

De sábado para domingo, meu colega de quarto e eu tivemos a oportunidade de rir pra valer pela madrugada. Nossas camas eram de madeira e sem colchões. Sobre as tábuas soltas do estrado estendemos o nosso saco de dormir. Ao movimentar-se na cama, as tábuas do estrado do meu colega se soltaram todas e, com um grande barulho, caíram junto com ele no chão!

No domingo, após o desjejum, iniciamos a nossa viagem de volta. A caminho visitamos o colégio secundário de Sandía, cujos professores haviam estado conosco nas reuniões. Antes de continuar, passamos num mercado para comprar algo para o almoço. Tudo o que conseguimos como aceitável foram algumas bananas. Ao reiniciarmos a subida da serra, encontramos um lugar apropriado para almoçar junto a uma pequena corrente de água. Ali paramos. Nosso menu se constituía de biscoitos salgados com atum trazido pelo presidente, mais as bananas compradas. O suco foi a água gelada procedente das geleiras.

Com seu espírito jovial e brincalhão, de vez em quando o presidente repetia:

— O pastor Nevil foi o primeiro representante da Divisão Sul-Americana a pisar estas paragens!

Se isto era verdade, não sei, mas uma coisa é certa, essas experiências ficaram para sempre gravadas na minha mente. Amizade, desprendimento, dedicação, bom humor e contentamento são ingredientes imprescindíveis na vida de um missionário.

Tempestade no meio do lago

Em uma de minhas viagens à União Incaica, quando era ainda formada pela Bolívia, Peru e Equador, estava em meu itinerário visitar a Missão do Lago Titicaca. Esta Missão tem este nome porque o seu território margeia toda a costa peruana do Lago Titicaca, localizado entre o Peru e a Bolívia, a uma altitude de 3.850 metros. É conhecido como o lago navegável mais alto do mundo. A Missão, por sua vez, é conhecida nos meios adventistas como sendo uma das regiões de maior densidade habitacional de adventistas. Há cerca de um adventista para cada 17 habitantes. Isto se deve especialmente ao fato de que, na região, sempre houve um número elevado de escolas paroquiais.

Ao chegar à cidade de Puno, às margens do Lago Titicaca, onde está a sede da Missão, tínhamos como objetivo avaliar o Departamento de Educação naquele mesmo dia, uma sexta-feira. No sábado, estaríamos com os irmãos e, no domingo, eu viajaria para La Paz, na Bolívia.

Tão logo desembarquei na estação ferroviária, fui conduzido até a casa do presidente da Missão, pastor Eliezer Sanchez. Havia três razões pelas quais eu, geralmente, me hospedava na casa dele: ele havia se formado em teologia no IAE; havia se casado com uma brasileira, Cleonice Ferrari, filha de um ex-funcionário do IAE; e, por último, em casa ele tinha sempre à disposição uma garrafa de oxigênio, a qual me ajudava especialmente à noite, quando era atacado por forte dor de cabeça decorrente da altitude.

138

Os irmãos haviam programado para aquele fim de semana um retiro espiritual dos obreiros da Missão com a igreja local. O diretor de educação da União e eu, como visitantes, deveríamos acompanhá-los até a ilha de Taquile, localizada a três horas de barco Lago a dentro. Esta ilha é habitada por indígenas locais convertidos ao adventismo.

Em virtude dessa programação, o trabalho de avaliação seria feito no barco durante a viagem. O departamental local havia preparado todo o material necessário e fizemos a avaliação num clima cordial e alegre, bem diferente de outras reuniões desse tipo feitas no ambiente formal de um escritório.

Como me haviam dito que esta ilha era uma ilha turística, fiquei curioso para saber como seria a hospedagem, mas, de qualquer maneira, me sentia seguro porque levava comigo a garrafa de oxigênio, que era o mais importante para o meu bem-estar.

O sol estava quase se pondo quando o barco chegou ao ancoradouro. Ao descer do barco, vários jovens, sabendo que eu não devia carregar peso devido à altitude, prontamente carregaram minha pasta e a garrafa de oxigênio. Na ilha não divisei nenhuma edificação significativa, mas algumas luzes foram se acendendo em diferentes lugares, à medida que ia escurecendo. Enquanto

descíamos, passamos a ouvir o som de pessoas que cantavam hinos, o que tornava o ambiente familiar e acolhedor.

A ilha era uma colina em cujo topo havia um salão para umas 300 pessoas aproximadamente, coberto de capim. Ao redor havia algumas construções menores, cobertas e revestidas interna e externamente de capim, como proteção contra o frio. Era um ambiente preparado para reuniões especiais dos nativos com pessoas vindas de outros lugares. Os habitantes moravam em pequenas casas semelhantes.

O diretor de jovens da União, pastor Jorge de Souza Matias, que liderava o retiro, indicou meu aposento numa dessas pequenas casas com dois cômodos, e disse:

— Este é o seu quarto. Seu companheiro será o diretor de educação da União, Dr. Castillo.

O mobiliário era constituído de duas camas de adobe forradas de capim. A roupa de cama era o saco de dormir, que me haviam entregado no barco.

Ao retirar-se, o pastor Jorge de Sousa Matias acrescentou:

— Pastor Nevil o culto desta noite é por sua conta.

— Como ao viajar a gente tem que estar pronto para fazer o que for solicitado, não discuti e aceitei a incumbência, certo de que a pregação do sábado seria dele. Depois de lavar as mãos e o rosto em uma bacia com água a uma temperatura próxima a zero grau, trazida gentilmente por duas senhoras, fomos convidados para uma rápida refeição.

Após o jantar os habitantes da ilha foram chegando aos poucos, e não demorou muito para que o salão ficasse totalmente lotado. As mulheres assentadas de um lado e os homens do outro. Como os assentos não foram suficientes, especialmente considerando as crianças, muitas mulheres se assentaram no chão, estendendo suas saias rodadas para que dois ou três dos filhos se acomodassem em volta. Fiquei surpreso também ao observar que muitas dessas pessoas traziam consigo um gravador, para gravar toda a programação e levá-la para casa.

Antes de começar a pregar, me apresentaram o tradutor, pois os nativos tinham a sua língua própria. Para mim o sermão teve um sabor diferente. Foi pensado em português, falado em espanhol e ouvido em uma língua desconhecida. Fiquei admirado ao ver com que entusiasmo aqueles irmãos cantavam, e com que atenção acompanhavam a pregação.

Concluído o culto, veio novamente o pastor Jorge Matias, dizendo:

— Pastor, muito obrigado pelo sermão de hoje, amanhã queremos ouvi-lo novamente.

— Jorge, esta é uma reunião especialmente de jovens e você é o departamental de Jovens da União. Agora é sua vez — disse eu!

— É verdade, pastor, eu sou o diretor de Jovens da União e estou decidindo

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

que o senhor, como diretor de educação da Divisão, será o nosso pregador.

Vi que era melhor obedecer e, no sábado, após uma entusiasmada Escola Sabatina, tivemos um lindo culto com uma atenciosa audiência.

Após o culto me disseram que o almoço seria oferecido pelos irmãos da ilha. De acordo com o costume e cultura locais, foi colocada uma grande mesa e, sobre ela, uma enorme toalha contendo o prato do dia: batatas, milho cozido e outros ingredientes. A novidade para mim era que o povo usava as mãos para retirar o alimento e para comê-lo! Percebendo que eu estava um tanto sem jeito, a esposa de um missionário americano ofereceu-me um prato e talheres. Dessa forma eu pude sair do aperto e aproveitar a comida que estava saborosa.

Como dado curioso, vou contar-lhes sobre um prato típico do Peru, a Patcha-camanca. Enquanto o alimento a ser servido é preparado e temperado, constituído geralmente de batatas, espigas de milho verde, pedaços de carne bovina, de cabrito ou frango; fora da casa é preparado um buraco com pedras que são aquecidas com fogo forte. Quando as pedras estão bem quentes, todo o carvão e a lenha são retirados e as pedras cobertas por folhas de bananeira. Sobre elas, então, é colocado o alimento a ser cozido. Por sua vez, este é também coberto com folhas de bananeira. Finalmente, tudo é coberto com terra. As pessoas que têm prática sabem o tempo certo para retirar a terra e as folhas, e o fazem de tal maneira, que o alimento fica inteiramente limpo para ser consumido.

140

Mas voltemos à ilha de Taquile. Após o almoço, deveríamos tomar um barco que nos levaria de volta a Puno. Às 14h, o nosso barco partiu e a viagem transcorreu tranquila por uma hora. De repente, o motor sem dar qualquer sinal prévio, parou de funcionar. Os tripulantes fizeram de tudo e nada conseguiram.

Depois de uma meia hora parados. No meio do lago, surgiu nas proximidades uma embarcação. Isto me alegrou porque significava a chegada de auxílio; porém, ela passou a uns cem metros de distância e a tripulação de nosso barco não fez sequer um sinal solicitando ajuda. Manifestei ao meu companheiro de viagem a minha admiração por tal indiferença, ao que ele esclareceu:

— Acontece que os proprietários dos barcos são de tribos diferentes. Não se falam e nem se ajudam!

Aguardamos mais meia hora quando apareceu outro barco. Felizmente, era da mesma tribo. Prontamente encostou e os seus tripulantes tentaram consertar o motor, mas sem resultados. Decidiram, então, que o novo barco, embora sendo menor, rebocaria o nosso. Parte dos passageiros teve que passar ao outro barco, prosseguindo a viagem, mas lentamente.

Nos lugares onde havia tutora, um capim semelhante à taboa (tipo de junco) do Brasil, que cresce partindo do leito do lago, os barcos eram obrigados a seguir o caminho por entre a tutora. Ao chegar à primeira curva, o barco da frente seguiu na direção certa, mas o nosso, puxado por cordas, entrou direto na tutora. Ali perdemos um bom tempo tentando colocar o barco na direção correta. Como o problema se repetiu, comentei com meu companheiro que, no Amazonas, os barcos são amarrados um ao lado do outro para evitar esse problema. Meu colega revestiu-se de coragem e foi dar essa ideia aos nativos que manobravam os barcos. A sugestão foi recebida com ceticismo:

— Isso pode funcionar no Amazonas, mas aqui não!

Na curva seguinte, o nosso barco entrou de tal maneira no meio da tutora que, com todo o esforço feito, não foi possível retirá-lo. Como estava anoitecendo e ameaçando chover, pediram a todos os passageiros que passassem ao barco da frente, deixando o outro encalhado.

A viagem continuou com muita lentidão e, com ela, uma chuva muito forte. O timoneiro tinha dificuldade de enxergar o caminho. Então, um dos tripulantes, com uma lanterna de mão, ia dando instruções ao timoneiro sobre a direção a seguir. Devido à chuva, a maior parte dos passageiros se concentrou na proa do barco, porque era coberta. O barco, então, tornou-se mais pesado na parte dianteira. Ao bater de frente contra as fortes ondas provocadas pelo vento, a água jogada contra o barco corria pelos bancos laterais de tal forma, que ninguém podia permanecer assentado. A situação era tão tensa, que o silêncio era total pelo medo que todos sentiam, pensando num possível naufrágio. Nesse momento, apareceu um dos tripulantes abrindo passagem entre os passageiros que estavam em pé. Abriu um grande armário, e começou a distribuir boias salva-vidas. Ninguém ficou com dúvidas sobre o perigo que estávamos enfrentando.

Silenciosamente continuei orando pela proteção divina. O meu coração se alegrou quando pudemos divisar no horizonte as luzes da cidade de Puno, e, à nossa direita, a silhueta de uma ilha a mais ou menos quinhentos metros de distância. Nesse momento comecei a pensar: com sapatos, vestido com capa, ajudado apenas por uma pequena boia, será que daria para nadar pelo menos até aquela ilha, caso o barco submergisse? Enquanto imaginava esta ou aquela possibilidade e orando para que Deus conduzisse a embarcação, fomos lentamente nos aproximando do porto da cidade de Puno.

Nervoso, porém, confiante, estava nos aguardando o pastor Eliezer Sanchez. Ao chegarmos a sua casa nos ajoelhamos agradecendo a proteção divina e o fato de estarmos vivos. O Pastor Sanchez me confidenciou:

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

— Estava pensando já em alugar um barco maior e sair à procura de vocês, quando divisei uma pequena luz no lago. Resolvi, então, esperar mais um pouco. Deu certo, graças a Deus!

Depois de passar uma noite confortável na casa da família Sanchez, parti para uma viagem de apenas 200 quilômetros entre Puno e La Paz, mas que iria consumir quase um dia de viagem, em razão de uma estrada não asfaltada e cheia de imprevistos.

O ônibus no qual deveria viajar procedia de Lima. Eu já tinha minha passagem com lugar marcado com antecedência. Ao procurar o meu assento, encontrei-o ocupado por outro passageiro que não quis saber de nada. Falando com o motorista, este me disse que procurasse outro assento. Para não discutir, sentei-me bem mais atrás.

Tão logo foi iniciada a viagem, notava-se claramente que o ônibus estava com um pneu defeituoso, porém o motorista, sem fazer caso, continuou até que o pneu estourou. Ao tentar parar no acostamento, a terra era frouxa e o ônibus quase tombou para o lado direito. Agora, sim, ele tratou de ser cuidadoso, pedindo a todos os passageiros que fossem calmamente até a frente para saírem pela porta de emergência, que ficava ao seu lado.

Depois que todos se retiraram, ele foi tomar providências para resolver o problema. Porém, antes de qualquer coisa, ele precisava remover o ônibus daquela situação crítica! Era necessário que algum caminhão se dispusesse a parar e, com um cabo, puxar o ônibus. Mas os caminhões não paravam. Percebendo essa situação, os passageiros se posicionaram todos no meio da estrada para forçar os caminhões a pararem. Felizmente, o primeiro que veio parou, e também possuía o cabo necessário para rebocar. Uma vez recolocado o ônibus na estrada, o pneu foi substituído e a viagem continuou.

Depois de passarmos pela fronteira entre Peru e Bolívia, surgiu outro problema. A cada passo a estrada estava interrompida devido a uma greve dos motoristas de coletivos. Mesmo correndo o risco de ter o seu ônibus apedrejado, o motorista foi removendo as pedras e continuando a viagem até chegar à entrada de La Paz.

Considerando que dali para frente o risco seria maior, parou o ônibus e despediu os passageiros. Como eu já sabia o nome do hotel onde ficaria, consegui um táxi e resolvi o meu problema. Tinha sido um cansativo dia de viagem, a 4.000 metros de altitude, para um percurso relativamente curto que, com a graça de Deus, terminou bem.

A escola que flutua!

Dentre as muitas escolas adventistas espalhadas pelo altiplano peruano, há uma que se tornou mundialmente conhecida: A Escola Flutuante. Tem esse

nome por ser realmente uma escola constituída de uma grande sala de madeira com cobertura de zinco, que flutua no lago Titicaca, apoiada sobre grandes tambores vazios. Ela atende a alunos da tribo dos Uros, que habitam em várias ilhas flutuantes existentes ao redor. A escola está anexada à maior delas. Essas ilhas são formadas de folhas de tatora cortadas e depositadas sobre a água, formando uma camada flutuante que permite andar sobre a mesma.

As folhas da tatora tem mil e uma utilidades. Com algumas varas trazidas dos arredores do lago, os indígenas constroem uma armação sobre a qual colocam folhas de tatora para servirem de cobertura às suas casas. Sobre este piso ligeiramente móvel, as crianças brincam, correm e até jogam futebol com bolas de pano. As referidas folhas são tecidas de tal maneira, que se convertem em canoas. Os remos são feitos com a tatora tecida, presa a uma vara, e o talo fresco é usado como alimento semelhante ao nosso palmito.

Em uma de minhas viagens ao Peru, acompanhado de minha esposa, nos levaram para visitar uma dessas “Islas Flotantes”, habitadas pelos Uros. Essas ilhas são uma atração turística da região. O objetivo da nossa viagem era conhecer a dita escola. No momento em que o pequeno barco que nos conduzia atracou no lugar em que deveríamos descer, os alunos estavam justamente brincando na hora do recreio.

Percebendo a nossa chegada, o professor e diretor da escola veio nos recepcionar. Antes que descêssemos, o professor pediu que aguardássemos um momento. Tirou do bolso um apito e fê-lo trinar. Imediatamente foi cercado por todos os alunos que, deixando o seu brinquedo, atenderam ao toque do seu chamado. O professor nos apresentou como visitantes do Brasil, que havíamos chegado para conhecer a escola, e que deveriam recepcionar-nos apresentando alguns dos seus cânticos.

Sem mais explicações, ele iniciou dizendo:

— Agora em português! Um, dois, três...

E eles irromperam cantando a canção brasileira “Cidade Maravilhosa”. Agradecendo, aplaudimos. O professor continuou:

— Agora, em inglês! Um, dois, três...

E apresentaram uma ligeira canção folclórica em inglês. O programa de recepção continuou com canções típicas em espanhol, francês, japonês etc. Esta é a sua maneira característica de saudar os turistas de diferentes nacionalidades que visitam a ilha.

Antes de sair, disseram-nos que seria bom levar algumas balas ou guloseimas para alegrar a criançada. Ao terminar essa singular e admirável recepção, abrimos o pacote de balas que havíamos comprado e jogando as balas para o ar, vimos aquelas meninas e meninos tostados pelo sol e pelo frio, esbanjarem sua felicidade e vigor procurando apanhá-las.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Logo que descemos, algumas senhoras da ilha ofereceram à minha esposa alguns “regalos” por elas produzidos para vender aos turistas. Era muito interessante observar como assentavam-se no chão para costurar e tecer os seus trabalhos e bordados. Elas são verdadeiras artesãs!

Ao visitar a escola, nos surpreendemos com o cunho prático do ensino ali ministrado. As paredes da sala estavam superlotadas de trabalhos expostos, feitos pelos alunos. O professor nos mostrou especialmente um projetor de slides feito com sucata.

Antes da nossa partida, nos ofereceram uma ligeira refeição: Peixe Rei grelhado e batatas assadas na brasa. Por sinal as batatas peruanas são deliciosas. E como salada, talo da célebre tutora, cortada como se fosse palmito. Tudo muito limpo, saudável e saboroso. Ainda fomos deleitados por alguns números musicais apresentados por jovens que tocavam instrumentos artesanais por eles fabricados, a partir de uma variedade de bambu.

Regressamos com profunda gratidão a Deus pela maneira carinhosa como fomos tratados, e por podermos testemunhar do poder do evangelho na vida de pessoas tão simples e desprovidas de recursos. É admirável ver como a educação e a religião contribuem para transformar vidas, tornando-as úteis e produtivas.

Nas profundidades do Grand Canyon

144

Em 1992, em virtude de um convite da Associação Geral, tive o privilégio de fazer uma viagem de estudos organizada pelo *Geoscience Research Institute*, na companhia de educadores e administradores adventistas de 22 países diferentes. Todos os participantes do grupo nos encontramos em uma cidade, previamente estabelecida, no estado de Montana, ao norte dos Estados Unidos. Partindo dali, viajamos num ônibus especial, durante 15 dias, passando pelos estados de Wyoming, Colorado, Utah, e terminamos em Flagstaff, no estado do Arizona.

Para o percurso total de quase 2.000 quilômetros, os locais para pernoite estavam previstos e com as reservas feitas. As refeições, salvo poucas exceções, eram na base de sanduíches, que cada um devia providenciar. Em cada dia estava programado uma parada em algum supermercado, onde todos podiam reabastecer-se de frutas, pão, leite e sucos.

O objetivo principal da viagem era visitar locais que ofereciam condições de observação, enquanto recebíamos explicações dos especialistas em Geologia, sobre as camadas geológicas que evidenciam uma catástrofe universal na sua formação, como o dilúvio, por exemplo. Várias informações curiosas e úteis sobre os fósseis nos foram dadas, bem como resultados de pesquisas que confirmam a ação da água e do vento em determinadas circunstâncias.

Dentre os muitos locais por onde passamos, os mais atrativos e interessantes foram o Parque National Yellowstone, o Grand Canyon do rio Colorado e o Bryce Canyon.

No Grand Canyon gastamos um dia inteiro. Ao descer por uma estreita trilha pelas encostas do precipício, várias vezes fomos detidos para explicações científicas. Como grupo, descemos todos até uma profundidade de 1.600 metros. O pastor Leo Ranzolin, meu companheiro de quarto, e outros, descemos até 2.000 metros ou mais. No dia seguinte, quase todos caminhávamos com dificuldade devido ao exercício em excesso. Naquele dia ninguém se preocupou com o jantar; todos queríamos dormir.

No Bryce Canyon passamos o sábado. Foi um dia muito agradável, pois além de muitas explicações geológicas úteis, a Escola Sabatina no parque foi curiosa, pelas mensagens musicais. Os participantes foram desafiados a cantar em seu idioma natal. O pastor Leo e eu, únicos brasileiros, nos unimos a uns três ou quatro de língua espanhola e formamos um pequeno conjunto. Cantamos dois hinos, um em português e outro em espanhol.

Também tivemos o privilégio de ter um almoço especial que foi oferecido por um grupo de professores de Loma Linda University. Eles tinham vindo para passar o dia conosco, uma vez que não estavam muito distantes na Califórnia.

À noite, no hotel, tivemos uma interessante conferência ilustrada com projeções, mostrando a ação do vento na formação de novas estruturas. Na manhã seguinte, após o desjejum, nos despedimos e cada um tomou seu rumo de volta para casa.

Sou profundamente grato a Deus, até hoje, pela maravilhosa experiência dessa viagem e de outras mais que Ele me permitiu fazer, com a segurança de sua constante proteção e cuidado. Estimo que, durante os 15 anos de trabalho na Divisão Sul-Americana, fiz de 700 a 800 viagens aéreas, e embora tenham ocorrido alguns transtornos envolvendo horários e cancelamento de voos, nenhum problema ocorreu com minha bagagem ou integridade física. Por tudo sou muito grato a Deus.

Homenagens e reconhecimentos

Tanto no Unasp como na Divisão Sul-Americana, locais onde me dediquei à causa de Deus, sempre recebi palavras de carinho, apreço e reconhecimento, muitas vezes materializados na forma de programas, refeições, concessão de placas etc. A Deus todo o meu reconhecimento pela saúde e energia que me concedeu para desempenhar as funções que me foram confiadas. Sem minimizar qualquer das manifestações recebidas, farei referência apenas àquelas que ocorreram nos últimos anos de trabalho, dedicando a Deus e à sua igreja o mérito por essas manifestações:

Ano Internacional do Docente Adventista

Em 1989, a Associação Geral decidiu que em todo o mundo fosse celebrado o Ano Internacional do Docente Adventista. Em agosto desse ano, recebi da União Chilena uma placa de cobre com os dizeres: “*En reconocimiento por su abnegada labor en la Educación Adventista*”. “*Los hombres sabios, los que guiaron a muchos por el camino recto, brillarán por siempre como las estrellas*”. Daniel 12:3. Em dezembro do mesmo ano, recebi da União Austral uma Placa de Bronze que diz: “*La Iglesia Adventista del Séptimo Día, en reconocimiento a NEVIL GORSKI, por su destacado aporte en el campo de la docencia y la administración educacional*”.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Medalha Award of Excellence

O Departamento de Educação da Associação Geral confere esta medalha aos educadores que tenham dedicado a maior parte da sua vida à causa da educação cristã e com influência estendida a mais de uma União. Recebi esta honra em sessão solene da 55ª Assembleia da Associação Geral da IASD, realizada em julho de 1990, na cidade de Indianápolis, nos Estados Unidos.

Título de Cidadão Paulistano e Medalha Anchieta

No ano 1992 o vereador Armelindo Passoni propôs à Câmara Municipal de São Paulo prestar uma homenagem à Igreja Adventista através de um dos seus educadores, concedendo-lhe o título de cidadão paulistano e conferindo-lhe ao mesmo tempo a medalha Anchieta em função de serviços prestados à comunidade. Esta distinção foi-me conferida em sessão pública solene no Plenário da Câmara, em 23 de abril, como diretor geral do IAE, por ser esta uma Instituição de renome na cidade. Tive a oportunidade de dedicar todos os méritos da homenagem à Deus, à minha querida igreja e ao IAE.

Título de Doutor “Honoris Causa” conferido pela Universidad Peruana Unión

148

Recebi este galardão em abril de 1994, pelos serviços prestados à Educação Adventista na América do Sul e, especialmente, nos trabalhos de planeamento e abertura da Universidad Peruana Unión. No ato solene, a outra pessoa homenageada foi o Vice-Presidente da República do Peru.

Troféu conferido pelo Congresso Ibero-Americano da Educação Adventista

Recebido em Montemorelos, México, em 1998, é um Troféu de Bronze com a seguinte inscrição: “*Homenage Magisterial al Educador NEVIL GORSKI, por su luminosa trayectoria como maestro y despertador de conciencias*”.

Troféu Casa Aberta Ano 2000

A Casa Publicadora Brasileira, por ocasião do seu centenário, homenageou diversas pessoas relacionadas à sua história. Recebi o troféu representando os educadores adventistas e os livros didáticos da Casa Publicadora Brasileira. De fato, como Diretor do Departamento de Educação da Divisão, e como diretor do IAE promovi e participei de muitas reuniões focalizando a necessidade da produção de livros didáticos não só de Reli-

gião, mas também para as outras disciplinas seculares. Sou grato a Deus e à colaboração da CPB pelo êxito alcançado neste projeto tão significativo para a educação adventista no Brasil.

Hoje, nossos educadores do ensino básico podem contar com livros de texto para muitas disciplinas com base no criacionismo e na filosofia educacional adventista.

Placa de Educador Emérito

Placa recebida em dezembro de 2000, ao encerrar minha gestão como Reitor do Unasp, das mãos do Pró-reitor do Campus Engenheiro Coelho, professor Daniel Baia. A carinhosa mensagem diz: “Pastor Nevil Gorski, emérito educador! O Centro Universitário Adventista presta-lhe sincera homenagem pelos 57 anos de dedicação à educação adventista no Brasil, pelo sério comprometimento com os valores cristãos, pelo exemplo de vida digno de imitação e por ter sido um marco na história desta instituição como seu primeiro reitor.”

Prêmio Professor por Excelência e Placa Comemorativa

Recebido em maio de 2004, depois de haver completado 60 anos ininterruptos dedicados à educação adventista, como professor e administrador. Prêmio concedido pela Divisão Sul-Americana, a União Central Brasileira e o Unasp, numa linda e inesquecível cerimônia, ocasião em que foram homenageados também os meus colegas Orlando Rubem Ritter e Oly Ferreira Pinto.

Após uma bela mensagem apresentada pelo presidente da Divisão Sul-Americana, pastor Ruy Nagel, o professor Euler Pereira Bahia, Reitor do Unasp, entregou a cada um uma estatueta com o título de Prêmio Professor por Excelência, acompanhada de uma Placa Comemorativa.

Título de Honra ao Mérito

Concedido pelo conselho superior universitário do Centro Universitário Adventista de São Paulo, em 24 de março de 2011, em reconhecimento à dedicação a às relevantes contribuições prestadas ao Centro Universitário Adventista de São Paulo, na forma de serviços, influência e legado pessoal.

Na mesma data foram homenageados também: professor Orlando Rubem Ritter, Professor Oly Ferreira Pinto, Professora Liliana Felcher Daniel e Pastor Homero Luís dos Reis.

Homenagem de um amigo

Após o privilégio que o professor Nevil me propiciou de revisar o seu livro, eu quero, também homenageá-lo com as palavras do poema abaixo, e o faço com pessoal apreço, pelo amigo que ele foi durante uma década de companheirismo profissional no então IAE, bem como pela estirpe de educador que ele revelou através dos seis longos decênios em que atuou nessa esfera bendita da educação cristã.

Poema de Reflexão

Título em acróstico

O fiel e verdadeiro educador cristão

Por razões óbvias, tem um distinto perfil:

Ele sabe que o mero ensinar, claro, não

Resume sua tarefa: esse engano sutil

Fixado, aliás, por muitos, não o faz, então,

Iludir-se, também; consciente do ardil,

Liga-se ele ao Senhor, e ao cumprir sua missão,

Devota-Lhe o ser todo. E a despeito de mil

Oponentes que enfrenta quem busca ser leal,

Firma-se no educador num motivo maior:

Inteirado de que, nunca, as forças do mal

Existentes e atuantes, mesmo ao seu redor,

Lhe trarão qualquer dano, se ele, obra especial

Executa pra Deus, então, o seu melhor,

Dentro dos seus limites humanos fará...

Um viver altruísta em que à senda do bem

Conduz os seus alunos, mostrando que a má

A tortuosa estrada jamais lhes convém,

Homenagens e reconhecimentos

De outros mestres, por certo, bem distinguirá
O professor cristão e adventista, que tem,
Ressalte-se, outra meta: o céu e, para lá,
Com amor, dirigir busca ele o aluno a quem
Real valor atribui como herdeiro de Deus!
Integral formação tem tal educador:
Sabiamente a transmite aos discípulos seus!
Tendo vida exemplar, fará sempre e onde for,
Ampla obra, e há de mostrar, a “nobres” e “plebeus”,
O exemplo de Jesus, o seu Mestre e Senhor...!

Prof. José Olympio O. Paula

Vida de apostado

Após a minha jubilação denominacional, comecei a assistir às reuniões da Agremiação dos Jubilados Adventistas de São Paulo (AJASP). Esta agremiação, que funciona há vários anos, se reúne uma vez ao mês para uma meditação espiritual, notícias, convívio social e um almoço. Além dessas reuniões são programados passeios de um dia ou excursões mais demoradas. É já tradicional uma visita anual a Holambra, a cidade das flores, na época da primavera, quando a cidade organiza sua belíssima exposição dos diversos tipos de flores e folhagens ali produzidos. Em 2003 e 2004, não pude esquivar-me de exercer a presidência dessa agremiação.

Em julho de 2004 nos mudamos para Engenheiro Coelho, onde havíamos concluído a construção de uma casa, valendo-nos dos recursos economizados nos últimos 20 anos. Está localizada no condomínio Lagoa Bonita, nas proximidades do Unasp-EC. É um local muito agradável onde desfrutamos da companhia de muitos amigos, ex-colegas de trabalho, ex-alunos e obreiros aposentados.

Aqui também funciona uma agremiação de jubilados, com sede própria e atividades semelhantes às de São Paulo. Depois de frequentá-la como membro regular, em 2005, aproveitaram a minha ausência em uma das reuniões e fui eleito presidente. É um trabalho a mais, é verdade, mas é um prazer colaborar com esse grupo tão alegre e animado que dedicou toda a sua vida ao serviço do Senhor.

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

Como jubilado, não tem faltado o que fazer; além das atividades da agremiação, atuo como professor da escola sabatina e ancião da igreja, atendendo ainda aos muitos convites para pregar ou realizar cerimônias eclesiais nas igrejas da redondeza, sem esquecer os trabalhos da casa e da horta doméstica.

Com minha esposa desfrutamos alegremente de nossa jubilação. Somos imensamente gratos a Deus pelas suas bênçãos. Mais uma vez dou testemunho da atuação de Deus em minha vida!

Epílogo

Nos meus 57 anos como obreiro de tempo integral e mais três anos como obreiro jubilado de tempo parcial, Deus me concedeu um grande privilégio, o de relacionar-me com inúmeras pessoas, como: alunos, membros da igreja, companheiros de trabalho, líderes denominacionais, autoridades públicas e outras. Esses relacionamentos me proporcionaram a oportunidade de estabelecer laços de amizade com muitas pessoas espalhadas por diversos países. Sou reconhecido a Deus pelo significado que estas amizades continuam representando para mim.

Além da minha profunda gratidão a Deus pelas incontáveis bênçãos recebidas no desempenho das minhas funções, expresso aqui o meu agradecimento aos líderes administrativos e educacionais das Uniões Central e Sul Brasileiras, da Divisão Sul-Americana e da Associação Geral, dos quais sempre recebi apoio, compreensão e preciosas orientações.

Às minhas secretárias que com tanta paciência souberam atender minha correspondência, preparar extensos relatórios, digitar longas atas de diferentes reuniões, procurando sempre decifrar a minha letra; a todas o meu reconhecimento e muito obrigado.

Agradeço a Deus, especialmente, e à minha esposa pela sua ajuda, apoio, conselho e amor. Muitas vezes, durante as minhas longas viagens, conduziu sozinha os trabalhos domésticos com esmero e profunda dedicação. Sem ela ja-

De aluno a reitor: o legado de Nevil Gorski

mais teria conseguido realizar o meu trabalho e chegar ao fim da minha carreira profissional com o sentimento do dever cumprido. Obrigado, Senhor.

Gratidão aos meus filhos: Elmar, Rubem e Dulce (*in memoriam*), que sempre foram uma inspiração para me dedicar ao serviço. Gratidão por terem eles apoiado à mãe na minha ausência tantas vezes. Imagino que talvez só na eternidade compreendam completamente tudo o que me foi necessário fazer e viver pela causa do mestre Jesus.

Sou grato à senhorita Maria Cristina Fernandez, a qual, pela amizade que mantém com a nossa família, se dispôs a ordenar as informações recebidas sobre a minha vida e trabalho. Cris, muito obrigado pela sua habilidade amor e dedicação.

Finalizando, elevo a Deus meu preito de louvor por sua imensa bondade, parafraseando o Salmo 136:

O Senhor é bom

Alegro-me em louvar ao Senhor, porque Ele é bom,
Porque a sua benignidade dura para sempre.

Bem cedo na vida, Ele guiou os meus passos,
Porque a sua benignidade dura para sempre.

Concedeu-me pais que me conduziram nos caminhos da verdade,
Porque a sua benignidade dura para sempre.

Diante de uma situação irregular na educação primária, fui
compensado na minha formação com valores cristãos,
Porque a sua benignidade dura para sempre.

Encontrei por ocasião do ensino secundário no internato cristão a
oportunidade para o batismo,
Porque a sua benignidade dura para sempre.

Fiquei feliz porque o meu colégio propiciou-me condições
financeiras seguras para minha educação superior,
Porque a sua benignidade dura para sempre.

Gratidão é o sentimento que tenho porque estes passos definiram o rumo
da minha vida,
Porque a sua benignidade dura para sempre.

Haveria benefício maior que o Senhor me proporcionasse do que o encontro tão singular com aquela que se tornaria minha fiel e querida esposa?

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Irmanado com outros companheiros no ideal de salvar, o Senhor nos conduziu à ordenação ministerial,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Justamente, em momentos aflitivos o Senhor livrou-me de ir para a guerra, lembrando-me de um acidente ocorrido dezesseis anos antes,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Louvo ao Senhor pelas bênçãos concedidas na abertura da Faculdade Adventista de Enfermagem, primeiro curso superior adventista a ser oficializado no Brasil,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Muitas foram também as bênçãos recebidas na abertura da Faculdade Adventista de Educação, três anos mais tarde,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Na Divisão Sul-Americana, o Senhor foi propício em conceder-nos um expressivo aumento no número de escolas adventistas e no número de alunos,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Outro feito almejado foi a abertura de oito novos internatos no território da Divisão Sul-Americana, num curto período de dez anos,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Procurando oferecer melhores condições no preparo de pastores, a Associação Geral aprovou solicitação da Divisão, para abertura do SALT,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Que alegria para educadores, membros da igreja e obreiros foi a maneira palpável como Deus conduziu a compra da propriedade para o Campus Engenheiro Coelho do Unasp,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Resultados alvissareiros foram alcançados, pela graça de Deus, na abertura de cursos superiores para o Unasp, na década de 90,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Surpreendente foi a mão de Deus na acreditação do IAE como centro universitário ocorrida em 09/09/99,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Trabalho fiel e dedicado de inúmeros colaboradores iluminados pelo Espírito Santo resultaram na criação do Unasp e outras entidades similares na Divisão Sul-Americana.

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Unidade de propósito, dedicação ao ideal e consagração ao serviço de Deus foram virtudes sempre reveladas por muitos educadores e administradores em relação a muitas conquistas no ramo de educação cristã,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Vida, vida eterna conquistada por milhares de jovens será a grande recompensa dos fiéis educadores cristãos,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

X é a grande incógnita! Quem será achado fiel? Aos que deixaram o caminho, o Senhor continua dizendo: “Eis que estou à porte e bato...”,

Porque a sua benignidade dura para sempre.

Zelosamente, me entrego hoje, nas mãos de Deus, aguardando o fiel cumprimento de suas promessas,

Porque a sua benignidade dura para sempre.



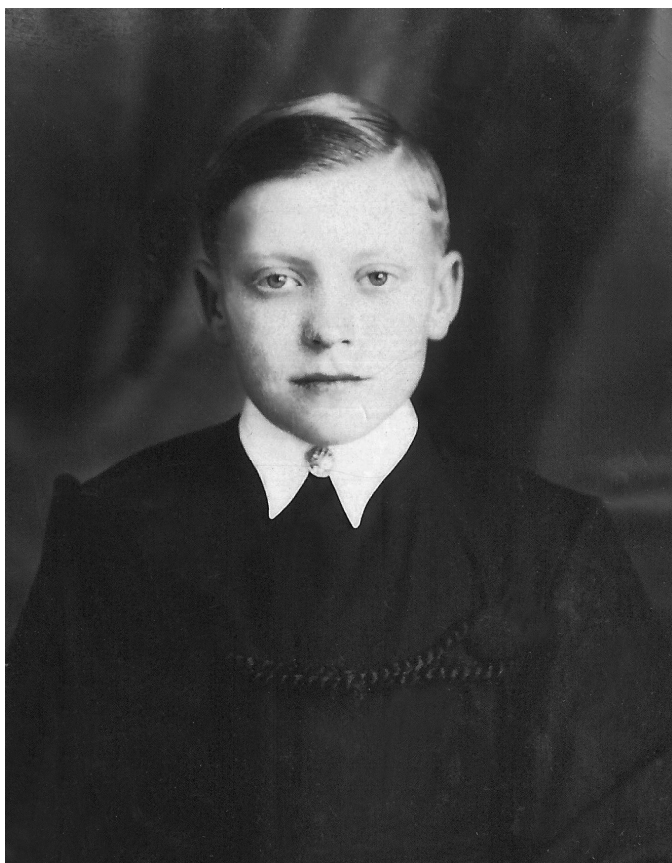
Nevil e seu animalzinho de estimação em carro feito por seu pai — 1926



Estação Ferroviária de Itararé, onde Nevil presenciou a passagem de Getúlio Vargas como presidente — 1930



Portão do colégio onde Nevil chegou para estudar em 20/01/1938



Nevil ao completar o ensino primário — 1936

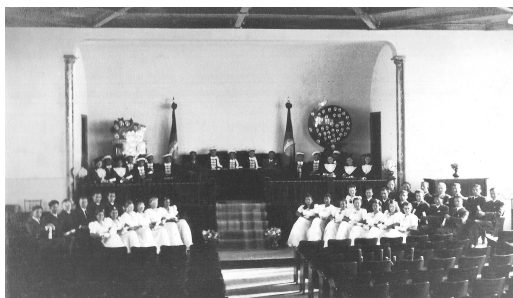


Foto de formatura da 5^o série ginásial
— 1942



Foto histórica do grupo escolar Thomé Teixeira, onde Nevil recebeu seu diploma

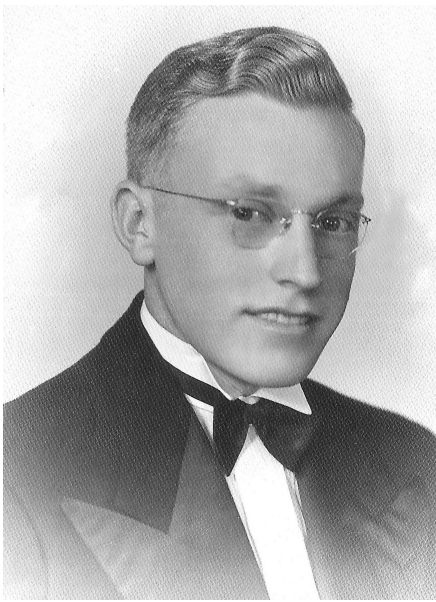


Foto de formatura da 5ª série Ginasial — 1942



Nevil na antiga represa do colégio, sendo batizado pelo Pr. Juan Meyer em 19/11/1938



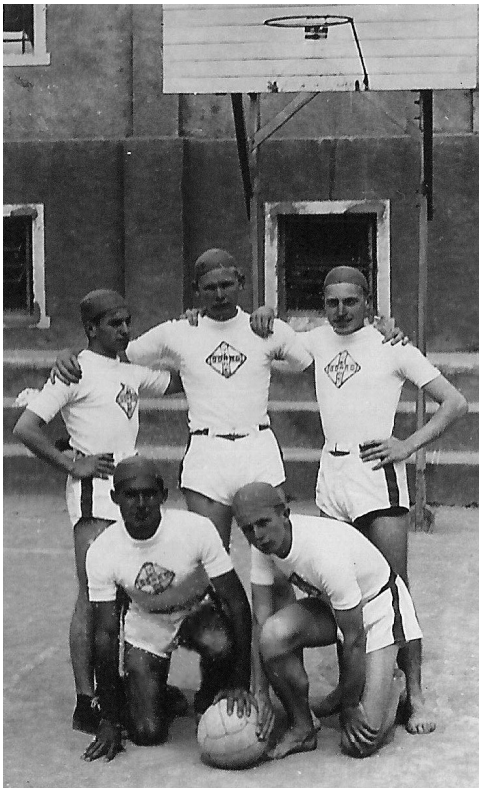
Nevil e Orlando Ritter entre os alunos internos do Colégio Adventista — 1938



Nevil, Ritter e Dassow após ingressar na USP — 1944



Bacharel e licenciado em Matemática pela USP — 1948



Equipe de basquete "gorro verde," dos anos 1942 e 1943 com a formação de Derly Alves, Frederico Gerling, Nevil, Darcy Michiles e Orlando Ritter

Nevil, seus pais e irmãos com a família Gorski completa — 1946



Passeio junto à natureza, tempo de noivado — 1947



Foto do casamento — 1948



Famílias Gorski e Ritter. Despedida dos serviços prestados à igreja de Santo Amaro — 1962



Nevil, esposa e filhos — 1957



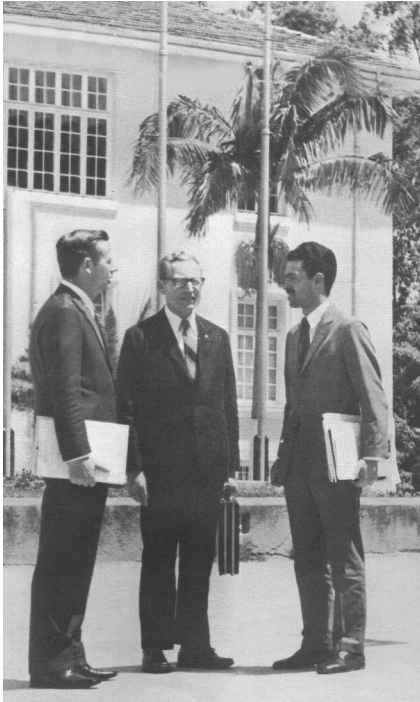
Nevil com o corpo docente do CAB — 1948



Igreja do Unasp São Paulo, construção iniciada em 1971



Formatura de Teologia, com a presença do pastor Robert Pier-son, presidente da Associação Geral — 1968



Inauguração do prédio destinado à Faculdade Adventista de Enfermagem, com a presença do representante do Consulado Alemão em São Paulo — 1973

1972 — Diretoria do IAE: Orlando Ritter, diretor acadêmico; Nevil Gorski, diretor geral; Carlos Borda, diretor administrativo



Primeiro Congresso Sul-Americano de professores universitários adventistas no IAE, São Paulo — 1987

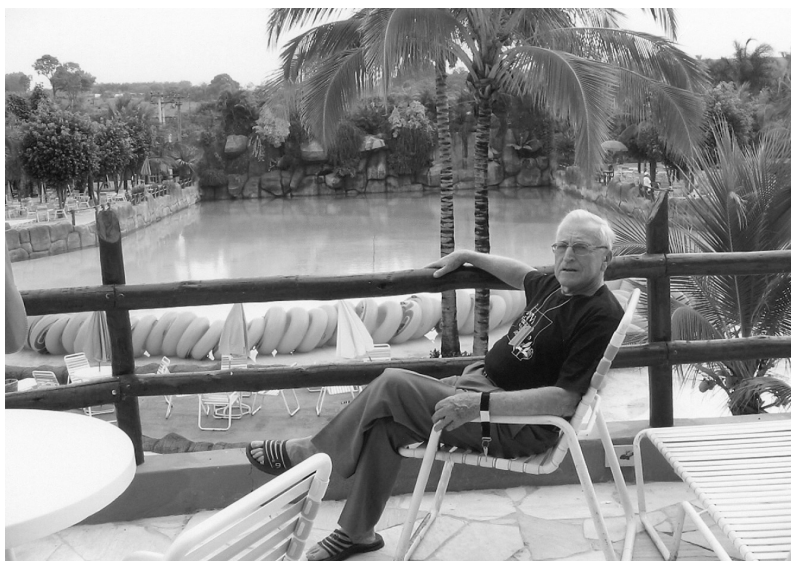


Comemoração
das bodas de di-
amante — 2008



Recepção ao primeiro neto —
Eduardo, filho de Dulce — 1981

Guilherme e Cornélia com os
filhos, por ocasião de suas bo-
das de diamante — 1976



Um dos privilégios da jubilação — 2009

Cris, que nos considera como pais, teve papel importante na edição deste livro



Nossa atual residência em Engenheiro Coelho

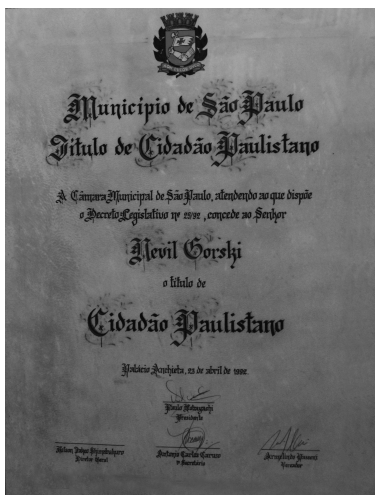




Casal Gorski rodeado pelos netos — 1985



Reunião recente com parte da família



Título de cidadão Paulistano atribuído a Nevil Gorski pela Câmara Municipal de São Paulo, em 1992



O casal por ocasião das suas bodas de ouro — 1998

CONHEÇA OS LIVROS

QUE SÃO INDISPENSÁVEIS
NA SUA ESTANTE



conheça mais em

www.unaspres.unasp.edu.br

UNASPRESS

UNASP



Conheça nossa loja virtual
<http://unaspress.unasp.edu.br>